Os protocolos dos sábios de Sião

resumo do texto traduzido e apostilado por

Gustavo Barroso

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

A CONSPIRAÇÃO UNIVERSAL SIONISTA

"Somos os corruptores do mundo, seus destruidores, seus incendiários, seus carrascos. Não há progresso, porque, justamente, nossa moral impediu todo progresso real e criou obstáculos a toda reconstrução do mundo em ruínas"

OSCAR LEVY

"Que nos odeiem, nos expulsem, que nossos inimigos triunfem sobre nossa debilidade corporal, será impossível se livrarem de nós! Nós corroemos os corpos dos povos e infeccionamos e desonramos as raças, quebrando-lhes o vigor, apodrecendo tudo, descompondo tudo com nosso civilização mofenta..."

KURT MUENGER

(*In* "Der Weg nach Sion")

"O Judaísmo é o enigma dos tempos modernos, o enigma que é preciso, afinal, decifrar na encruzilhada dos caminhos. Até aqui se obstinaram a julgar o judaísmo pela atividade positiva ou especulativa dos judeus. Péssimo método, destinado a decepções! Os judeus! Mas eles têm participação em todas as empresas materiais e espirituais, em todas as resistências e em todas as revoltas..."

Sumário

Introdução
ATA I
ATA II
ATA III
ATA IV
ATA V
ATA VI
ATA VII
ATA VIII
ATA IX
ATA X
ATA XI
ATA XII
ATA XIII
ATA XIV
ATA XV
ATA XVI
ATA XVII
ATA XVIII
ATA XIX
ATA XX
ATA XXI
ATA XXII
ATA XXIII
ATA XXIV

Introdução

A. de MONZIE

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

ou “Se nonè vero, è ben trovato”...

Uma Profecia Programada?

Faltando pouco mais de dois anos[1] para completar o centenário da sua elaboração , os famosos *Protocolos*, ou seja, o resumo das *atas das reuniões secretas dos Sábios de Sião durante o Congresso Sionista de Basiléia*, realizado em 1898, continuam espantando o mundo pela sua atualidade e também pela confirmação, ponto por ponto, das diretrizes nele definidas.

Denunciado como uma absurda falsidade pelos sionistas desde a sua primeira edição, foi - e ainda é - defendido como autêntico, real e verdadeiro por personalidades importantes da intelectualidade mundial como **René Guénon, Julius Evola, Léon de Poncins, Joaquín Bochaca**, o prelado papal Monsenhor **Ernest Jouin** e, no Brasil, pelo fundador do Museu Histórico Nacional e um dos mais importantes intelectuais do país, **Gustavo Barroso**.

Seguramente o livro mais perseguido de toda a História, os ***Protocolos*** foram alvo de um processo internacional movido pelos sionistas, no intento de declará-los falsos e, conseqüentemente, permitir a proibição de sua circulação em todo o mundo. Nesse processo, em Berna, os sionistas unicamente conseguiram a **condenação do editor dos Protocolos,** baseados numa lei suíça contra a má literatura, pornografia, etc., ***sendo esta a fraca base usada pela mídia até os nossos dias para declará-los definitivamente como*** **falsos (!).** Este processo, presidido por um juiz judeu de nome Walter Meyer, foi posteriormente anulado em segunda instância após constatada a violação das mais elementares normas de garantia de procedimento jurídico.

Verificadas as irregularidades cometidas pelo juiz Meyer, o Presidente do Tribunal de Cassação de Berna deixou patente que ***não estava em causa a questão da autenticidade dos*** **Protocolos**, mas tão somente a sua alegada imoralidade ou se se constituía em elemento de subversão. Conseqüentemente, absolveu o editor, consignando que, ***por se tratar de um escrito de cunho político, a sentença deveria reger-se pelo princípio da liberdade de expressão***. Fez-se justiça ao editor, porém a mídia internacional calou-se totalmente sobre esta decisão e sobre a realidade dos fatos em julgamento, apegando-se ferrenhamente, até os dias de hoje, à versão da condenação dos **Protocolos** como falsidade histórica...

DO QUE SE TRATA

Os Protocolos são considerados como uma obra reveladora, um mistério desvendado pela filtração das tão zelosamente guardadas Atas Secretas do Congresso Sionista de Berna, cujo conteúdo central revela uma conspiração judaico-sionista internacional e que o escritor Léon de Poncins

definia como a misteriosa *Internacional Judaica,* pelo fato da sua mensagem indicar a existência de um complô mundial. Já para René Guénon, os ***Protocolos*** seriam *"uma tática destinada à destruição do mundo tradicional"*. Também o escritor e historiador espanhol, especialista em questões judaicas, Joaquín Bochaca, define o assunto assim: *"os Protocolos dos Sábios de Sião podem ser resumidamente descritos como um estuo para o domínio do mundo por uma irmandade ou sociedade secreta"*. Seja como for, os indícios de que o plano já estava em andamento e do qual os ***Protocolos*** seriam quase que um tipo de *regulamentação* já haviam sido manifestados, no século passado, pelo todo-poderoso Primeiro Ministro de origem judaica da Inglaterra, Benjamin Disraeli, ao afirmar que *"o mundo está governado por personagens muito diferentes dos imaginados por aqueles que estão frente aos bastidores"*, tese que seria confirmada e ratificada pelo também judeu e Ministro das Relações Exteriores da tristemente famosa República de Weimar, Alemanha, Walter Rathenau, ao afirmar que *"trezentos judeus, cada um dos quais conhecendo os demais, governam os destinos do continente europeu e elegem seus sucessores entre os que os rodeiam*".

UM RESUMO

No dia 8 de Maio de 1920 o então prestigioso jornal londrino **The Times** publicou um resumo do famoso plano de dominação mundial, baseado na primeira edição dos ***Protocolos,*** que se encontra catalogada desde 1906 no Museu Britânico, sob o código 3926d17. A partir desta data iniciou-se a grande polêmica em torno do assunto. Vejamos o resumo do **Times**:

Primeiro: *Existiram e continuam existindo, desde há muitos séculos, organizações secretas políticas judaicas;*

Segundo: *O espírito destas organizações está fundamentado num ódio tradicional e eterno à Cristandade e a uma ambição titânica de dominar o mundo;*

Terceiro: *O objetivo perseguido através dos 'séculos é a destruição dos Estados nacionais e sua substituição pelo domínio judaico internacional;*

Quarto: *O método empregado para enfraquecer e destruir os agrupamentos políticos existentes consiste em introduzir idéias dissolventes com uma força destrutiva cuidadosamente dosada e progressiva e que vai desde o liberalismo ao radicalismo, do socialismo ao comunismo, chegando até a anarquia, com o aumento dos princípios igualitários. Durante este período os judeus permanecerão protegidos contra essas doutrinas destruidoras: "Nós promoveremos o liberalismo para os gentios* (goiym = não-judeus)*, porém, por outro lado, manteremos nossa Nação sob um domínio absoluto. Do fundo do abismo da anarquia em que o mundo será jogado e como resposta às lamentações da Humanidade enlouquecida, esta só obterá a lógica fria, sábia e tirânica de um Governo do 'Rei da raça de Davi', que aparecerá a seu devido tempo";*

Quinto: *Os dogmas políticos estabelecidos e desenvolvidos pela Europa cristã, a ciência do homem de Estado e do político democrata se encontram ao mesmo nível do desprezo que dele têm os Sábios de Sião. Para eles a ciência de Estado é uma arte secreta de ordem superior, que se adquire unicamente através de um treinamento tradicional somente comunicado a um reduzido número de eleitos no refúgio de algum santuário oculto. "Os problemas políticos não são de natureza a serem deixados ao alcance do homem comum; os únicos que podem compreendê-lo são, como já afirmamos, os chefes que vêm dirigindo estes assuntos durante vários séculos";*

Sexto: *Segundo esta concepção da arte política, as massas são como rebanhos de gado e os políticos que dirigem os gentios, "adventícios saídos da revolta, incompetentes e cegos"; são como marionetes cujas cordas são manejadas pelas mãos ocultas dos Sábios de Sião. Estes bonecos são, em geral, pessoas corrompidas e quase sempre incapazes, que cedem facilmente à adulação ou às ameaças e se submetem por medo a chantagens, trabalhando em benefício do domínio judaico sem nem se dar conta disso;*

Sétimo: *A imprensa, o teatro* (hoje cinema, televisão, rádio)*, a bolsa de valores, a ciência, as próprias leis, se encontram nas mãos dos que possuem o ouro. Dispõem dos meios para que se produza a confusão, o caos na opinião pública, a desmoralização da juventude, o estímulo dos vícios entre os adultos e, caso seja necessário, sabem fazer prosperar entre os gentios, em vez das aspirações idealistas da civilização cristã, a cobiça pelo dinheiro, acrescentando neles o ceticismo materialista e o cínico apetite pelo prazer.*

O PODER OCULTO SE MANIFESTA

Imediatamente após a publicação deste resumo no **The Times**, o poder oculto resolveu mobilizar-se para tentar amenizar a polêmica em torno deste assunto secreto que vinha à tona em momento tão impróprio. Já em 1921 o **Times** passava para o controle acionário do milionário judeu Hammsworth, o qual, quinze dias após a sua posse, publicou no - agora seu - veículo de comunicação, com grande alarde, três artigos afirmando que os ***Protocolos*** eram uma fraude e um plágio de um livro intitulado *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, escrito por um francês chamado Maurice Joly. Joly, descobriu-se depois, era o pseudônimo do funcionário do Estado francês, de origem judaica, Moshé Joel, íntimo amigo de Adolfe Israel Crémieux que, por sua

vez, não era nada mais do que o fundador da *Aliança Israelita Universal*. Além dessa versão, a mídia mundial encarregou-se também de divulgar outra origem dos ***Protocolos***, promovendo uma confusão premeditada, porém sempre afirmando a sua falsidade: teria sido redigida por um obscuro funcionário da polícia secreta do Czar, como represália pelo fato de serem os judeus os principais fomentadores da Revolução Comunista, que intentava a derrubada do Império Russo.

A questão da autenticidade dos ***Protocolos***, do ponto de vista dos que a negam, fica assim numa encruzilhada: ao confrontarmos o que neles está explicitado com os fatos da História até os nossos dias, concluiremos que, ou aquele obscuro agente do Czar era um verdadeiro profeta, ou, caso não o fosse, o plano é verdadeiro.

A GLOBALIZAÇÃO, OU MUNDIALISMO

Independente da autenticidade ou não dos chamados ***Protocolos*** - especificamente como documento - a realidade é que o ***Plano*** vem sistematicamente sendo posto em prática através da televisão, cinema, teatro, jornais, livros, revistas, simpósios, conferências, currículos escolares, seitas diversas, etc. Senão, vejamos algumas citações do *Plano* para comparação com a realidade através dos tempos:

No plano político:

- A política nada tem a ver com a moral.
- Na política só triunfa a força pura.
- A honestidade e a sinceridade são um mau vício em política.
- Hipocrisia e força são essenciais.

- Para alcançar uma posição é necessário muito dinheiro. E este está em nossas mãos.
- Moisés impõe o dever de subjugar todas as nações.
- Através do poder do voto é como nos apoderamos dos tronos.
- Sob nossos auspícios a plebe destruirá a aristocracia.
- Nossa imprensa promoverá e dominará os governos e os denunciaremos sem o mínimo escrúpulo para desacreditá-los, caso se rebelem contra nós.
- Se dará a paz ao mundo somente se acatarem nossas leis.
- Distrair o público com uma infinidade de espetáculos, eventos e fraseologia insensata que pareça progressista ou liberal.
- Organização de infinitas instituições cujos membros demonstrarão e elogiarão nossas contribuições ao progresso.

No plano religioso:

- Ataque à religião cristã até apagar o conceito de Deus nas pessoas.
- Destruição da fé e dos credos induzindo o ateísmo.
- A inoculação de dissidências entre as religiões.
- Fomento ao livre-pensamento, ao ceticismo, aos cismas, às discussões religiosas, ao desprezo às hierarquias

eclesiásticas com a ridicularização de seus hábitos.
- Descrédito do clero frente aos fiéis, para diminuir sua influência, diminuindo seu prestígio.
- Infiltração do Vaticano para destruir o poder e a autoridade papal.
- Supressão dos Estados cristãos e do ensino religioso nas escolas, inclusive a supressão do crucifixo nas salas de aula.
- Crítica sistemática à Igreja, sem atacá-la diretamente.
- Instituição, através do Concílio Vaticano II, do Diálogo Inter-religioso que visa o reconhecimento dos judeus como ‘irmãos maiores” do Cristianismo.

No plano moral:

- O fim justifica os meios.
- Promover o que não seja necessário ou vantajoso em detrimento do bom e do moral.
- Não retroceder ante a corrupção, a mentira e a traição, se servem ao triunfo da nossa causa.
- Contra o inimigo não é imoral valer-se de todos os meios para vencê-lo.
- O número de vítimas não é importante para atingirmos nossa causa.
- Temos uma ambição desmedida, uma cobiça devoradora, um impiedoso desejo de vingança e ódio acumulado.

No plano humano:

- Possuímos todo o ouro do mundo.
- Todos os gentios (não-judeus, *goiym*) dependem de nós.
- Jamais permitiremos aos gentios participar do nosso poder.
- O proletariado não receberá mais do que migalhas como recompensa ao voto que dá ao nosso agente.
- O direito reside na força.
- Todos temos que morrer. É preferível antecipar a morte daqueles que atrapalham nossa causa.

No plano histórico:

- O judeu e Jeová são o mesmo e único ser. O hebreu é o Deus vivo, o Deus encarnado. Os outros homens só existem para nos servir. São bestas, pequenos animais.
- Somos os eleitos de Deus. Somos invulneráveis.
- Promoção da miscigenação dos povos, promovendo a perda de suas características raciais, históricas e psicológicas.
- manutenção da unidade histórica, racial, psicológica, ideológica e religiosa do povo judeu, como forma de poder e predomínio sobre as demais nações por eles degeneradas.

No plano da liberdade:

- A liberdade é o direito de fazer o que a lei permite. E a lei só permitirá o que nos interessa.
- O significado abstrato da palavra ‘liberdade’ nos permitirá convencer as turbas de que o Governo representa a Nação.

AS PROFECIAS ANUNCIADAS

Existe uma maneira infalível de anunciar uma profecia e garantir sua realização: programando-se estas *previsões* para que efetivamente se realizem...

Quais as profecias anunciadas nos *Protocolos* e que se realizaram ao longo do tempo? A título enunciativo e sem a intenção de esgotar vaticínios, podemos enumerar os seguintes:

a) *de caráter histórico:*

- A Primeira e a Segunda Guerra Mundial.
- O desaparecimento das Casas Reais e eliminação da importância da nobreza.
- A implantação do comunismo, primeiro na Rússia e depois na metade da humanidade.
- As guerras econômicas.
- A instabilidade das constituições.
- Os linchamentos legais de políticos .
- A tendência a um Governo Mundial (ONU).
- O surgimento do Japão e da China como potências de primeira grandeza.
- A valorização de governantes ineptos.

- A instalação do terrorismo na vida diária dos povos.
- A incompatibilidade e hostilidade entre governantes e governados.
- O sufrágio universal.
- A corrupção da chamada classe política.
- O controle da medicina pelo Estado.
- O antagonismo entre regionalismos e centralismo.
- As trocas freqüentes de governos na Europa.
- A criação de uma política internacional dirigida.
- A falsificação da História.
- A corrupção jurídica.
- A proliferação dos crimes hediondos.
- Os julgamentos políticos.
- O desprestígio pessoal dos líderes políticos.

b) ***de caráter econômico:***

- A generalização das folgas trabalhistas.
- A crise financeira de 1929.
- a luta de classes.
- A consagração da nova Ciência Econômica.
- A prepotência dos trustes e monopólios.
- A especulação agrária.
- A “corrida armamentista”.
- A submissão dos ricos aos interesses sionistas.
- O aumento progressivo da burocracia estatal.

- A progressiva desvalorização das moedas nacionais e a preponderância do dólar como moeda internacional.
- A manutenção do padrão ouro.
- O imposto progressivo sobre as heranças.
- O desaparecimento progressivo do papel moeda, substituído pelos cheques e cartões.
- A escandalosa legislação sobre as sociedades anônimas.

c) *de caráter social:*

- o auge do alcoolismo, da delinqüência juvenil - e agora já até infantil - e a educação sexual preparando a juventude para a promiscuidade.
- o imenso e avassalador crescimento do poder dos meios de comunicação.
- A supressão da pena de morte.
- O desarmamento moral.
- O desarmamento efetivo do indivíduo.
- A manipulação da opinião pública.
- O controle judaico-sionista sobre o mundo dos espetáculos.
- O anti-semitismo programado pelos próprios judeus.
- A corrupção da juventude.
- A progressiva eliminação da família.
- A legalização do aborto.
- A legalização do homossexualismo e demais aberrações sexuais.
- O aumento da prostituição.
- O controle estatal da educação.

- As associações de imprensa e a diplomação dos formadores de opinião.
- A legalização do segredo profissional para os jornalistas.
- O auge dos jogos de azar, inclusive estatais.
- A explosão do “esporte profissional”.

d) *de caráter cultural:*

- A moda do darwinismo, inclusive aprovada pelo Vaticano.
- A exaltação do demoníaco, do mau, do horrendo, em detrimento do sublime, do bom e do belo.
- A literatura e todas as artes chamadas “modernas”.
- As leis antidifamatórias para penalizar a liberdade de expressão.
- As leis cada vez mais restritivas contra a manifestação de opinião não consentida.

CONCLUSÃO

Prestes a completar 100 anos desde que foi trazido à luz, os ***Protocolos*** - por todas as suas evidências - vem sendo posto rigorosamente em prática e, longe de se tratar de uma simples *profecia* ou, o que é mais inverossímil ainda, um amontoado de disparates redigido por um obscuro agente de polícia do tempo do Czar, trata-se, ao que tudo indica, de um Plano muito mais antigo do que o resumo das atas do Congresso Sionista de 1898.

Publicado pela primeira vez no Brasil em 1936, por iniciativa do historiador Gustavo Barroso, ***Os Protocolos dos Sábios de Sião*** tornou-se um dos livros mais raros da nossa história. Feito desaparecer, por obra da famosa *"mão invisível"* , ficou inacessível em nosso país por mais de 50 anos, inclusive retirado criminosamente de praticamente todas as bibliotecas nacionais, sendo finalmente reeditado em 1991 pela Revisão Editora, graças à coragem do editor e historiador S.E.Castan, reiniciando o caminho apontado por Gustavo Barroso. Para adquirir esta obra imprescindível, contacte diretamente com a Revisão Editora, no seguinte endereço: Rua Voltaire Pires, 300, Porto Alegre RS - CEP: 90.640-160.[{2}]

OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

resumo do texto traduzido e apostilado por

GUSTAVO BARROSO

Presidente da Academia Brasileira de Letras
Diretor e Fundador do Museu Histórico Nacional
(entre outros inúmeros títulos...)

1936

ATA I

O direito reside na força. A liberdade é uma idéia. O liberalismo. O ouro. A fé. A autonomia. O despotismo do capital. O inimigo interno. A multidão. A anarquia. A política e a moral. O direito do mais forte. O poder judaico-maçônico é invencível. O fim da justiça e os meios. A multidão é cega. O alfabeto político. As discórdias dos partidos. A forma de governo que melhor conduz ao nosso fim é a autocracia. As bebidas alcoólicas. O classicismo. A devassidão. O princípio e as regras do governo judaico e franco-maçom. O terror. Liberdade, Igualdade, Fraternidade. O princípio do governo dinástico. A destruição dos privilégios de aristocracia dos cristãos. Cálculo psicológico. Abstração da liberdade. Removibilidade dos representantes do povo.

É preciso ter em vista que os homens de maus instintos são mais numerosos que os de bons instintos. Por isso se obtêm melhores resultados governando os homens pela violência e o terror do que com discussões acadêmicas. Cada homem aspira ao poder, cada qual, se pudesse, se tornaria ditador; ao mesmo tempo, poucos são os que não estão prontos a sacrificar o bem geral para conseguir o próprio bem.

Quem conteve as feras, chamadas homens? Quem os guiou até agora? No princípio da ordem social, submeteram-se à força bruta e cega e, mais tarde, à lei, que é essa força mascarada. Concluo, de acordo com a lei da natureza, que o **direito reside na força** [{3}].

A liberdade política é uma idéia e não uma realidade [{4}]**.** É preciso saber aplicar essa idéia, quando for necessário atrair as massas populares ao seu partido com a isca de uma idéia, se esse partido formou o desígnio de esmagar o partido que se acha no poder. Esse problema torna-se fácil, se o adversário recebeu esse poder da idéia de liberdade, do que se chama **liberalismo,** e sacrifica um pouco de sua força a essa idéia. E eis onde aparecerá o

triunfo de nossa teoria: as rédeas frouxas do poder serão logo tomadas, em virtude da lei da natureza, por outras mãos, porque a força cega do povo não pode ficar um dia só sem guia, e o novo poder não faz mais do que tomar o lugar do antigo enfraquecido pelo liberalismo [{5}].

Nos dias que correm, **o poder do ouro substituiu o poder dos governos liberais**. A liberdade é irrealizável, porque ninguém sabe usar dela dentro de justa medida. Basta deixar algum tempo o povo governar-se a si mesmo para que essa autonomia logo se transforme em licença. Então surgem dissensões que em breve se transformam em batalhas sociais, nas quais os Estados se consomem e sua grandeza se reduz a cinzas.

Se o Estado se esgota nas suas próprias convulsões ou se suas comoções intestinas o põem a mercê de inimigos externos, pode ser considerado irremediavelmente perdido: **caiu em nosso poder** [{6}]. O despotismo do capital, intacto entre nossas mãos, aparece-lhe como uma tábua de salvação, à qual tem que se agarrar para não ir ao fundo.

Se todo estado tem dois inimigos e se lhe é permitido, sem a menor pecha de imoralidade, empregar contra o inimigo externo todos os meios de luta, como, por exemplo, não lhe dar a conhecer seus planos de ataque ou defesa, surpreendê-lo à noite ou com forças superiores, porque essas mesmas medidas, usadas contra um inimigo pior, que arruinaria a ordem social e a propriedade, seriam ilícitas e imorais?

Um espírito equilibrado poderá esperar guiar com êxito as multidões por meio de exortações sensatas e pela persuasão, quando o campo está aberto à contradição, mesmo desarrazoada, mas que parece sedutora ao povo, que tudo compreende superficialmente/ Os homens, quer

sejam ou não da plebe, guiam-se exclusivamente por suas paixões mesquinhas, suas superstições, seus costumes, suas tradições e teorias sentimentais; são escravos da divisão dos partidos que se opõem a qualquer harmonia razoável. **Toda decisão da multidão depende duma maioria ocasional ou, pelo menos superficial; na sua ignorância dos segredos políticos, a multidão toma resoluções absurdas e uma espécie de anarquia arruina o governo.**

A política nada tem de comum com a moral. O governo que se deixa guiar pela moral não é político e, portanto, seu poder é frágil. **Aquele que quer reinar deve recorrer à astúcia e à hipocrisia. As grandes qualidades populares - franqueza e honestidade - são vícios na política. Essas qualidades devem ser os atributos dos reinos gentios e não nos devemos deixar absolutamente guiar por elas** [7]**.**

Nosso fim é possuir a força. A palavra **direito é uma idéia abstrata que nada significa**. Significa simplesmente isto: “Dai-me o que eu quero, a fim de que eu possa provar que sou mais forte do que vós”.

Num Estado em que o poder está mal organizado, em que as leis e o governo se tornam impessoais por causa do número de direitos que o liberalismo criou, veio um novo direito, o de me lançar, de acordo com a lei do mais forte, contra todas as regras e ordens estabelecidas, derrubando-as; o de pôr a mão nas leis, remodelando as instituições e tornando-me senhor daqueles que abandonaram os direitos que lhes davam a sua força, renunciando a eles voluntariamente, liberalmente...

Em virtude da atual fragilidade de todos os poderes, nosso poder será mais duradouro do que

qualquer outro, porque será invencível até o momento em que estiver tão enraizado que nenhuma astúcia o poderá destruir...

Do mal passageiro que ora somos obrigados a fazer, nascerá o bem dum governo inabalável, que restabelecerá a marcha regular do mecanismo da existência nacional perturbado pelo liberalismo [{8}]. **O resultado justifica os meios. Prestamos atenção aos nossos projetos, menos quanto ao bom e ao moral do que quanto ao necessário e ao útil [{9}].**

Temos diante de nós um plano, no qual está exposto estrategicamente a linha de que não nos podemos afastar sem correr o risco de ver destruído o trabalho de muitos séculos.

Para achar os meios que levam a esse fim, **é preciso ter em conta a covardia, a instabilidade, a inconstância da multidão, sua incapacidade em compreender e discernir as condições de sua própria vida e de sua prosperidade.** É necessário compreender que a força da multidão é cega, insensata, sem raciocínio, indo para a direita ou para a esquerda. Os membros da multidão, saídos do povo, embora dotados de espírito genial, por nada entenderem da política, não podem pretender guiá-la sem botar a perder a nação.

Somente um indivíduo preparado desde a meninice para a autocracia é capaz de conhecer a linguagem e a realidade políticas. Somente um autocrata pode elaborar planos vastos e claros, pondo cada coisa em seu lugar no mecanismo da estrutura governamental. Concluamos, pois, que um governo útil ao país e capaz de atingir o fim a que se propõe, deve ser entregue às mãos dum só indivíduo responsável [{10}]. **Sem o despotismo absoluto, a**

civilização não pode existir; ela não é obra das massas, porém, de seu guia, seja qual for. Logo que a multidão se apodera da liberdade, transforma-a em anarquia, que é o mais alto grau de barbárie.

Vede esses animais embriagados com aguardente, imbecilizados pelo álcool, a quem o direito de beber sem limites foi dado ao mesmo tempo que a liberdade. **Não podemos permitir que os nossos se degradem a esse ponto... Os povos gentios estão sendo embrutecidos pelas bebidas alcoólicas; sua juventude está sendo embrutecida pelos estudos clássicos e pela devassidão precoce a que impelem nossos agentes, professores, criados, governantes de casas ricas, caixeiros, mulheres públicas nos lugares onde os gentios se divertem. No número das últimas, incluo também as mulheres da alta roda, que imitam de boa vontade a devassidão e o luxo das perdidas** *{11}*.

Nossa palavra de ordem é: força e hipocrisia. Somente a força pode triunfar na política, sobretudo se estiver escondida nos talentos necessários aos homens de Estado. **A violência deve ser um princípio; a astúcia e a hipocrisia, uma regra para os governos que não queiram entregar sua coroa aos agentes de uma nova força. Esse mal é o único meio de chegar ao fim, o bem. Por isso não nos devemos deter diante da corrupção, da velhacada e da traição, todas as vezes que possam servir às nossas finalidades. Em política, é preciso tomar a propriedade de outrem sem hesitar, se por esse meio temos de alcançar o poder.**

Nosso Estado tem o direito de substituir os horrores da guerra pelas condenações à morte, menos visíveis e mais proveitosas **para conservar o terror que obriga os**

povos a obedecerem cegamente [12]. **Uma severidade justa, mas inflexível, é a maior força dum Estado; não é somente nossa vantagem, porém nosso dever, para obter a vitória, seguir este programa de violência e hipocrisia.** Semelhante doutrina é tão eficaz quanto os meios que emprega. Não só por esses meios, mas também por essa doutrina de severidade, nós triunfaremos e escravizaremos todos os governos ao nosso supremo governo [13].

Fomos nós os primeiros que lançamos ao povo as palavras **Liberdade, Igualdade, Fraternidade** [14], palavras repetidas tantas vezes pelos papagaios inconscientes que, atraídos de toda parte por essa isca, dela somente tem usado para destruir a prosperidade do mundo, a verdadeira liberdade individual, outrora tão bem garantida dos constrangimentos da multidão. **Homens que se julgavam inteligentes não souberam desvendar o sentido oculto dessas palavras, não viram que se contradizem, não repararam que não há igualdade na natureza, que nela não pode haver liberdade, que a própria natureza estabeleceu a desigualdade dos espíritos, dos caracteres e das inteligências, tão fortemente submetidos às suas leis** [15]; esses homens não sentiram que a multidão é uma força cega; que os ambiciosos que elege são tão cegos em política quanto ela; que o iniciado, por mais tolo que seja, pode governar, enquanto que a multidão dos não iniciados, embora cheia de gênio, nada entende da política. Todas essas considerações não abrolharam no espírito dos gentios: entretanto, é nisso que repousa o princípio dinástico dos governos: o pai transmite ao filho os segredos da política, desconhecidos fora dos membros da família reinante, a fim de que ninguém os possa trair. Mais tarde, o sentido da transmissão hereditária dos verdadeiros princípios da política se perdeu. O êxito de nossa obra aumentou.

Todavia, as palavras Liberdade, Igualdade, Fraternidade puseram em nossas fileiras, por intermédio de nossos agentes cegos, legiões inteiras de homens que arvoraram com entusiasmo nossos estandartes. Contudo, **tais palavras eram os vermes que roíam a prosperidade dos não-judeus**, destruindo por toda a parte a paz, a tranqüilidade, a solidariedade, minando todos os alicerces de seus Estados. **Isto nos deu, entre outras coisas, a possibilidade de obter o triunfo mais importante, a abolição dos privilégios, a própria essência da aristocracia dos gentios, o único meio de defesa que tinham contra nós os povos e as nações** *{16}***.** Sobre as ruínas da aristocracia natural e hereditária, elevamos nossa aristocracia da inteligência e das finanças. **Tomamos por critério desta nova aristocracia a riqueza, que depende de nós, e a ciência, que é dirigida por nossos sábios.**

Nosso triunfo foi ainda facilitado pelo fato de, nas nossas relações com os homens de quem precisamos, sabermos tocar as cordas mais sensíveis da alma humana: o cálculo, a avidez, a insaciabilidade dos bens materiais, todas essas fraquezas humanas, cada qual capaz de abafar o espírito de iniciativa, pondo a vontade dos homens à disposição de quem compra sua atividade.

A idéia abstrata da liberdade deu a possibilidade de persuadir as multidões que um governo não passa de gerente do proprietário do país, que é o povo, podendo-se mudá-lo como se muda de camisa.

A removibilidade dos representantes do povo coloca-os à nossa disposição; eles dependem de nossa escolha.

ATA II

As guerras econômicas são a base da supremacia judaica. A administração visível e os Conselheiros Secretos. O êxito das doutrinas destruidoras. A assimilação na política. O papel da imprensa. O preço do ouro e o valor das vítimas judaicas.

Precisamos que as guerras não dêem, tanto quanto possível, vantagens territoriais. Transportada, assim, a guerra para o terreno econômico, as nações verão a força da nossa supremacia, e tal situação porá ambas as partes à disposição de nossos agentes internacionais, que têm milhares de olhos e que nenhuma fronteira pode deter. Então, nossos direitos internacionais apagarão os direitos nacionais, no sentido próprio da expressão, governando os povos, do mesmo modo que o direito civil dos estados regula as relações entre seus súditos [{17}].

Os administradores, escolhidos por nós no povo, em razão de suas aptidões servis, não serão indivíduos preparados para a administração do país. Assim, facilmente se tornarão peões em nosso jogo nas mãos de nossos sábios e geniais conselheiros, de nossos especialistas, educados desde a infância para administrar os negócios do mundo inteiro [{18}]. Sabeis que nossos especialistas reuniram as informações necessárias para administrar segundo nossos planos, tirando-as das experiências da história de todos os acontecimentos notáveis.

Os gentios não se guiam pela prática de observações imparciais tiradas da história, mas pela rotina teórica, incapaz de atingir qualquer resultado real. Deixemo-los acreditar na importância das leis científicas que lhes inculcamos - meras teorias. É com este fim que constantemente aumentamos por intermédio de nossa

imprensa sua confiança cega nessas leis. A classe intelectual dos gentios ficará cheia de orgulho com esses conhecimentos e, sem os examinar logicamente, porá em ação todos os dados dessa ciência reunidos pelos nossos agentes para guiar seu espírito pelo rumo que precisamos.

Não julgueis nossas afirmações sem base; reparai no êxito que soubemos criar para o Darwinismo, o Marxismo, o Nietzschismo {19}. Pelo menos para nós, a influência deletéria dessas tendências deve ser evidente *{20}*. Temos a necessidade de contar com as idéias, os caracteres, as tendências modernas dos povos, para não cometermos erros na política e na administração dos negócios. Nosso sistema, cujas partes podem ser dispostas diferentemente segundo os povos que encontremos em nosso caminho, somente pode dar resultado se sua aplicação prática for baseada nos resultados do passado confrontados com o presente.

Os Estados modernos possuem uma grande força criadora: a imprensa. O papel da imprensa consiste em indicar as reclamações que se dizem indispensáveis, dando a conhecer as reclamações do povo, criando descontentes e sendo seu órgão.

A imprensa encarna a liberdade da palavra. Mas os Estados não souberam utilizar essa força e ela caiu em nossas mãos *{21}*. Por ela, ajuntamos o ouro em nossas mãos, a despeito das torrentes de sangue e de lágrimas que nos custou conseguí-lo... Resgatamos isso, sacrificando muitos dos nossos. **Cada uma de nossas vítimas, diante de Deus, vale milhares de gentios.**

ATA III

A serpente simbólica e sua significação. A Instabilidade do equilíbrio constitucional. O terror nos palácios. O poder e a ambição. As máquinas de falar dos parlamentos, os panfletos. Os abusos do poder. A escravidão econômica. A verdade do povo. Os açambarcadores e a aristocracia. O exército dos franco-maçons judeus. A degenerescência dos gentios. A fome e o direito do capital. A vinda e a coroação do Senhor Universal. O objeto fundamental do programa das futuras escolas populares dos franco-maçons. O segredo da ciência da ordem social. Crise econômica geral. Segurança dos Nossos. O despotismo dos franco-maçons é o reinado da razão. Perda dum guia. A franco-maçonaria e a grande revolução francesa. O rei déspota é do sangue de Sião. Causas da invulnerabilidade da franco-maçonaria. O papel dos agentes secretos da franco-maçonaria. A liberdade.

Posso hoje anunciar-vos que estamos perto do fim. Ainda um pouco de caminho e o círculo da Serpente Simbólica [{22}], que representa nosso povo, será encerrado. Quando esse círculo se encerrar, todos os Estados estarão dentro dele, fortemente emoldurados.

O equilíbrio constitucional será em breve destruído, porque o temos falseado, a fim de que não cesse de inclinar-se de um lado e outro até gastar-se completamente [{23}]. Infelizmente, para os gentios, as pessoas reinantes são rodeadas por seus prepostos, que fazem tolices e se deixam levar pelo seu poder sem controlo e sem responsabilidade [{24}]. As pessoas reinantes, não tendo mais contato com seu povo, nada podem concertar com ele, fortalecendo-se contra indivíduos que aspiram ao poder. A força clarividente das pessoas reinantes e a força cega do povo, divididas por nós, perderam sua importância; separadas, são tão cegas como um cego sem o seu bordão.

Para impedir os ambiciosos a abusar do poder, opusemos umas às outras todas as forças, desenvolvendo todas as suas tendências liberais para a independência... Encorajamos

para esse fim todas as tendências, armamos todos os partidos e fizemos do poder o alvo de todas as ambições. Transformamos os Estados em arenas onde reinam os distúrbios...{25} Dentro de pouco tempo, as desordens e bancarrotas surgirão por toda parte.

Os falastrões inesgotáveis transformaram as sessões do parlamento e as reuniões administrativas em prélios oratórios. Jornalistas audaciosos e panfletários cínicos atacam diariamente o pessoal administrativo. Os abusos do poder, finalmente, prepararão a queda de todas as instituições e tudo será destruído pela multidão enlouquecida.

Os povos estão mais escravizados ao trabalho pesado do que no tempo da servidão e da escravidão. É possível livrar-se dum modo ou de outro da escravidão e da servidão. É possível compactuar com ambas. Mas é impossível livrar-se da miséria. Os direitos que inscrevemos nas constituições são fictícios para as massas; não são reais {26}. Todos esses pretensos **direitos do povo** somente podem existir no espírito e são para sempre irrealizáveis. Que vale para o proletário curvado sobre o seu trabalho, esmagado pela sua triste sorte, o direito dado aos falastrões de falar, ou o direito concedido aos jornalistas de escrever toda espécie de absurdos misturados com coisas sérias, desde que o proletariado não tira das constituições outras vantagens senão as miseráveis migalhas que lhes lançamos de nossa mesa em troca dum sufrágio favorável às nossas prescrições, aos nossos prepostos e aos nossos agentes? Para o pobre diabo, os direitos republicanos são uma ironia amarga: a necessidade dum trabalho quase quotidiano não lhes permite gozá-los; em compensação, tiram-lhe a garantia dum ganho constante e certo, pondo-o na dependência das greves, dos patrões ou dos camaradas.

Sob a nossa direção, o povo destruiu a aristocracia, que era sua protetora, porque seu interesse era inseparável do interesse do povo. Agora que a aristocracia foi destruída, ele caiu sob o jugo dos açambarcadores, dos velhacos enriquecidos, que o oprimem de modo impiedoso.

Nós apareceremos ao operário como libertadores desse jugo, quando lhe propusermos entrar nas fileiras do exército de socialistas [{27}], anarquistas e comunistas que sempre sustentamos sob o pretexto de solidariedade entre os membros de nossa *franco-maçonaria social*. **A aristocracia, que gozava de pleno direito do trabalho dos operários, tinha interesse em que os trabalhadores estivessem fartos, fossem sadios e fortes. Nosso interesse, ao contrário, é que os gentios se degenerem [{28}]. Nosso poder reside na fome crônica, na fraqueza do operário, porque tudo isso o escraviza à nossa vontade, de modo que ele fique sem poder, força e energia de se opor a ela. A fome dá ao capital mais direitos sobre o operário do que a aristocracia recebia do poder real e legal.**

Pela miséria e o ódio invejoso que dela resulta, manobramos as multidões e nos servimos de suas mãos para esmagar os que se oponham aos nossos desígnios. **Quando chegar a hora de ser coroado nosso soberano universal, essas mesmas mãos varrerão todos os obstáculos que se lhe anteponham.**

Os gentios perderam o hábito de pensar fora de nossos conselhos científicos. Por isso, não enxergam a necessidade urgente de fazer o que nós faremos, quando chegar o nosso reinado, isto é, **ensinar nas escolas primárias a primeira de todas as ciências, a única verdadeira das ciências da ordem social, da vida humana, da**

existência social, que exige a divisão do trabalho e, por conseguinte, a divisão dos homens em classes e condições.

É preciso que cada um saiba que não pode existir igualdade em virtude das diversas atividades a que cada qual é destinado; que todos não podem ser igualmente responsáveis perante a lei; que, por exemplo, a responsabilidade não é a mesma naquele que, pelos seus atos, compromete toda uma classe e naquele que somente atinge sua honra. A verdadeira ciência da ordem social, em cujo segredo não admitimos os gentios, mostraria a todos que o lugar e o trabalho de cada um devem ser diferentes, para que não haja uma fonte de tormentos em conseqüência da falta de correspondência entre a educação e o trabalho. Estudando esta ciência, os povos obedecerão de boa vontade aos poderes e à ordem social estabelecida por eles no Estado. Ao contrário, no estado atual da ciência, **tal qual o fizemos**, o povo, acreditando cegamente na palavra impressa, em conseqüência dos erros insinuados à sua ignorância, é inimigo de todas as condições que julga acima dele, porque não compreende a importância de cada condição.

Essa inimizade aumentará ainda em virtude da crise econômica que acabará por parar as operações da Bolsa e a marcha da indústria. Quando criarmos, graças aos meios ocultos de que dispomos por causa do ouro, que se acha totalmente em nossas mãos, uma crise econômica geral, lançaremos às ruas multidões de operários, simultaneamente, em todos os países da Europa [{29}].

Essas multidões por-se-ão com voluptuosidade a derramar o sangue daqueles que invejam desde a infância na simplicidade de sua ignorância e cujos bens poderão então saquear [{30}]. **Eles não tocarão nos nossos, porque**

conheceremos de antemão o momento do ataque e tomaremos medidas acauteladoras.

Afirmamos que o progresso submeteria todos os gentios ao **reinado da razão**. Será esse o nosso despotismo, que saberá acalmar todas as agitações com justas severidades, extirpando o liberalismo de todas as instituições.

Quando o povo viu que lhe faziam tantas concessões e complacências em nome da liberdade, julgou que era amo e senhor, e se lançou sobre o poder; porém, naturalmente foi de encontro, como um cego, a muitos obstáculos; pôs-se a procurar um guia, não teve a idéia de voltar ao antigo e depôs todos os poderes aos nossos pés. Lembrai-vos da revolução francesa: os segredos de sua preparação nos são bem conhecidos, porque ela foi totalmente a obra de nossas mãos [{31}]. Desde então, levamos o povo de decepção em decepção, a fim de que renunciem mesmo a nós, em proveito do rei-déspota do sangue de Sião, que preparamos para o mundo.

Atualmente, somos invulneráveis como força internacional, porque, quando nos atacam em um Estado, somos defendidos nos outros. A infinita covardia dos povos gentios, que rastejam diante da força, que são impiedosos para a fraqueza e os erros, porém indulgentes para os crimes, que não querem suportar as contradições da liberdade, que são pacientes até o martírio diante da violência dum despotismo ousado, tudo isso favorece nossa independência. Sofrem e suportam dos primeiros ministros de hoje abusos pelo menor dos quais teriam decapitado vinte reis.

Esse fenômeno se explica pelo fato de fazerem esses ditadores - primeiros ministros - dizer baixinho ao povo que, se causam mal aos Estados, é com o fito de realizar a felicidade dos povos, direitos iguais para todos. Eis como o

povo condena os justos e absolve os culpados. Nessas condições, o povo destrói toda estabilidade e cria desordens a cada passo.

A palavra **liberdade** põe as sociedades humanas em luta contra toda força, contra todo poder, mesmo o de Deus e o da natureza. Eis porque, **no nosso domínio, excluiremos essa palavra do vocabulário humano por ser o princípio da brutalidade que transmuda as multidões em animais ferozes**. É verdade que essas feras adormecem logo que se embriagam com sangue, sendo, então, fácil encadeá-las. Mas se não lhes der sangue, não adormecem e lutam [{32}].

ATA IV

As diversas fases duma república. A franco-maçonaria externa. A liberdade e a fé. A concorrência internacional do comércio e da indústria. O papel da especulação. O culto do ouro.

Toda república passa por diversas fases [{33}]**. A primeira compreende a loucura dum cego que se atira para a direita e para a esquerda. A segunda é a da demagogia, de onde nasce a anarquia; depois, vem inevitavelmente o despotismo, não um despotismo legal e franco, porém um despotismo invisível e ignorado, todavia sensível; despotismo exercido por uma organização secreta, que age com tanto menos escrúpulo quanto se acoberta por meio de diversos agentes, cuja substituição não só não a prejudica como a dispensa de gastar seus recursos, recompensando longos serviços.**

Quem poderá derrubar uma força invisível? Nossa força é assim. **A franco-maçonaria externa serve unicamente para cobrir nossos desígnios**: o plano de ação dessa força, o lugar em que assiste são inteiramente ignorados do público.

A própria liberdade poderia ser inofensiva e existir no Estado, sem prejudicar à liberdade dos povos, se repousasse nos princípios da crença em Deus, na fraternidade humana, fora da idéia de igualdade contrariada pelas próprias leis da criação, que estabelecem a subordinação. Com uma tal fé, o povo se deixaria governar pela tutela das paróquias e marcharia humilde e tranqüilo sob a direção de seu pastor espiritual, submetido à distribuição divina dos bens deste mundo. **Eis porque é preciso que destruamos a fé e arranquemos do espírito dos gentios o próprio princípio da Divindade e do Espírito, a fim de**

substituí-lo pelos cálculos e pelas necessidades materiais.

Para que os espíritos dos gentios não tenham tempo de observar e raciocinar, é necessário distraí-los pela indústria e pelo comércio. **Todas as nações procurarão suas vantagens e, lutando cada uma pelos seus interesses, não notarão o inimigo comum.** Para que a liberdade possa desagregar e destruir completamente a sociedade dos gentios, **é preciso fazer da especulação a base da indústria** [34]. Dessa forma, nenhuma das riquezas que a indústria tirar da terra ficará nas mãos dos industriais, mas serão sorvidas pela especulação, isto é, cairão nas nossas burras.

A luta ardente pela supremacia, os choques da vida econômica criarão e já criaram sociedades desencantadas, frias e sem coração. Essas sociedades terão uma profunda repugnância pela política superior e pela religião. Seu único guia será o cálculo, isto é, o ouro, pelo qual terão verdadeiro culto [35], por causa dos bens materiais que pode proporcionar. Então, as classes baixas dos gentios nos seguirão em nossa luta contra a classe inteligente dos gentios no poder, nossos concorrentes, não para fazer o bem, nem mesmo para adquirir a riqueza, mas simplesmente por ódio dos privilegiados [36].

ATA V

Criação de forte concentração do governo. Os modos da franco-maçonaria se apoderar do poder. Por que os Estados não conseguem entender-se. Pré-eleição dos judeus. O ouro é o motor de todos os mecanismos dos Estados. Os monopólios no comércio e na indústria. A importância da crítica. As instituições como são vistas. Cansaço causado pelos discursos. Como tomar conta da opinião pública? A importância da iniciativa privada. O Governo Supremo.

Que forma de administração se pode dar a sociedades em que por toda a parte penetrou a corrupção, em que somente se atinge a riqueza por meio de surpresas hábeis que são meias-velhacadas; sociedades em que reina a licença de costumes, em que a moralidade somente se agüenta por causa de castigos e leis austeras, não por princípios voluntariamente aceitos; em que os sentimentos de Pátria e Religião são abafados por crenças cosmopolitas? Que forma de governo dar a essas sociedades, senão a despótica? Regularemos mecanicamente todos os atos da vida política de nossos súditos pelas novas leis. Essas leis irão retomando uma a uma todas as complacências e todas as liberdades demasiadas concedidas pelos gentios, e nosso reinado se assinalará por um despotismo tão majestoso que estará em condições, em qualquer tempo e lugar, de fazer calar os que nos queiram fazer oposição e estejam descontentes [{37}].

Quando o povo considerava as pessoas reinantes como pura emanação da Vontade Divina, se submetia sem murmurar ao absolutismo dos reis, porém desde o dia em que lhe sugerimos a idéia de seus próprios direitos, considerou essas pessoas como simples mortais. A unção Divina caiu da cabeça dos reis, pois lhe arrancamos a crença em Deus; a autoridade passou para a rua e nós nos apoderamos dela.

A arte de governar as massas e os indivíduos por meio duma teoria e duma fraseologia habilmente combinadas pelas regras da vida social e por outros meios engenhosos, dos quais os cristãos nada percebem, faz também parte de nosso gênio administrativo, educado na análise, na observação, em tais sutilezas de concepção que não encontram rivais, pois não há ninguém como nós para conceber planos de ação política e de solidariedade. Somente os jesuítas nos poderiam igualar nesse ponto, porém nós conseguimos desacreditá-los aos olhos da plebe ignara, porque eles constituíam uma organização visível, enquanto que nós operávamos ocultamente por meio de nossa organização secreta. Aliás, **que importa ao mundo o amo que vai ter? Que lhe importa seja o chefe do catolicismo ou nosso déspota do sangue de Sião?** Mas, para nós, que somos o **povo eleito**, a questão já não é indiferente.

Uma coligação universal de cristãos poderia dominar-nos por algum tempo, porém estamos garantidos contra esse perigo pelas profundas sementes de discórdia que já se não podem mais arrancar de seu coração. **Opusemos uns aos outros os cálculos individuais e nacionais dos gentios, seus ódios religiosos e étnicos, que há vinte séculos cultivamos** *{38}***.** É por isso que nenhum governo encontrará auxílio em parte alguma: cada qual acreditará que um acordo contra nós é desfavorável a seus próprios interesses. Somos muito fortes e é preciso contar conosco. As potências não podem concluir o mais insignificante acordo sem que nele tomemos parte.

Per me reges regnant - “por mim reinam os reis”. **Nossos profetas nos disseram que fomos eleitos por Deus mesmo para governar a terra.** Deus nos deu o gênio, a fim de podermos levar a cabo esse problema. Embora surja um gênios no campo oposto, poderá lutar contra nós, mas o

recém-vindo não valerá o velho habitante; a luta entre nós será sem piedade e tal como nunca o mundo presenciou [{39}]. Além disso, os homens de gênio chegariam tarde. Todas as engrenagens do mecanismo governamental dependem dum motor que está em nossas mãos: esse motor é o ouro. A ciência da economia política, inventada por nossos sábios, mostra-nos desde muito tempo o prestígio real do ouro.

O capital, para ter liberdade de ação, deve obter o monopólio da indústria e do comércio; é o que já vai realizando a nossa mão invisível em todas as partes do mundo [{40}]. **Essa liberdade dará força política aos industriais e o povo lhe será submetido.** Importa mais desarmar os povos que levá-los à guerra; importa mais servir as paixões incandescidas para nosso proveito do que acalmá-las; importa mais servir apoderar-se das idéias de outrem e comentá-las do que bani-las.

O problema capital do nosso governo é enfraquecer o espírito público pela crítica; fazer-lhe perder o hábito de pensar, porque a reflexão cria a oposição; distrair as forças do espírito, em vãs escaramuças de eloqüência.

Em todos os tempos, os povos, mesmo os mais simples indivíduos, **tomaram as palavras como realidades, porque se satisfazem com a aparência das coisas** e raramente se dão ao trabalho de observar se as promessas relativas à vida social foram cumpridas. Por isso, nossas instituições terão uma bela fachada, que demonstrará eloqüentemente seus benefícios no que concerne ao progresso. **Nos apropriaremos da fisionomia de todos os partidos, de todas as tendências, e ensinaremos nossos oradores a falarem tanto que toda a gente se cansará de ouvi-los**.

Para tomar conta da opinião pública, é preciso torná-la perplexa, exprimindo de diversos lados e tanto tempo tantas opiniões contraditórias que os gentios acabarão perdidos no seu labirinto, convencidos de que em política o melhor é não ter opinião. São questões que a sociedade não deve conhecer. Só deve conhecê-las quem a dirige. Eis o primeiro segredo [{41}]**.**

O segundo, necessário para governar com êxito, consiste em multiplicar de tal modo os defeitos do povo, os hábitos, as paixões, as regras de viver em comum que ninguém possa deslindar esse caso e que os homens acabem por se não entenderem mais uns aos outros. Essa tática terá ainda como efeito lançar a discórdia em todos os partidos, desunindo todas as forças coletivas que ainda não queiram submeter-se a nós; ela desanimará qualquer iniciativa, mesmo genial, e será mais poderosa do que os milhões de homens nos quais semeamos divergências. Precisamos dirigir a educação das sociedades gentias de modo tal que suas mãos se abatam numa impotência desesperada diante de cada questão que exija iniciativa [{42}].

O esforço que se exerce sob o regime da liberdade ilimitada é impotente, porque vai de encontro aos esforços livres de outros. Daí nascem dolorosos conflitos morais, decepções e insucessos. Fatigaremos tanto os cristãos com essa liberdade que os obrigaremos a nos oferecerem um poder internacional, cuja disposição será tal que poderá, sem as quebrar, englobar as forças de todos os Estados do mundo e formar o Governo Supremo.

Em lugar dos governos atuais, poremos um espantalho que se denominará Administração do Governo Supremo. Suas mãos se estenderão para todos os lados como pinças e sua organização será

tão colossal que todos os povos terão de se lhe submeterem [{43}].

ATA VI

Os monopólios; as fortunas dos cristãos dependem desses monopólios. A aristocracia privada de riqueza territorial. O comércio, a indústria e a especulação. O luxo. A alta do salário e o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade. A anarquia e a embriaguez. O sentido secreto da propaganda das teorias econômicas.

Criaremos em breve enormes monopólios, colossais reservatórios de riquezas, dos quais as próprias fortunas dos gentios dependerão de tal modo que serão por eles devoradas, como o crédito dos Estados no dia seguinte a uma catástrofe política... *{44}*

Precisamos desenvolver por todos os meios possíveis a importância de nosso Governo Supremo, representando-o como protetor e remunerador de todos os que se lhe submetam voluntariamente.

A aristocracia dos gentios desapareceu como força política e não temos mais que contar com ela; porém, como proprietária de bens territoriais, poderá prejudicar-nos na medida da independência de seus recursos. **É preciso, portanto, arrancar-lhes as suas terras. O melhor meio para isso é aumentar os impostos sobre os bens de raiz, afim de endividar a terra.** Essas medidas manterão a propriedade territorial num estado de absoluta sujeição *{45}*.

Ao mesmo tempo, devemos proteger fortemente o comércio e a indústria, **sobretudo a especulação**, cujo papel é servir de contrapeso à indústria; **sem a especulação, a indústria multiplicaria os capitais privados e melhoraria a agricultura, liberando a terra das dívidas criadas pelos bancos rurais. É**

necessário que a indústria tire à terra o fruto do trabalho, como o do capital, que nos dê, pela especulação, o dinheiro de todo o mundo; lançados às fileiras dos proletários, todos os gentios se inclinarão diante de nós para terem ao menos o direito de viver.

Para arruinar a indústria dos gentios, desenvolveremos a especulação e o gosto do luxo. Faremos subir os salários, que, entretanto, não trarão proveito aos operários, porque faremos, ao mesmo tempo, o encarecimento dos gêneros de primeira necessidade, devido, como apregoaremos, à decadência da agricultura e da pecuária *{46}*; **demais, habilmente e profundamente subverteremos as fontes de produção, habituando os operários à anarquia e às bebidas alcoólicas, recorrendo a todas as medidas possíveis para afastar da terra os gentios inteligentes.**

Para impedir que esta situação seja vista prematuramente sob seu verdadeiro aspecto, mascararemos nossos verdadeiros desígnios com o pretenso desejo de servir às classes trabalhadoras e propagar os grandes princípios econômicos que atualmente ensinamos.

ATA VII

Porque é preciso aumentar os armamentos. Fermentações, discórdias e ódios no mundo inteiro. Coação da oposição dos gentios pelas guerras e pela guerra geral. O segredo é o penhor do êxito na política. A imprensa e a opinião. Os canhões americanos, japoneses e chineses.

O aumento dos armamentos e do pessoal da polícia é um complemento imprescindível do plano. É preciso que não haja mais, em todos os Estados, além de nós, senão massa de proletários, alguns milionários que nos sejam dedicados, policiais e soldados.

Em toda a Europa, bem como nos outros continentes, devemos suscitar agitações, discórdias e ódios. O proveito é duplo. Dum lado, manteremos em respeito todos os países, que saberão que poderemos, à nossa vontade, provocar a desordem ou restabelecer a ordem; todos esses países se habituarão a nos considerar como um fardo necessário. Do outro, nossas intrigas embrulharão todos os fios que estenderemos nos gabinetes governamentais por meio da política, dos contratos econômicos e dos compromissos financeiros. Para atingir nosso fim, precisaremos dar prova de grande astúcia no decurso dos entendimentos e negociações; mas, no que se chama **linguagem oficial**, seguiremos uma tática oposta, parecendo honestos e conciliadores. De tal modo, os povos e os governos gentios, acostumamos a olhar somente a face do que lhe apresentamos, mais uma vez nos tomarão como benfeitores e salvadores da humanidade. A qualquer oposição, deveremos estar em condições de fazer declarar guerra pelos vizinhos da nação que ousar criar-nos embaraços *{47}* e, se esses próprios vizinhos se lembrarem de se aliar contra nós, devemos repeli-los por meio de uma guerra geral. **O mais seguro caminho do êxito em política é o**

segredo de todas as empresas: a palavra do diplomata não deve concordar com seus atos.

Devemos obrigar os governos gentios a obrar de acordo com este plano, que amplamente concebemos e que já está chegando à sua meta. Ajudar-nos-á essa opinião pública que o **grande poder**, a imprensa, secretamente já pôs em nossas mãos. Com poucas exceções, que não têm importância, a imprensa já está toda em nossa dependência. Para resumir nosso sistema de coação dos governos gentios na Europa, a um faremos ver nossa força por meio de atentados, isto é, pelo terror; a todos, se todos se revoltarem contra nós, responderemos com os canhões americanos, chineses e japoneses [{48}].

ATA VIII

Uso equívoco do direito teórico. Os colaboradores do regime franco-maçom. Escolas particulares e educação superior inteiramente particular. Economistas e milionários. A quem se deve confiar os postos de responsabilidade no governo.

Devemos apropriar-nos de todos os intrumentos que nossos adversários possam empregar contra nós. Devemos buscar nas sutilezas e delicadezas da língua jurídica uma justificação caso tenhamos de pronunciar sentenças que possam parecer muito ousadas e injustas, porque é mister exprimi-las em termos que tenham a aparência de ser máximas morais muito elevadas, conservando seu caráter legal [{49}]. **Nosso regime deve rodear-se de todas as forças da civilização, no meio das quais deverá obrar. Rodear-se-á de publicistas, jurisconsultos experientes, administradores, diplomatas, enfim, homens preparados por uma educação superior especial em escolas especiais,** que conhecerão todos os segredos da existência social, todas as linguagens formadas de letras ou termos políticos, todos os bastidores da natureza humana, todas as cordas sensíveis que deverão saber tocar. Essas cordas são o feitio do espírito dos gentios, suas tendências, seus defeitos, seus vícios e qualidades, suas particularidades de classe ou de condição. Fica bem entendido que esses colaboradores de gênio de nosso governo não serão tomados entre os gentios. Os administradores gentios assinam papéis sem ler; servem por interesse ou por ambição.

Rodearemos nosso governo por uma multidão de economistas. Eis por que as ciências econômicas são as mais importantes a serem ensinadas aos judeus. Rodear-nos-emos de uma plêiade de banqueiros, industriais, capitalistas e, sobretudo, milionários,

porque, em suma, tudo será decidido pelas cifras [{50}]**.**

Durante certo tempo, até o momento em que não houver mais perigo em confiar os postos de responsabilidade de nossos Estados a nossos irmãos judeus, confia-los-emos a indivíduos cujo passado e cujo caráter sejam tais que haja um abismo entre eles e o povo, a homens tais que, em caso de desobediência às nossas ordens, não lhe reste outra coisa a esperar senão a condenação ou o exílio, a fim de que defendam nossos interesses até o derradeiro alento [{51}].

ATA IX

Aplicação dos princípios maçônicos para refazer a educação dos povos. A palavra de ordem franco-maçônica. Importância do anti-judaísmo. A ditadura da franco-maçonaria. O terror. Aqueles que servem a franco-maçonaria. A força inteligente e força cega dos reinos cristãos. Comunhão do poder com o povo. A arbitrariedade liberal. Usurpação da instrução e da educação. Interpretação das leis. Os metropolitanos.

Na aplicação de nossos princípios, prestai atenção ao caráter do povo no meio do qual vos encontrardes e obrardes; uma aplicação geral e uniforme desses princípios, antes de refazermos a educação do povo, não logrará êxito. Mas, aplicando-os prudentemente, vereis que se não passarão dez anos para se transformar o caráter mais obstinado e para que contemos mais um povo em nossa dependência.

Quando nosso reinado chegar, substituiremos nossa palavra de ordem - Liberdade, Igualdade e Fraternidade - não por outra palavra de ordem, porém pelas mesmas palavras transformadas e idéias; diremos: **direito à liberdade, dever de igualdade** e **ideal de fraternidade** *{52}*... De fato, já destruímos todos os governos, exceto o nosso, embora haja ainda muitos governos de direito. **Se alguns Estados levantam protestos contra nós, fazem-no pro-fórmula e por nossa ordem, porque seu anti-judaísmo nos é necessário para governar os irmãos menores. Não vos explicarei isso mais claramente, porque esse assunto já foi tratado em nossos entendimentos** *{53}***.**

Nãio há mais obstáculos à nossa frente. **Nosso Governo Supremo está em condições extra-legais que é conveniente denominar com um termo forte e enérgico: ditadura**. Posso afirmar conscientemente que

somos atualmente legisladores; pronunciamos as sentenças da justiça, condenamos à morte e perdoamos; estamos como chefes de nossas tropas, montados no cavalo do general comandante. Governaremos com mão firme, porque nos apoderamos dos restos dum partido outrora forte e hoje submetido a nós. Temos nas mãos ambições desmedidas, muita avidez ardente, vinganças sem piedade, ódios e rancores.

De nós promana o terror que tudo invade [{54}]. Temos a nosso serviço homens de todas as opiniões, de todas as doutrinas; restauradores de monarquias, demagogos, socialistas, comunistas e toda a sorte de utopistas; atrelamos o mundo inteiro ao nosso carro; cada qual mina de seu lado os derradeiros restos do poder, esforçando-se por derrubar tudo o que ainda se mantém de pé. Todos os estados sofrem com essas perturbações, pedem calma e estão dispostos a tudo sacrificar pela paz; mas nós não lhes daremos a paz, enquanto não reconhecerem nosso Gocerno Supremo, abertamente e humildemente.

O povo se pôs a gritar que é necessário resolver a questão social por meio dum acordo internacional. A divisão do povo em partidos pôs todos esses partidos à nossa disposição, porque para sustentar sua luta de emulação é preciso dinheiro e nós é que temos todo o dinheiro.

Poderíamos recear a aliança da força inteligente das pessoas reinantes com a força cega do povo, mas tomamos todas as medidas possíveis contra essa eventualidade: entre essas duas forças, erguemos a parede do medo recíproco. Deste modo, a força cega do povo é o nosso apoio e seremos os únicos a guiá-la; saberemos dirigí-la com segurança para os nosos fins.

A fim de que a mão do cego não possa repelir a nossa direção, devemos estar de tempos em tempos de comunicação direta com ele, senão pessoalmente, pelo menos por meio de nossos mais fiéis irmãos. Quando formos um poder reconhecido, conversaremos nós mesmos com o povo nas praças públicas e o instruiremos sobre as questões políticas, no sentido que julgarmos necessário.

O que disser o enviado do governo ou a própria pessoa reinante não poderá deixar de ser logo conhecido em todo o Estado, porque será depressa espalhado pela voz do povo. Para não destruir prematuramente as instituiçòes dos gentios, temos tocado nelas com habilidade, tomando em nossas mãos as molas de seu mecanismo. Essas molas estavam dispostas numa ordem severa, mas justa; substituímo-la pela arbitrariedade desordenada. **Tocamos na jurisdição, nas eleições, na imprensa, na liberdade individual e, sobretudo, na instrução e educação, que são as pedras angulares da existência livre.**

Mistificamos, embrutecemos e corrompemos a mocidade gentia por meio de uma educação fundada em princípios e teorias que sabemos falsos e que são inspirados por nós.

Por cima das leis existentes, sem mudá-las de modo essencial, porém somente as desfigurando por interpretações contraditórias, obtivemos resultados prodigiosos. Esses resultados manifestaram-se a princípio em comentários que massacraram as leis e em seguida completamente as esconderam dos olhos dos governos incapazes de se orientarem numa legislação embrulhada.

Daí a teoria do tribunal da consciência. Dizeis que se rebelarão de armas em punho contra nós, se antes do

tempo, ou tarde, se aperceberem da manobra, mas nós, nesse caso, nos países ocidentais, lançaremos mão duma manobra tão terrível que as alamas mais corajosas tremerão: os meltropolitanos já estarão construídos em todas as capitaís e fá-lo-emos ir pelos ares com todas as organizações e documentos de todos os Estados [{55}].

ATA X

A força das coisas na política. A genialidade da baixeza. O que promete o golpe de Estado franco-maçônico. O sufrágio universal. A estima de si mesmo. Os chefes dos franco-maçons. O guia genial da franco-maçonaria. As instituições e suas funções. O veneno do liberalismo. A constituição é a escola das discórdias de partidos. A era republicana. Os presidentes são criaturas da franco-maçonaria. Responsabilidade dos presidentes. O papel da Câmara dos Deputados e do Presidente. A franco-maçonaria é uma força legislativa. A nova constituição republicana. Passagem para a autocracia franco-maçônica. Momentos da proclamação do rei universal. Inoculação de doenças e outros malefícios da franco-maçonaria.

Peço-vos que vos lembreis que os governos e os povos somente vêem a aparência das coisas. E como poderiam deslindar seu sentido íntimo, se seus representantes pensam, antes de tudo, em se divertirem? Importa muito para nossa política conhecer este pormenor: ser-nos-á de grande auxílio, quando passarmos à discussão da divisão do poder, da liberdade da palavra, de imprensa, de consciência, do direito de associação, da igualdade em face da lei, da inviolabilidade da propriedade, da habitação, do imposto, da força retroativa das leis. Todas estas questões são de tal natureza que nunca se deve tocar nelas direta e claramente diante do povo. No caso em que for necessário abordá-las, é preciso não as enumerar, porém declarar em bloco que os princípios do direito moderno serão reconhecidos por nós. A importância dessa reticência consiste no seguinte: um princípio não especificado deixa-nos a liberdade de excluir isto ou aquilo, sem que dêem pela coisa, enquanto que, enumerando, temos de aceitar o que for enumerado sem reserva.

O povo tem um amor especial e uma grande estima pelos gênios políticos e responde a todos os atos de violência com as palavras: *"É um canalha, bem canalha, mas que*

habilidade!... Foi uma esperteza, mas bem feita, e como é insolente!”

Contamos atrair todas as nações para a construção dum novo edifício fundamental, cujo plano traçamos [{56}]. Eis porque precisamos, antes de tudo, fazer provisão de audácia e presença de espírito, qualidades que, na pessoa de nossos autores destruirão todos os obstáculos que se anteponham em nosso caminho. Quando tivermos dado o nosso golpe de Estado, diremos aos povos: *“Tudo ia horrivelmente mal, todos sofreram mais do que aquilo que se pode suportar. Destruímos as causas de vossos tormentos, as nacionalidades, as fronteiras, as diversidades de moedas. Sem dúvida, tendes a liberdade de nos jurar obediência, mas podereis fazê-lo com justiça antes de experimentardes o que vos damos?”* [{57}]... Então, eles nos exaltarão e carregarão em triunfo com um entusiasmo unânime de esperanças. O sufrágio universal que criamos para ser o instrumento de nossa elevação e ao qual habituamos as mais ínfimas unidades de todos os membros da humanidade pelas reuniões de grupos e pelos conchavos, desempenhará pela última vez seu papel para exprimir o unânime desejo da humanidade em nos conhecer de mais perto antes de nos julgar.

Para isso, **precisamos levar toda a gente ao sufrágio universal**[{58}]**, sem distinção de classe e de censo eleitoral, a fim de estabelecer o despotismo da maioria que se não pode obter das classes censitárias inteligentes.** Tendo, assim, habituado toda a gente à idéia de seu próprio valor, destruiremos a importância da família gentia e seu valor educativo [{59}], deixaremos que se produzam individualidades que a multidão, guiada por nós, não permitirá que se faça notar, nem mesmo que fale: estará acostumada a ouvir somente a nós, que lhe pagamos sua obediência e sua atenção.

Faremos do povo uma força tão cega que, em toda parte, só se poderá mover guiada pelos nossos agentes, postos em lugar de seus chefes naturais. Submeter-se-á a esse regime, porque saberá que desses novos chefes dependerão seus ganhos, os dons gratuitos e toda a espécie de bens.

Um plano de governo deve sair pronto duma única cabeça, porque seria incoerente, se diversos espíritos tomassem a si a tarefa de estabelecê-lo. Por isso, devemos conhecer um plano de ação, mas não discuti-lo, a fim de não quebrar seu caráter genial, a ligação entre suas várias partes, a força prática e a significação secreta de cada um de seus pontos. Se o sufrágio universal o discutir e modificar, guardará o vestígio de todas as falsas concepções dos espíritos que não terão penetrado a profundeza e ligação dos desígnios. É necessário que nossos planos sejam fortes e bem concebidos. Por essa razão, não devemos lançar o trabalho genial de nosso chefe aos pés da multidão, nem mesmo desvendá-lo a um agrupamento restrito.

Esses planos não derrubarão no momento as instituições modernas. Mudarão somente a sua economia, e, por conseguinte, todo o seu desenvolvimento, que, assim, se orientarão de acordo com nossos projetos.

As mesmas coisas mais ou menos existem em todos os países com nomes diferentes: a Representação, os Ministérios, o Senado, o Conselho de Estado, o Corpo Legislativo e o Corpo Executivo. Não preciso explicar-vos o mecanismo das relações entre essas instituições, porque o conheceis bastante; notai somente que cada qual dessas instituições corresponde a alguma função importante do Estado e peço-vos notar ainda que são as funções, e não a instituição, que são importantes. As instituições dividiram entre si todas as funções do governo: funções administrativas, legislativas, executivas. Trabalham no

organismo do Estado como os órgãos no corpo humano. Se prejudicarmos uma parte da máquina do Estado, este ficará doente, como o corpo humano, e morrerá. **Quando introduzimos no organismo do Estado o veneno do liberalismo, toda a sua constituição política foi mudada: os Estados caíram doentes com uma doença mortal: a decomposição do sangue; não resta mais do que esperar o fim de sua agonia.**

Do liberalismo nasceram os governos constitucionais, que substituíram, para os gentios, a autocracia salutar, e a constituição não é mais do que uma escola de discórdia, de desinteligência, de discussões, de dessentimentos, de agitações estéreis dos partidos; em uma palavra, é a escola de tudo o que faz com que um Estado perca sua individualidade e sua personalidade. A tribuna, assim como a imprensa, condenou os governos a inação e a fraqueza; tornou-os pouco necessários, inúteis: é isso que explica que sejam derrubados. A era republicana se tornou possível quando substituímos o governante por uma caricatura de governo, por um presidente tomado na multidão, no meio de nossas criaturas, de nossos escravos. Aí está o fundo da mina que cavamos sob o povo dos gentios, ou melhor, sob os povos gentios.

Em futuro próximo, criaremos a responsabilidade dos presidentes. Então, faremos passar sem grande esforço coisas, cuja responsabilidade caberá à nossa criatura. Que nos importa que as fileiras daqueles que aspiram ao poder se tornem mais raras, que se produzam, por falta de presidentes capazes, embaraços que desorganizem completamente o país?

Para chegar a esse resultado, maquinaremos a eleição de presidentes que tenham em seu passado uma tara oculta. O receio de revelações, o desejo próprio a cada homem que

chega ao poder de conservar seus privilégios, vantagens e honras ligadas à sua condição, farão com que sejam fiéis executores de nossas ordens. A câmara dos deputados cobrirá, defenderá, elegerá presidentes, porém nós lhe retiraremos o direito de propor leis, de modificá-las; esse direito será atribuído ao presidente responsável, que se tornará mero joguete em nossas mãos.

O poder do governo se tornará, sem dúvida, o alvo de todos os ataques. Nós lhe daremos, para sua defesa, o direito de apelo à decisão do povo, sem ser pelo intermédio de seus representantes, isto é, recorrendo ao nosso servidor cego, a maioria. Daremos, além disso, ao presidente, o direito de declarar guerra. Fundamentaremos este último direito, dizendo que o presidente, como chefe das forças armadas do país, deve ter ao seu dispor, para defender a nova constituição republicana, todas elas, pois será representante responsável dessa constituição.

Nessas condições, o chefe do santuário estará em nossas mãos e ninguém, exceto nós, dirigirá mais a força legislativa.

Demais retiraremos à câmara, introduzindo na nova constituição republicana, o direito de interpelação sob o pretexto de salvaguardar o segredo político. Restringiremos o número dos representantes ao mínimo, o que terá por efeito diminuir tanto as paixões políticas quanto a paixão pela política. Se, contra toda expectativa, elas despertarem mesmo nesse pequeno número de representantes, reduzi-lo-emos a nada, apelando para a maioria do povo...

Do presidente dependerá a nomeação dos presidentes e vice-presidentes da Câmara e do Senado. Em lugar das sessões parlamentares constantes, limitaremos a reunião dos Parlamentos a alguns meses. Além disso, o presidente,

como o chefe do poder executivo, terá o direito de convocar ou dissolver o parlamento, e, no caso de dissolução, de adiar a nova convocação. Mas, para que as conseqüências de todos esses atos, na realidade ilegais, não recaiam sobre a responsabilidade do presidente, estabelecida por nós, o que prejudicaria nossos planos, sugerimos aos ministros e aos outros funcionários que rodeiem o presidente, a idéia de passar por cima de suas disposições com as medidas que eles próprios tomem; deste modo, ficarão responsáveis em seu lugar... Aconselhamos confiar esse papel sobretudo ao Senado, ao Conselho de Estado, ao Conselho de Ministros, de preferência a um indivíduo só.

O presidente interpretará, dócil ao nosso desejo, as leis existentes que possam ser interpretadas diferentemente; anula-las-á, quando lhe apontarmos essa necessidade; terá o direito de propor leis provisórias e até nova reforma da constituição, com o pretexto do supremo bem do Estado.

Essas medidas nos darão o meio de destruir pouco a pouco, passo a passo, tudo o que, a princípio, quando de nossa tomada do poder, formos forçados a introduzir nas constituições dos Estados; passaremos daí, imperceptivelmente, à supressão de toda constituição, quando chegar a hora de reunir todos os governos sob a nossa autocracia [{60}].

O reconhecimento de nossa autocracia pode ocorrer antes da supressão da constituição, se os povos fadigados pelas desordenas e pela frivolidade de seus governantes exclamarem: “Expulsai-os e dai-nos um rei universal que nos possa reunir e destruir as causas de nossas discórdias: as fronteiras das nações, as religiões, os cálculos dos Estados; um rei que nos dê a paz e o repouso que não podemos obter com nossos governantes e representantes!” [{61}]

Vós mesmo sabeis muito bem que, **para tornar possíveis tais desejos, é preciso perturbar constantemente, em todos os países, as relações entre o povo e o governo, a fim de cansar todos pela desunião, pela inimizade, pelo ódio, e mesmo pelo martírio, pela fome, pela inoculação de doenças, pela miséria, a fim de que os gentios não vejam outra salvação senão recorrer à nossa plena e definitiva soberania** [{62}]**.**

Se dermos aos povos tempo para respirar, talvez jamais se apresente a ocasião favorável.

ATA XI

O programa da nova constituição. Alguns pormenores sobre o golpe de Estado proposto. Os cristãos são carneiros. A franco-maçonaria secreta e suas lojas de "fachada".

O Conselho de Estado será preposto a sublinhar o poder do governo; sob a aparência dum corpo legislativo, será, na realidade, uma comissão de redação das leis e decretos do governante.

Eis aqui o programa da nova constituição que elaboramos. Criaremos a lei, o direito e o tribunal: 1) sob a forma de proposta ao corpo legislativo; 2) por decretos do presidente sob a forma de ordens gerais, por atos do Senado e decisões do Conselho de Estado, sob a forma de ordens ministeriais; 3) no caso em que seja julgado oportuno, sob a forma de golpe de Estado. Agora que, aproximadamente, estabelecemos esse *modus agendi,* ocupemo-nos das medidas que nos servirão para rematar a transformação do Estado no sentido que já expusemos. Refiro-me à liberdade de imprensa, ao direito de associação, à liberdade de consciência, ao princípio eletivo e a muitas outras coisas que deverão desaparecer do repertório humano ou serem radicalmente mudadas, quando for clamada a nova constituição. Somente nesse momento ser-nos-á possível publicar ao mesmo tempo todas as nossas ordens. Em seguida, toda mudança sensível será perigosa e eis porque: se essa mudança se operar num sentido de rigorosa severidade, pode desencadear o desespero provocado pelo receio de novas modificações do mesmo teor; se, pelo contrário, se operar no sentido de complacências ulteriores, dir-se-á que reconhecemos nossos erros e isto empanará a auréola da infalibilidade do novo poder ou dirão que tivemos medo e fomos obrigados a concessões que ninguém nos

agradecerá, porque as julgarão devidas... Num e noutro caso, ficaria prejudicado o prestígio da nova constituição. **Queremos que, no próprio dia de sua proclamação, quando os povos estiverem estupefatos com o golpe de Estado que acabar de efetuar-se, quando ainda estiverem mergulhados no terror e na perplexidade, queremos que, nesse momento, reconheçam que somos tão fortes, tão invulneráveis, tão poderosos que não fazemos o menor caso deles; que não somente não daremos atenção às suas opiniões e aos seus desejos, mas estamos prontos e preparados, com indiscutível autoridade, para reprimir qualquer expressão, qualquer manifestação desses desejos e opiniões; que nos apoderamos de uma só vez de tudo o que. Então, fecharão os olhos e esperarão os acontecimentos.**

Os gentios são um rebanho de carneiros e nós somos os lobos! E bem sabeis o que acontece aos carneiros quando os lobos penetram no redil!

Fecharão ainda os olhos sobre tudo mais, porque lhes prometeremos restituir todas as liberdades confiscadas, quando se aquietarem os inimigos da paz e os partidos forem reduzidos à impotência. É inútil dizer que esperarão muito tempo esse recuo ao passado...

Para que teríamos inventado e inspirado aos cristãos toda essa política, sem lhes dar os meios de penetrá-la, para que, senão para alcançar o que nossa raça quer alcançar secretamente por não poder, como raça dispersa, alcançar diretamente? Isso serviu de base à nossa organização da franco-maçonaria secreta, que ninguém conhece e cujos desígnios não são sequer suspeitados pelos tolos gentios, atraídos por nós ao

exército visível das lojas, a fim de desviar os olhares de seus próprios irmãos.

Deus nos deu, a nós, seu povo eleito, a dispersão e, nessa fraqueza de nossa raça se encontra a força que nos trouxe hoje ao limiar do domínio universal [{63}].

Resta-nos pouca coisa a edificar sobre esses alicerces.

ATA XII

Interpretação maçônica da palavra *liberdade.* Futuro da imprensa no reino franco-maçom. Controle da imprensa. As agências de correspondentes. Que é o progresso para os franco-maçons? A solidariedade dos franco-maçons na imprensa moderna. Excitação das exigências *sociais* provinciais. Infalibilidade do novo regime.

Definiremos da seguinte maneira a palavra **liberdade**, que pode ser interpretada de vários modos:

A liberdade é o direito de fazer o que a lei permite. Tal interpretação da palavra nos tempos que vão vir fará com que toda liberdade esteja em nossas mãos, porque as leis destruirão ou criarão o que nos for agradável, segundo o programa que já expusemos.

Com a imprensa, agiremos do seguinte modo. Que papel desempenha agora a imprensa? Serve para acender as paixões ou conservar o egoísmo dos partidos. Ela é vã, injusta, mentirosa e a maioria das pessoas não compreende absolutamente para que serve. Nós lhe poremos sela e fortes rédeas, fazendo o mesmo com todas as obras impressas, por que de que serviria nos desembaraçarmos da imprensa, se servíssemos de alvo à brochura e ao livro? Transformaremos a publicidade, que hoje nos custa caro, porque nos permite censurar os jornais, em uma fonte de renda para nosso Estado. Criaremos um imposto especial sobre a imprensa. Exigiremos uma caução, quando se fundarem jornais e oficinas de impressão. Assim, nosso governo ficará garantido contra qualquer ataque da imprensa [{64}]**. Oportunamente, aplicaremos multas sem piedade. Selos, cauções e multas darão enorme renda ao Estado.**

É verdade que os jornais de partido poderiam ficar acima dos prejuízos em dinheiro; mas os suprimiremos logo ao segundo ataque. Ninguém tocará impunemente a auréola de nossa infalibilidade governamental. Pretextaremos, para suprimir um jornal, que ele agita os espíritos sem motivos e sem razão. Peço-vos notar que, entre os jornais que nos atacarem, haverá órgãos criados por nós, os quais atacarão somente os pontos, cuja modificação nós desejarmos [{65}].

Nada será comunicado à sociedade sem nosso controle. Este resultado já foi alcançado em nossos dias, porque todas as notícias são recebidas por diversas agências, que as centralizam de toda parte do mundo [{66}]. Essas agências estarão, então, inteiramente em nossas mãos e só publicarão o que consentirmos.

Se, no momento atual, já soubemos apoderar-nos dos espíritos das sociedades gentias de tal modo que todos olham os acontecimentos mundiais através dos vidros de cor dos óculos que lhes pusemos aos olhos, se já, em nenhum Estado, não há mais fechaduras que nos impeçam o acesso de que os gentios tolamente denominam segredos de Estado, que será quando formos os donos reconhecidos do universo sob o domínio de nosso rei universal?...

Quem quer que deseje ser editor, bibliotecário ou impressor, será obrigado a obter um diploma, o qual, no caso de seu possuidor se tornar culpado dum malefício qualquer, será imediatamente confiscado. Com tais medidas, o instrumento de pensamento se tornará um meio de educação nas mãos do nosso governo, o qual não permitirá mais às massas populares divagarem sobre os benefícios do progresso. Quem é que, entre nós, não sabe que esses benefícios ilusórios levam diretamente a sonhos absurdos? Desses sonhos se originaram as relações anárquicas dos

homens entre si e com poder, porque o progresso, ou, melhor, a idéia do progresso foi que deu a idéia de todas as emancipações, sem fixar seus limites... **Todos aqueles que chamamos liberais são anarquistas, senão de fato, pelo menos de pensamento**. Cada qual deles busca as ilusões da liberdade e cai na anarquia, protestando pelo simples prazer de protestar...

Voltemos à imprensa. Nós a gravaremos, como tudo quanto se imprima, com impostos em selo e tanto por folha ou página, e com garantias; os volumes de menos de trinta páginas serão tributados com o dobro. Registrá-los-emos na categoria das brochuras, primeiro para reduzir o número de revistas, que são o pior dos venenos, segundo porque essa medida obrigará os escritores a produzir obras muito longas, que serão pouco lidas, sobretudo por causa de seu custo. Pelo contrário, o que nós mesmos editarmos para muitos espíritos, na tendência que tivermos estabelecido, será barato e lido por toda a gente. O imposto matará o vão desejo de escrever e o temor da punição porá os literatos na nossa dependência.

Se houver quem deseje escrever contra nós, não haverá ninguém que imprima [{67}]. Antes de aceitar uma obra para imprimir, o editor ou impressor consultará as autoridades a fim de obter a necessária autorização. Deste modo, conheceremos de antemão as emboscadas que nos armem e as destruiremos, dando explicações com antecedência sobre o assunto tratado.

A literatura e o jornalismo são as duas forças educativas mais importantes; por isso, nosso governo será proprietário da maioria dos jornais [{68}]. Assim, a influência perniciosa da imprensa particular será neutralizada e adquiriremos enorme influência sobre os espíritos. Se autorizarmos dez jornais, fundaremos logo trinta, e assim por diante.

O público nem desconfiará disso. Todos os jornais editados por nós terão, aparentemente, tendências e opiniões as mais opostas, o que despertará a confiança neles e atrairá a eles nossos adversários confiantes, que cairão na armadilha e se tornarão inofensivos.

Os órgãos de caráter oficial em primeiro plano. Valerão sempre pelos nossos interesses e por isso sua influência será quase nula. No segundo plano, virão os oficiosos, cujo papel será o de atrair os indiferentes e os amorfos. No terceiro plano, poremos a pretensa oposição. **Um órgão pelo menos deve ser o antípoda de nossas idéias** *{69}*. **Nossos adversários tomarão esse falso opositor como seu aliado e nos mostrarão seu jogo.**

Nossos jornais serão de todas as tendências: uns aristocráticos; outros, republicanos, revolucionários ou mesmo anarquistas, enquanto existir a constituição, bem entendido.

Um homem muito agitado perde a faculdade de raciocinar e facilmente se abandona à sugestão. Os imbecis que pensarem que repetem a opinião do seu partido repetirão nossa opinião ou a que nos convier, imaginarão que seguem o órgão de seu partido e seguirão, na realidade, a bandeira que arvorarmos por ele.

Para dirigir nesse rumo nosso exército de jornalistas, deveremos organizar essa obra com cuidado muito especial. **Sob o nome de escritório central de imprensa, organizaremos reuniões literárias, nas quais nossos agentes darão, sem que ninguém desconfie, a palavra de ordem e os sinais. Discutindo e contradizendo nossa iniciativa de modo superficial, sem penetrar no âmago das questões, nossos órgãos**

entreterão vaga polêmica com os jornais oficiais, a fim de nos dar os meios de pronunciarmos mais claramente do que poderíamos fazer nas nossas primeiras declarações oficiais.

Esses ataques desempenharão ainda o papel de fazer com que nossos súditos se julguem garantidos de falar livremente; isso dará, demais, a nossos agentes, motivo para dizerem e afirmarem que os órgãos que se declaram contra nós nada mais fazem do que falar à toa, pois que não podem achar verdadeiras razões para refutar seriamente nossas medidas.

Tais processos, despercebidos da opinião pública, porém seguros, certamente atrairão para nós a atenção e a confiança pública. Graças a eles, excitaremos e calmaremos, conforme for preciso, os espíritos, nas questões políticas, persuadindo-os ou desanimando-os, imprimindo ora a verdade, ora a mentira, confirmando os fatos ou os contestando, segundo a impressão que fizerem no público, apalpando sempre prudentemente o terreno antes de dar um passo... Venceremos infalivelmente nossos adversários, porque eles não terão à sua disposição órgãos em que se possam pronunciar até o fim, devido às medidas a que já aludimos. Não teremos necessidade de refutá-los profundamente... Refutaremos energicamente em nossos órgãos oficiosos os balões de ensaio lançados por nós na terceira categoria de nossa imprensa, em caso de necessidade *{70}*.

Nas formas do jornalismo francês, pelo menos existe uma solidariedade franco-maçônica. Todos os órgãos da imprensa estão ligados entre si pelo segredo profissional; nenhum de seus membros revelará o segredo de suas informações, se

não receber ordem para isso. Nenhum jornalista ousará trair esse segredo, porque nenhum deles será admitido na órbita da literatura, se não tiver uma mancha em seu passado: essa mancha seria imediatamente revelada. Enquanto tais manchas forem conhecidas somente por alguns, a auréola do jornalista atrará a opinião da maioria do país e ele será seguido com entusiasmo.

Nossos cálculos se estendem sobretudo para a província. É necessário que nela excitemos esperanças e aspirações opostas às da capital que faremos passar como espontâneas. É claro que a fonte será sempre a mesma: elas partirão de nós. Enquanto não desfrutarmos o poder de modo completo, teremos, às vezes, necessidade de envolver as capitais pelas opiniões do povo da província, isto é, pelas opiniões da maioria manobrada por nossos agentes. É necessário, por isso que já foi aceito pela opinião provincial.

Quando entrarmos no novo regime que preparará nosso reinado, não poderemos tolerar a revelação da desonestidade pública pela imprensa; será necessário que se creia que o novo regime satisfez tão bem toda a gente que os próprios crimes desapareceram... Os casos de manifestação de criminalidade não deverão ser conhecidos de suas vítimas e de suas testemunhas acidentais [{71}].

ATA XIII

A necessidade do pão quotidiano. As questões políticas. As questões industriais. As diversões. As casas do povo. A verdade é uma só. Os grandes problemas.

A necessidade do pão quotidiano impõe silêncio aos gentios e faz deles nossos humildes servidores. Os agentes tomados entre eles para a nossa imprensa discutirão por nossa ordem o que nos convier fazer imprimir diretamente em documentos oficiais, e nós mesmos, durante esse tempo, aproveitando o rumor provocado por essas discussões, tomaremos as medidas que nos parecerem úteis e as apresentaremos ao público como fato consumado. Ninguém terá a audácia de reclamar a anulação do que tiver sido decidido, tanto mais quanto será apresentado como um progresso. A imprensa, aliás, chamará logo a atenção para novas questões. Temos, como sabeis, homens acostumados a procurar sempre novidades. Alguns imbecis, acreditando-se instrumentos da sorte, se lançarão sobre essas novas questões, sem compreender que nada entendem do que querem discutir. **As questões da política não são acessíveis a ninguém, exceto àqueles que as criaram, há muitos séculos, e que a dirigem.**

Procurando a opinião da multidão, não fazemos mais do que facilitar a realização de nossos desígnios, e podeis notar que parecemos buscar a aprovação, não de nossos atos, mas de nossas palavras, pronunciadas nesta ou naquela ocasião. Proclamamos constantemente que em todas as nossas medidas, tomamos por guia a esperança unida à certeza de ser úteis ao bem de todos.

Para afastar os homens muito inquietos das questões políticas, poremos antes das pretensas questões novas as

questões industriais. As massas consentirão em ficar inativas, a repousar de sua pretensa atividade política (a que nós mesmos as habituamos, a fim de lutar por seu intermédio contra os governos dos gentios), com a condição de ter novas ocupações; nós lhes inculcaremos mais ou menos a mesma direção política. A fim de que nada consigam pela reflexão, nós as desviaremos pelos jogos, pelas diversões, pelas paixões, pelas casas do povo... Em breve, proporemos pela imprensa concursos de arte, de esporte, de toda a espécie: esses interesses alongarão definitivamente os espíritos das questões em que teríamos de lutar com eles. Desabituando-se os homens cada vez mais de pensar por si, acabarão por falar unanimemente de nossas idéias, porque seremos os únicos que proporemos novos rumos ao pensamento... por intermédio de pessoas que se não suspeite sejam solidárias conosco [{72}].

O papel dos utopistas liberais estará definitivamente encerrado, quando nosso regime for reconhecido. Até lá nos prestarão grande serviço. Por isso, impeliremos os espíritos a inventar toda espécie de teorias fantásticas, modernas e pretensamente progressistas; porque teremos virado a cabeça a esses gentios imbecis, com pleno êxito, por meio dessa palavra progresso, não havendo uma só mentalidade entre eles que veja que, sob essa palavra se esconde um erro em todos os casos em que não se tratar de invenções materiais, porque **a verdade é uma só e não poderia progredir. O progresso, como idéia falsa, serve para obscurecer a verdade, a fim de que ninguém a conheça, salvo nós, os eleitos de Deus e sua guarda**.

Quando vier nosso reinado, nossos oradores raciocinarão sobre os grandes problemas que emocionaram a humanidade, para levá-la afinal ao nosso regime salutar. **Quem suspeitará, então, que todos esses problemas foram inventados por nós de acordo com um plano político que ninguém adivinhou durante séculos?**

ATA XIV

A religião do futuro. A servidão futura. Impossibilidade de conhecer os mistérios da religião do porvir. A pornografia e o futuro da palavra impressa.

Quando vier o nosso reino, não reconheceremos a existência de nenhuma outra religião [{73}] a não ser a de nosso deus único, com a qual nossos destino está ligado, porque **somos o Povo Eleito**, pelo qual esse mesmo destino está unido aos destinos do mundo. Por isso, devemos destruir todas as crenças [{74}]. Se isso faz nascer os ateus contemporâneos, esse grau transitório não prejudicará nossa finalidade, mas servirá de exemplo às gerações que ouvirão nossas prédicas sobre a religião de Moisés, cujo sistema estóico e bem concebido terá produzido a conquista de todos os povos. Faremos ver nisso sua verdade mística, em que, diremos, repousa toda a sua força educativa. Então publicaremos em todas as ocasiões artigos em que compararemos nosso regime salutar com os do passado. **As vantagens do repouso obtido após séculos de agitação porão em relevo o caráter benéfico de nosso domínio. Os erros das administrações dos gentios serão descritos por nós com as cores mais vivas. Excitaremos tal repugnância por eles que os povos preferirão a tranqüilidade da servidão aos direitos da famosa liberdade** que tanto tempo os atormentou, que lhes tirou os meios de vida, que os fez serem explorados por uma tropilha de aventureiros, os quais nem sabiam o que estavam fazendo... As inúteis mudanças de governo a que impelimos os gentios, quando minávamos seus edifícios governamentais, terão de tal jeito fatigado os povos que preferirão tudo suportar de nós ao risco de novas agitações.

Nossos filósofos discutirão todos os efeitos das crenças gentias, mas ninguém poderá discutir jamais nossa religião, de seu verdadeiro ponto de vista, porque ninguém a conhecerá a fundo, salvo os nossos, os quais nunca ousarão trair seus segredos... *{75}*

Nos países que se denominam avançados, criamos uma literatura louca, suja, abominável *{76}***.** Estimulá-la-emos ainda algum tempo após nossa chegada ao poder, a fim de bem fazer ressaltar o contraste de nossos discursos e programas com essas torpezas...

Nossos sábios, educados para dirigir os gentios, comporão discursos, projetos, memórias, artigos, que nos darão influência sobre os espíritos e nos permitirão dirigi-los para as idéias e conhecimentos que quisermos impor-lhes.

ATA XV

Golpe de Estado mundial em um dia. As condenações à morte. A futura sorte dos franco-maçons cristãos. O caráter místico do poder. A multiplicação das lojas maçônicas. A administração central dos Sábios. A franco-maçonaria é o guia de todas as sociedades secretas. A importância do êxito público. O coletivismo. As vítimas. As condenações à morte de franco-maçons. Queda do prestígio das leis e da autoridade. A pré-eleição. Brevidade e clareza das leis do reino futuro. Obediência à autoridade. Medidas contra o abuso do poder. Crueldades das punições. Limite de idade para os juízes. O liberalismo dos juízes e do poder. O dinheiro mundial. O absolutismo da franco-maçonaria. Direito de cassação. O aspecto patriarcal do futuro "governo". O direito do mais forte como direito único. O rei de Israel é o patriarca do mundo.

Quando afinal, começarmos a reinar com o auxílio de golpes de Estado preparados em toda a parte para o mesmo dia, depois da confissão de nulidade de todos os governos existentes (ainda passará muito tempo antes disso, talvez um século) *{77}*, providenciaremos para que não haja conspiratas contra nós. Para esse efeito, condenaremos à morte todos os que receberem nosso advento de armas em punho. Toda nova criação de qualquer sociedade secreta será punida com a morte. Aquelas que ora existem, que conhecemos, que nos serviram e ainda nos servem, serão abolidas e somente permitidas nos continentes afastados da Europa. **Assim trataremos os franco-maçons cristãos que saibam demasiado; os que pouparmos por qualquer razão viverão no perpétuo temor do exílio para essas regiões. Publicaremos uma lei, segundo a qual os antigos membros das sociedades secretas deverão deixar a Europa, centro de nosso governo.**

Nas sociedades gentias em que semeamos tão profundas raízes de dissensão e protestantismo, **só se pode restabelecer a ordem por meio de medidas cruéis, que demonstrem a inflexibilidade do poder: é inútil**

prestar atenção às vítimas que caiam em holocausto ao bem futuro. O dever de todo governo não é somente gozar seus privilégios, mas exercer seus deveres e alcançar o bem, embora à custa dos maiores sacrifícios. **Para um governo ser inabalável, é preciso reforçar a auréola de sua força, o que só se obtém mediante a majestosa flexibilidade do poder, que deve possuir os sinais duma inviolabilidade mística, da escolha feita por Deus.**

Esperando nosso advento, criaremos e multiplicaremos, pelo contrário, as lojas maçônicas em todos os países do mundo, atraindo para elas todos os que são ou possam ser agentes proeminentes. Essas lojas formarão nosso principal aparelho de informações e o meio mais influente de nossa atividade. **Centralizaremos todas essas lojas em uma administração que somente nós conheceremos, composta pelos nossos Sábios.** As lojas terão seu representante, atrás do qual estará escondida a administração de que falamos, e será esse representante quem dará a palavra de ordem e o programa. Formaremos nessas lojas o núcleo de todos os elementos revolucionários e liberais. Elas serão compostas por homens de todas as camadas sociais. Os mais secretos projetos políticos ser-nos-ão concedidos e cairão sob a nossa direção no próprio momento em que apareçam. No número dos membros dessas lojas se incluirão quase todos os agentes da polícia nacional e internacional, porque seu serviço é insubstituível para nós, visto como a polícia pode não só tomar medidas contra os recalcitrantes, como cobrir nossos atos, criar pretextos para descontentamentos, etc... Aqueles que entram para as sociedades secretas são ordinariamente ambiciosos, aventureiros e, em geral, homens na maioria levianos, com os quais não teremos grande dificuldade em nos entendermos para realizar nossos projetos [{78}].

Se se verificarem desordens, isto significará que tivemos necessidade de perturbações, para destruir uma solidariedade demasiado grande. Se houver uma conspirata no seu seio, o chefe da mesma somente poderá ser um de nossos mais fiéis servidores. É natural que sejamos nós e ninguém mais quem conduza os negócios da franco-maçonaria, porque nós sabemos aonde vamos, conhecemos a finalidade de toda a ação, enquanto que os gentios nada sabem, nem mesmo o resultado imediato: geralmente se contentam com um êxito momentâneo de amor próprio na execução de seu plano, sem mesmo dar fé que esse plano não provém de sua iniciativa, mas que lhes foi por nós sugerido.

Os gentios entram em nossas lojas por curiosidade ou com a esperança de comer uma fatia de bolo público com o nosso auxílio, alguns até para ter a possibilidade de exprimir diante de uma assistência seus sonhos irrealizáveis e sem base: têm a sede da emoção, do êxito, dos aplausos, que nós dispensamos sempre sem avareza. Nós lhe damos esse êxito para aproveitar o contentamento próprio que dele resulta e graças ao qual os homens aceitam nossas sugestões sem se dar conta disso, plenamente persuadidos que exprimem em sua infalibilidade suas idéias e que são incapazes de se apropriarem da dos outros... Não podeis imaginar como se podem levar os gentios mais inteligentes a uma ingenuidade inconsciente, com a condição de torná-los contentes com eles mesmos, e, ao mesmo tempo, como é fácil desencorajá-los com o menor revés, embora somente fazendo cessar os aplausos, o que os obriga a uma obediência servil, a fim de obter novo triunfo... *{79}*

Como nossos antigos foram clarividentes, dizendo que, para atingir um fim, não se devem olhar os meios e contar o número das vítimas sacrificadas! **Não temos contado**

vítimas dos brutos gentios e, embora tenhamos sacrificado muitos dos nossos, demos na terra ao nosso povo um poder com que ele nunca ousara sonhar. A morte é o fim inevitável de todos. Vale mais acelerar o fim daqueles que põem obstáculo à nossa obra do que o nosso, pois que criamos essa obra. **Daremos a morte aos franco-maçons de maneira que ninguém, salvo seus irmãos, possa desconfiar, nem mesmo as próprias vítimas de nossas condenações; morrerão todos, quando se tornar necessário, como se fosse uma doença natural...** [{80}] **Sabendo disso, a própria confraria não ousará protestar.**

O prestígio das leis foi minado pelas interpretações liberais que nelas introduzimos. **Nas causas e questões de política e de princípio, os tribunais decidem vendo pela face que lhes apresentamos.** Servimo-nos para isso do intermédio de pessoas com as quais ninguém pensa que tenhamos nada de comum, da opinião dos jornais e de outros meios ainda. **Os próprios senadores e a administração superior aceitam cegamente nossos conselhos.** O espírito puramente animal dos gentios não é capaz de análise e de observação, ainda menos de prever aonde podem levar certos modos de apresentar uma questão.

É nessa diferença de aptidão, para pensar, entre nós e os gentios, que se pode ver claramente o sinal de nossa eleição e a marca de nossa humanidade. O espírito dos gentios é instintivo, animal. Eles vêem, mas não prevêem e não inventam, salvo as coisas materiais. Vê-se por aí com a maior clareza que a própria natureza nos destinou para dirigir e governar o mundo [{81}]**.**

Quando chegar o tempo de governarmos abertamente e de mostrarmos os benefícios de nosso governo, refaremos todas as legislações: nossas leis serão breves, claras, inabaláveis, sem comentários, tanto que todos as poderão conhecer bem. O traço predominante dessas leis será a obediência às autoridades levada a um grau grandioso. Então, todos os abusos desaparecerão em virtude da responsabilidade de todos até o último perante a autoridade superior do representante do poder. Os abusos de poder dos funcionários inferiores serão punidos tão severamente que cada um deles perderá a vontade de tentar a experiência. Seguiremos com um olhar inflexível cada ato da administração de que depende a marcha da máquina governamental, porque a licença na administração produz a licença universal: todo caso de ilegalidade ou abuso será punido de maneira exemplar. O roubo, a cumplicidade solidária entre funcionários administrativos desaparecerão após os primeiros exemplos dum castigo rigoroso. A auréola de nosso pode exige punições eficazes, isto é, cruéis, à menor infração das leis, porque qualquer infração atinge o prestígio superior da autoridade. O condenado severamente punido será como um soldado que tombou no campo de batalha administrativo pela autoridade, os Princípios e a Lei, que não admitem que o interesse particular domine a função pública, mesmo por parte daqueles que dirigem o carro da sociedade. Nossos juízes saberão que, querendo gabar-se de tola misericórdia, violam a lei da justiça, instituída para edificar os homens, castigando os crimes, e não para que os juízes mostrem sua generosidade. É permitido dar prova dessas qualidades na vida privada, mas não na vida pública, que é como que a base de educação da vida humana [{82}]**.**

Nosso pessoal judiciário não poderá servir depois de cinqüenta e cinco anos [{83}], em primeiro lugar porque os velhos são mais arraigados às suas opiniões preconcebidas e menos aptos a obedecer às novas ordenações. Em segundo, porque isso nos permitirá mais facilmente renovar esse mesmo pessoal, o qual, assim, nos ficará mais submetido: quem quiser conservar seu posto terá de obedecer cegamente, a fim de merecer esse favor. Em geral, nossos juízes serão escolhidos por nós somente entre os que saibam bem que seu papel é punir e aplicar as leis, não fazer liberalismo em detrimento do Estado. As mudanças servirão ainda para destruir a solidariedade coletiva da classe, ligando todos ao interesse do governo, do qual dependerá a sua sorte. A nova geração de juízes será educada de tal modo que considerará inadmissíveis abusos que possam atingir a ordem estabelecida nas relações de nossos súditos entre si.

Nos dias que correm, os juízes gentios, não tendo uma idéia justa de sua tarefa, são indulgentes, para todos os crimes, porque os atuais governantes, nomeando os juízes para seus ofícios, não tomam o cuidado de lhes inspirar o sentimento de dever e a consciência da obra que deles se exige. Do mesmo modo como o animal manda seus filhotes em busca duma presa, os gentios dão a seus súditos lugares de boa renda, sem cuidar de lhes explicar a finalidade desse emprego.

Tiremos, pois, dos resultados desses atos mais uma lição para o nosso regime. **Expulsaremos o liberalismo de todos os postos importantes de nossa administração.** Somente serão admitidos a esses postos aqueles que forem por nós educados para o governo administrativo.

Nosso absolutismo será em tudo coerente. Por isso, nossa vontade será respeitada e obedecida sem contestação todas as vezes que dermos ordens. Ela não se preocupará com nenhum murmúrio, com nenhum descontentamento, castigando de maneira exemplar toda e qualquer revolta.

Aboliremos o direito de cassação, do qual seremos os únicos a dispor como governantes, porque não devemos deixar nascer no povo a idéia de ser possível uma decisão injusta pronunciada pelos juízes nomeados por nós. Se uma coisa semelhante acontecer, nós mesmos cassaremos a sentença, porém punindo tão exemplarmente o juiz por não ter compreendido seu dever e papel que isso jamais se repetirá. Repito mais uma vez que conheceremos cada passo de nossa administração, vigiando bem para que o povo fique contente conosco porque ele tem o direito de exigir dum bom governo bons funcionários.

Nosso governo assumirá o aspecto duma tutela patriarcal, manifestando-se de modo paternal. Nosso povo e nossos súditos verão nele um pai que cuida de todas as necessidades, de todos os atos, de todas as relações recíprocas dos súditos entre si, assim como de suas relações com o governo. Então, penetrar-se-ão de tal modo desse espírito que lhes será impossível passar sem essa tutela e essa direção, se quiserem viver em paz, tranqüilos; reconhecerão a autocracia de nosso governo com uma veneração vizinha da adoração, sobretudo quando se convencerem que nossos funcionários não substituem nosso poder pelo seu e somente executam ordens cegamente. Ficarão satisfeitos conosco por termos regulado sua vida como fazem os pais prudentes que querem criar os filhos no sentimento do dever e da obediência. Porque os povos, em relação aos segredos de nossa política, são crianças, são eternamente menores, assim como seus governos... *{84}*

Fundo nosso despotismo sobre o direito e o dever: o direito de exigir o cumprimento do dever é o primeiro dever dum governo que seja o pai de seus governados. Ele tem o direito do mais forte e deve usá-lo para dirigir a humanidade para a ordem estabelecida pela natureza, isto é, para a obediência. Tudo obedece no mundo, senão aos homens, pelo menos às circunstâncias ou à sua própria natureza e, em todo caso, ao mais forte. Sejamos, portanto, o mais forte para o bem [{85}]. Devemos saber, sem hesitar, sacrificar alguns indivíduos isolados, violadores da ordem estabelecida, porque há uma grande força educativa no castigo exemplar do mal.

Se o rei de Israel puser sobre sua cabeça sagrada a coroa que a Europa lhe oferecerá, tornar-se-á o patriarca do mundo. As vítimas necessárias, feitas por ele, em obediência à utilidade, jamais atingirão o número de vítimas oferecidas durante séculos à loucura das grandezas dos governos gentios. Nosso rei estará em constante comunhão com o povo; dirigir-lhe-á discursos da tribuna, que logo a fama espalhará pelo mundo inteiro [{86}].

ATA XVI

As universidades tornadas inofensivas. O classicismo substituído. A educação e a profissão. Propaganda da autoridade do Governo nas escolas. Abolição do ensino livre. As novas teorias. A independência do pensamento. O ensino pela imagem.

A fim de destruir todas as forças coletivas, exceto as nossas, suprimiremos as universidades, primeira etapa do coletivismo, e fundaremos outras com um novo espírito. Seus reitores e professores serão preparados secretamente para a sua tarefa por meio de programas de ação secretos e minuciosos, dos quais se não poderão afastar uma linha. Serão nomeados com uma prudência muito especial e serão inteiramente dependentes do governo [{87}].

Excluímos do ensino o direito cívico, assim como tudo o que concerne às questões políticas [{88}]. Essas matérias serão ensinadas a algumas dezenas de pessoas escolhidas por suas faculdades eminentes. **As universidades não devem deixar sair de seus muros fedelhos que formem projetos de constituição e que se ocupem de questões políticas que seus próprios pais nunca entenderam.** O mau conhecimento que a maioria dos homens tem das questões políticas faz deles utopista e maus cidadãos. Foi preciso que introduzíssemos em sua educação todo os princípios que tão brilhantemente enfraqueceram a ordem social.

Substituiremos o classicismo, assim como todo o estudo da história antiga, que apresenta mais maus exemplos do que bons, pelo estudo do programa do futuro [{89}]. Riscaremos da memória dos homens todos os fatos dos séculos passados que não forem agradáveis, somente conservando entre eles os que pintem os erros dos governos cristãos [{90}].

Cada classe social deve ser educada dentro de limites severos, conforme o destino e a tarefa que lhe são próprias [{91}]. Os gênios acidentais sempre souberam e sempre saberão infiltrar-se nas outras classes; porém deixar penetrar em classes estranhas gente sem valor, permitindo-lhe tomar os lugares que pertencem a essas classes pelo nascimento e pela profissão, por causa desses casos excepcionais, é rematada loucura. Sabeis bem como tudo isso acabou para os gentios, que consentiram em tão berrante monstruosidade.

Aboliremos todo ensino livre. Os estudantes terão o direito de se reunirem a seus pais, como em clubes, nos estabelecimentos escolares; durante essas reuniões, nos dias de festa, os professores farão conferências, na aparência livres, sobre as relações dos homens entre si, sobre as leis da imitação, sobre as desgraças provocadas pela concorrência ilimitada, enfim, sobre a filosofia das novas teorias, ainda ignoradas pelo mundo. Faremos dessas teorias um dogma e deles nos serviremos para conduzir os homens à nossa fé. Quando eu tiver terminado a exposição de nosso programa de ação no presente e no futuro, dir-vos-ei quais as bases dessas teorias.

Sabendo, pela experiência de muitos séculos, que os homens vivem e se dirigem pelas idéias, que essas idéias somente são inculcadas aos homens pela educação, ministrada com êxito igual em todas as idades por processos diferentes, absorveremos e adotaremos, em nosso proveito, os derradeiros clarões da independência de pensamento, que de há muito já dirigimos para as matérias e idéias de que carecemos. O sistema de repressão do pensamento já está em vigor no método denominado do *ensino pela imagem*, que deve transformar os gentios em animais

dóceis, que não pensam e esperam representação das coisas e imagens, a fim de compreendê-las... {92}

ATA XVII

O foro. A influência dos padres cristãos. A liberdade de consciência. O rei dos judeus, patriarca e papa. Meios de luta contra a Igreja atual. Problemas de imprensa contemporânea. Organização da polícia. A polícia voluntária. A espionagem pelo modelo da sociedade judaica. Os abusos do poder.

O foro cria homens frios, cruéis, sem princípios, que, em todos os momentos, se colocam num terreno impessoal, puramente legal. Estão habituados a tudo empregar no interesse da defesa de seus clientes e não para o bem social. Geralmente, não recusam causa alguma, procurando obter absolvições a todo preço, recorrendo às sutilezas da jurisprudência: assim, desmoralizam os tribunais {93}. Permitindo essa profissão dentro de limites estreitos, faremos de seus membros, para evitar aquele mal, funcionários executivos. Os advogados serão privados, assim como os juízes, do direito de comunicar com os demandistas; receberão as causas no tribunal, analisá-las-ão conforme os pareceres e os documentos dos autos, defenderão os clientes depois de seu interrogatório pelo tribunal, uma vez esclarecidos os fatos, e receberão honorários independentemente da qualidade do processo. Deste modo, teremos uma defesa honesta e imparcial, guiada, não pelo interesse, mas pela convicção. Isto suprimirá, entre outras coisas, a atual corrupção dos assessores, que não consentirão mais em dar ganho de causa somente a quem paga.

Já tomamos as providências para desacreditar a classe dos padres cristãos, desorganizando sua missão, que atualmente poderia atrapalhar-nos bastante. Sua influência sobre os povos mingua dia-a-dia. Por toda a parte foi proclamada a liberdade de consciência. Por conseguinte, somente certo número de anos nos separa ainda da completa ruína da

religião cristã; acabaremos mais facilmente as outras religiões, porém ainda é muito cedo para falar disso [{94}]. Poremos o clericalismo e os clericais num âmbito tão estreito que sua influência será nula em comparação à que outrora tiveram.

Quando chegar o momento de destruir definitivamente a corte papal, o dedo de uma mão invisível aponta-la-á aos povos. Mas quando os povos se lançarem sobre ela, nós apareceremos como seus defensores, a fim de não permitir o derramamento de sangue. Com essa manobra, penetraremos no seio da praça e dela só sairemos quando a tivermos completamente arruinado [{95}].

O rei dos judeus será o verdadeiro papa do universo, o patriarca da Igreja Internacional [{96}]. Mas, enquanto não tivermos educado a mocidade nas novas crenças de transição, depois na nossa, não tocaremos abertamente nas Igrejas existentes, e sim lutaremos contra elas pela crítica, excitando as dissensões.

Em geral, nossa imprensa contemporânea desvendará os negócios do
Estado, as religiões, a incapacidade dos gentios e tudo isso em termos os mais desaforados, a fim de desmoralizar de todas as maneiras, como só nossa raça genial sabe fazê-lo [{97}].

Nosso regime será a apologia do reinado de Vishnu, segurando cada uma de nossa cem mãos uma manivela da máquina social. Veremos tudo em auxílio da polícia oficial, que, como nós a preparamos para os gentios, impede hoje os governos de ver. No nosso programa, um terço dos súditos vigiará os outros por sentimento de dever, para servir voluntariamente o Estado. Então, não será vergonhoso ser delator e espião; pelo contrário, será louvável; mas as

delações infundadas serão cruelmente punidas, a fim de que se não abuse desse direito.

Nossos agentes serão escolhidos na alta sociedade, como também, nas classes baixas, no seio da classe administrativa que se diverte, entre os editores, impressores, livreiros, caixeiros, operários, cocheiros e lacaios, etc... Essa polícia, desprovida de direitos, não autorizada a agir por si, por conseguinte sem poderes, somente fará testemunhar e denunciar; a verificação de seus informes e as prisões dependerão dum grupo de inspetores de polícia; as prisões mesmo serão executadas pelo corpo dos gendarmes e pela polícia municipal. Aquele que não tiver apresentado seu relatório sobre o que viu e ouviu em matéria de questões políticas será considerado culpado de fraude ou cumplicidade, como se estivesse provado que houvesse cometido esses dois crimes.

Assim, como hoje nossos irmãos são obrigados sob sua própria responsabilidade, a denunciar à sua comunidade nossos renegados ou as pessoas que empreendam qualquer coisa contrária à nossa comunidade; assim, no nosso reino universal, será obrigatório, para todos os nossos súditos servir, desta forma, o Estado.

Tal organização destruirá **os abusos da força, da corrupção, tudo o que nossos conselhos e nossas teorias dos direitos sobre-humanos introduziram nos hábitos dos gentios...** Mas, como teríamos obtido de outro modo o crescimento das causas de desordem na sua administração? Por que outros meios?... Um dos mais importantes desses meios são os agentes encarregados de restabelecer a ordem. A estes será deixada a possibilidade de fazer ver e desenvolver seus maus instintos, inclinações e caprichos, abusando de seu poder, aceitando, enfim, gorjetas [{98}].

ATA XVIII

Medidas de segurança. Vigilância dos conspiradores. Uma guarda aparente é a ruína do poder. A guarda do rei dos judeus. O prestígio místico do poder. Prisão à primeira suspeita.

Quando nos for necessário reforçar as medidas de proteção policial, que arruinam tão rapidamente o prestígio do poder, simularemos desordens, manifestações de descontentamento expressas por bons oradores. Juntar-se-ão a eles pessoas que alimentem os mesmos sentimentos. Isto nos servirá de pretexto para autorizar buscas e vigilâncias, cujos agentes serão os servidores que tivermos no seio da polícia dos gentios {99}.

Como a maioria dos conspiradores trabalham por amor à arte, por amor do palavrório, não os incomodaremos antes que obrem de qualquer maneira; contentar-nos-emos em introduzir em seu meio elementos de vigilância...{100} É preciso não esquecer que o prestígio do poder decresce, se somente descobre conspirações contra ele próprio: isto implica a confissão de sua impotência ou, o que é pior, da injustiça de sua própria causa. ...É fácil, por meio de algumas frases liberais, impelir ao crime, desde que tenha uma cor política.

Nosso governo será guardado por uma guarda quase imperceptível, por que não admitiremos, nem por pensamento, que possa existir contra ele uma facção contra a qual não esteja em estado de lutar e seja obrigado a se esconder. Se admitíssemos esse pensamento, como o faziam e ainda fazem os gentios, assinaríamos uma sentença de morte; senão a do soberano mesmo pelo menos o de sua dinastia em futuro próximo {101}.

Segundo as aparências severamente observadas, nosso governo só usará de seu poder para o bem do povo, nunca

para suas vantagens pessoais ou dinásticas. Por isso, observando esse decoro, seu poder será respeitado e salvaguardado por seus próprios súditos. Adorá-lo-ão com a idéia de que cada cidadão dele depende, porque dele dependerá a ordem social...[{102}]

Guardar o rei abertamente é reconhecer a fraqueza da organização governamental. Nosso rei, quando estiver no meio de seu povo, estará sempre rodeado por uma multidão de homens e mulheres que serão tomados como curiosos e ocuparão os lugares mais próximos a ele, como por acaso, os quais conterão as fileiras dos outros, fazendo respeitar a ordem. Isso será um exemplo de moderação. Se houver no povo um solicitador que procure apresentar uma súplica, abrindo passagem através dos grupos, s primeiras fileiras devem aceitar essa súplica e entregá-la ao rei aos olhos do suplicante, a fim de que todos saibam que o que se apresenta chega ao seu destino e que há, por conseguinte, um controle do próprio rei. A auréola do poder exige que o povo possa dizer: *Se o rei soubesse* ou *Se o rei souber* [{103}].

Com a instituição da guarda oficial desaparece o prestígio místico do poder; todo homem dotado de certa audácia julga-se dono desse poder, o faccioso conhece essa força e espreita a ocasião de cometer um atentado contra esse poder. Pregamos outra coisa aos gentios e vimos aonde os tem conduzido as medidas abertas de segurança!

Prenderemos os criminosos à primeira suspeita mais ou menos fundada: o receio de cometer um erro não pode ser uma razão para permitir a escápula aos indivíduos suspeitos de delito ou crime político, para os quais seremos verdadeiramente sem piedade [{104}]. Se se pode ainda, forçando um pouco o sentido das coisas, admitir o exame dos motivos nos crimes comuns, não há desculpa para as pessoas que se ocupem com questões que ninguém, salvo o governo, pode compreender. Mesmo todos os governos não são capazes de compreender a verdadeira política.

ATA XIX

O direito de apresentar súplicas e projetos. As facções. Os crimes políticos julgados pelos tribunais. A propaganda dos crimes políticos.

Se não admitimos que cada um se ocupe de política diretamente, estimularemos, em compensação, todo relatório e toda petição que solicite do governo medidas a bem do povo: isso nos permitirá ver os erros e fantasias de nossos súditos, aos quais responderemos pela execução do projeto em questão ou por uma recusa sensata, que demonstrará a pouca inteligência de seu autor.

As facções não passam de um cachorrinho latindo contra um elefante. Para um governo bem organizado, não do ponto de vista policial, mas social, o cãozinho ladra contra o elefante, porque não conhece seu lugar nem seu valor. Basta demonstrar por um *bom exemplo* a importância de um e de outro para que os cãezinhos deixem de latir e se ponham a festejar com a cauda logo que avistem o elefante.

Para tirar o prestígio da bravura ao crime político, nós o poremos no mesmo banco de réus do roubo, do homicídio e de todos os crimes abomináveis e vis [{105}]. Então, a opinião pública confundirá, no seu modo de pensar, essa categoria de crimes com a ignomínia de todos os outros, cobrindo-a com o mesmo desprezo. Nós nos propusemos, e espero que tenhamos alcançado isso, impedir os gentios de combater as facções políticas dessa maneira.

Com esse fim, pela imprensa, nos discursos públicos, nos manuais de história, **fizemos a propaganda do martírio,** na aparência aceito pelos facciosos para o bem comum. Essa propaganda aumentou os contingentes dos liberais e atraiu milhares de gentios ao nosso rebanho.

ATA XX

O programa financeiro. O imposto progressivo. Percepção progressiva em selos. Caixa de fundos em valores-papel e estagnação do dinheiro. Tribunal de contas. Abolição da representação. Estagnação dos capitais. Emissão de dinheiro. O câmbio do ouro. O câmbio do custo do trabalho. O orçamento. Os empréstimos do Estado. A série de títulos ao juro de 1%. As ações industriais. Osa governantes dos gentios: os favoritos; os agentes dos franco-maçons.

Falaremos agora sobre o programa financeiro que reservei para o fim de meu relatório como o ponto mais difícil, culminante e decisivo de nossos planos. abordando-o, lembrar-vos-ei que já vos disse, em forma de alusão, que a soma de nossos atos se resume em uma questão de cifras.

Quando nosso reinado chegar, nosso governo absoluto evitará, para sua própria defesa, sobrecarregar muito as massas populares de impostos, não esquecendo seu papel de pai e protetor. Mas, como a organização governamental custa caro, é preciso, entretanto, obter os meios necessários para isso. Por isso devemos preparar cuidadosamente o equilíbrio financeiro.

No nosso governo, o rei possuirá a ficção legal da propriedade legal de tudo o que houver no Estado, o que é fácil de realizar; poderá, portanto, recorrer ao confisco legal de todas as somas de dinheiro que julgar necessárias para regular a circulação de capitais no Estado. Vê-se por aí que a taxação deve consistir principalmente num imposto progressivo sobre a propriedade. Desse modo, os impostos serão percebidos, sem agravo e sem ruína, numa proporção de percentagem relativa à posse. Os ricos devem compreender que seu dever é pôr uma parte de seu supérfluo à disposição do Estado, porque este lhes garante a segurança do resto e o dinheiro de um ganho honesto, digo honesto, porque o controle da propriedade acabará com toda a pilhagem legal.

Essa reforma social deve vir de cima, porque seu tempo chegou e é necessário como um penhor de paz. O imposto dobre os pobres é uma semente de revolução e é prejudicial ao Estado, que perde grande lucro correndo atrás de pequenos proveitos. Independentemente disso, o imposto sobre os capitalistas diminuirá o crescimento das riquezas das pessoas privadas, em cujas mãos nós as concentramos atualmente para contrabalançar a força governamental dos cristãos, isto é, as finanças do Estado.

Um imposto progressivo dará muito mais forte renda do que o imposto proporcional de hoje, que só nos é útil para excitar agitações e descontentamentos entre os cristãos.

A força sobre que nosso rei se apoiará será o equilíbrio e a garantia da paz. É necessário que os capitalistas sacrifiquem pequena parte de seus rendimentos para assegurar o funcionamento da máquina governamental. As necessidades do Estado devem ser pagas por aqueles a quem suas riquezas permitam fazer isto sem sacrifício.

Tal medida destruirá o ódio do pobre contra o rico, no qual aquele verá uma força financeira útil ao Estado, sustentáculo da paz e da prosperidade, pois que é o rico que provê aos recursos necessários para a obtenção desses bens. Para que os pagadores da classe inteligente não se entristeçam demasiado com esses novos pagamentos, ser-lhes-ão entregues prestações de contas do destino dessas quantias, excetuando-se, bem entendido, as somas que forem aplicadas às necessidades do trono e das instituições administrativas.

A pessoa reinante não possuirá propriedade pessoal, porque tudo o que exista no Estado é dela, senão uma coisa contradiria a outra: os recursos pessoais anulariam o direito de propriedade sobre as posses de todos. Os parentes da pessoa reinante, exceto seus herdeiros, que são igualmente mantidos à custa do Estado, devem se colocar nas fileiras dos servidores do Estado ou trabalhar para adquirir o direito

da propriedade: o privilégio de pertencer à família real não deve servir de pretexto para pilhar o Tesouro.

A compra duma propriedade, a aceitação duma herança serão taxadas com um imposto de selo progressivo. A transmissão duma propriedade em dinheiro ou de outra forma, não declarada nesse imposto de selo, necessariamente nominal, será gravada com uma taxa de tanto por cento por conta do antigo proprietário, da data de transferência até o dia em que a fraude for descoberta. Os títulos de transferência deverão ser apresentados todas as semanas ao Tesouro local, com a designação do nome próprio, do de família e do domicílio do antigo e do novo proprietário. Esse registro dó será obrigatório a partir de uma quantia fixa que exceda os preços comuns de compra e venda do necessário, sendo os outros passíveis unicamente dum imposto em selo bastante mínimo, para cada unidade.

Calculai quanto esses impostos farão exceder a nossa renda sobre a dos Estados cristãos. A caixa dos fundos do Estado deverá conter certo capital de reserva, devendo tudo o que exceder a esse capital ser posto em circulação. Organizar-se-ão com essas reservas obras públicas. A iniciativa desses trabalhos resultado dos recursos do Estado ligará fortemente a classe operária aos interesses do Estado e ás pessoas reinantes. Parte dessas somas será atribuída a prêmios para invenções e à produção.

De modo algum é preciso, fora das somas fixadas e largamente contadas, reter, mesmo que seja uma simples unidade, nas caixas do Estado, porque o dinheiro é feito para circular e toda estagnação de dinheiro tem perniciosa repercussão sobre o funcionamento do mecanismo do Estado, cujas engrenagens ele deve azeitar: a falta de óleo pode parar a marcha regular da máquina.

A substituição duma parte do dinheiro por valores em papel justamente produziu essa estagnação. As conseqüências de tal fato já são suficientemente sensíveis.

Teremos também um Tribunal de Contas e o governante encontrará em todo tempo nele uma prestação completa de contas, com as receitas e despesas do Estado, excetuando-se as contas do mês ainda não terminado e do mês anterior ainda não entregue.

O único indivíduo que não tem interesse em pilhar as caixas do Estado é seu proprietário, o governante. Por isso, seu controle tornará impossíveis os prejuízos e os desperdícios. A representação, que toma precioso tempo ao governo com as recepções exigidas pela etiqueta, será suprimida, a fim de que ele tenha tempo de controlar e refletir. Seu poder não ficará mais à mercê dos favoritos que rodeiam o trono para lhe dar brilho e pompa, porém que não defendem os interesses do Estado e sim os próprios.

As crises econômicas tem sido produzidas por nós entre os cristãos com um único fim de retirar dinheiro da circulação. Capitais enormes ficarão estagnados, retirando dinheiro dos Estados, que foram obrigados a recorrer a esses mesmos capitais, a fim de ter dinheiro. Esses empréstimos sobrecarregaram as finanças dos Estados com o pagamento de juros, escravizando-os ao capital. A concentração da indústria nas mãos dos capitalistas que mataram a pequena indústria, absorveu todas as forças do povo, e , ao mesmo tempo, as do Estado...

A atual emissão de dinheiro em geral não corresponde à cifra do consumo por cabeça e, por conseguinte, não pode satisfazer todas as necessidades dos trabalhadores. A emissão de dinheiro deve estar em relação com o crescimento da população, no qual devem ser computadas as crianças porque consomem e gastam desde que nascem.

A revisão da cunhagem das moedas é uma questão essencial para o mundo inteiro. Sabeis que o câmbio ouro foi pernicioso para os Estados que o adotaram, porque não pode satisfazer o consumo de dinheiro, tanto mais que retiramos de circulação a maior quantidade de ouro possível.

Devemos criar uma moeda baseada sobre o trabalho, seja de papel ou de madeira. Faremos uma emissão de dinheiro de acordo com as necessidades normais de cada súdito, aumentando-a conforme os nascimentos e as mortes.

Cada departamento, cada distrito terão as suas estatísticas para esse efeito. A fim de que não haja demora na entrega de dinheiro para as necessidades do Estado, as quantias e as datas de sua entrega serão fixadas por um decreto do governo. Assim, será destruído o protetorado do ministério das Finanças, que não poderá favorecer uma região em detrimentos de outras.

Apresentaremos essas reformas que projetamos fazer de modo a não alarmar ninguém. Mostraremos a necessidade das reformas em conseqüência do caos a que chegaram as desordens financeiras dos cristãos. A primeira desordem, diremos, consistiu em decretar um simples orçamento que cresce todos os anos pela seguinte razão: vai-se com esse orçamento até o meio do ano; depois, pedem-se créditos suplementares que se gastam em três meses; depois, novos créditos suplementares, e tudo acaba por uma liqüidação. E, como o orçamento do ano seguinte é calçado sobre o total do orçamento geral, a diferença anual normal é de 50% e o orçamento anual triplica de dez em dez anos. Graças a tais processos, aceitos pelo descuido dos Estados cristãos, suas caixas estão sempre vazias. Os empréstimos que vieram e conseqüência devoraram os restos e levaram todas as nações à bancarrota.

Todo o empréstimo demonstra a fraqueza do Estado e incompreensão dos direitos do Estado. Os empréstimos, como a espada de Dámocles, estão suspensos sobre a cabeça dos governantes, que, em lugar de tomar aquilo de que necessitavam aos seus súditos por meio dum imposto temporário, estendem a mão, pedindo esmola aos nossos banqueiros. Os empréstimos externos são sanguessugas que, em caso algum, se podem arrancar do corpo do Estado, salvo se o largarem por si ou se ele as extirpar radicalmente.

Mas os Estados cristãos não os arrancam e continuam a pôr outros, embora tenham de perecer com essa sangria voluntária.

Na realidade, que é o empréstimo senão isso, sobretudo o empréstimo externo? O empréstimo é uma emissão de letras de câmbio do governo, contendo uma obrigação a certa taxa de juros, proporcional ao total do capital empregado. Se o empréstimo for taxado em 5%, em vinte anos o Estado terá pago, sem utilidade alguma, tanto de juros quanto o capital, em quarenta anos o dobro, em sessenta o triplo e a divida sempre por pagar.

Vê-se, assim, que, sob a forma de imposto individual, o Estado toma os últimos vinténs dos pobres contribuintes para pagar aos ricos estrangeiros, aos quais tomou dinheiro emprestado, ao invés de ajuntar suas riquezas para prover às suas necessidades, sem o peso dos juros.

Enquanto os empréstimos foram internos, os cristãos somente transferiam o dinheiro do bolso dos pobres para o dos ricos. Mas, quando nós compramos as pessoas necessárias para transportar os empréstimos para o estrangeiro, todas as riquezas dos Estados passaram para nossas caixas e todos os cristãos começaram a nos pagar um tributo de sujeição. Se a leviandade dos governos cristãos, no que concerne aos negócios do Estado, se a corrupção dos ministros ou a falta de inteligência financeira dos outros governantes sobrecarregaram seus países de dívidas que não podem reembolsar, é preciso que saibas que isso não custou muito dinheiro e muito esforço!...

Não permitiremos a estagnação do dinheiro. Por isso, não consentiremos que haja apólices do Estado, excetuando-se uma série a 1%, a fim de que os juros não entreguem a força do Estado à sucção das sanguessugas. O direito de emitir títulos ficará unicamente reservado às companhias industriais, que não farão grande sacrifício, pagando juros com seus lucros, enquanto que o Estado não retira do

dinheiro que toma emprestado o menor lucro, pois que o gasta e não realiza com ele operações frutuosas.

As ações industriais serão adquiridas pelo próprio governo, que, de tributário de impostos, como é agora, se transformará em emprestador por cálculo. Tal medida fará cessar **a estagnação de dinheiro, o parasitismo e a imprensa, que nos eram úteis quando os cristãos viviam independentes, mas que são indesejáveis no nosso regime.**

Como é evidente a falta de reflexão puramente animal dos cérebros cristãos! Eles nos pediam dinheiro emprestado com juros, sem refletir que precisariam tomar esse mesmo dinheiro, acrescido dos juros, nas arcas do Estado, para nos pagar! Que de mais simples do que ir buscar o dinheiro de que careciam no bolso dos contribuintes?...

Isso prova a superioridade geral do nosso espírito que soube apresentar-lhes a questão dos empréstimos de tal forma que nela somente viram vantagens para eles.

Os cálculos que apresentamos, esclarecidos, quando for oportuno, pela luz das experiências seculares, cuja matéria nos foi fornecida pelos Estados cristãos, distinguir-se-ão por sua clareza e segurança, mostrando a todos, evidentemente, a utilidade de nossas inovações. Acabarão com os abusos, graças aos quais temos os cristãos em nosso poder, mas sem admiti-los no nosso reino.

Estabeleceremos tão bem nosso sistema de contas que, nem o governante, nem o mais íntimo funcionário poderão desviar a menor soma de seu destino sem que isso seja notado. Também não lhe poderão dar outro destino fora do indicado, de uma vez por todas, dentro de nosso plano de ação.

Não é possível governar sem um plano definido. Os próprios heróis que seguem um rumo certo, porém sem reservas determinadas, perecem a meio caminho. Os chefes cristãos, a quem outrora aconselhamos que se distraíssem dos cuidados do Estado com recepções representativas, com

o protocolo e com os divertimentos, não passavam de biombos de nosso governo oculto. As prestações de contas dos favoritos que os substituíam à frente dos negócios públicos eram feitas para eles pelos nossos agentes e satisfaziam todas as vezes os espíritos clarividentes com as promessas de futuras melhoras e economias... Que economia?... Novos empréstimos?... Poderiam perguntar isso e não perguntavam aqueles que liam nossas prestações de contas e nossos projetos... Sabeis a que ponto levou esse pouco caso, a que desordem financeira chegaram, a despeito da admirável atividade de seus povos.

ATA XXI

Os empréstimos internos. O passivo e os impostos. As conversões. As caixas econômicas e a renda. Supressão da bolsa de fundos públicos. Taxação dos valores industriais.

Acrescentarei ao que já vos expus na reunião anterior uma explicação minuciosa dos empréstimos internos. Sobre os externos, nada mais direi, porque eles abarrotaram nossas burras com o dinheiro nacional dos cristãos, mas para o nosso Estado não haverá mais nada estrangeiro, porque nada haverá exterior. Aproveitamos a corrupção dos administradores e a negligência dos governantes para receber somas duplas, triplas e ainda mais fortes, emprestando ao governo dos cristãos dinheiro que não era absolutamente necessário às nações. Quem poderia fazer a mesma coisa contra nós?... Por isso, somente exporei com pormenores os empréstimos internos.

Quando lançam um empréstimo, os Estados abrem uma subscrição para a compra dos títulos. A fim de que esses sejam acessíveis a todos, criam bônus de cem até mil; ao mesmo tempo, fazem um abatimento para os primeiros subscritores. No dia seguinte, há uma alta de preço artificial, com o pretexto de que toda a gente os procura. Alguns dias depois, as arcas do Tesouro, segundo dizem, estão cheias e já se não sabe mais onde pôr dinheiro. (então, por que continuam a tomá-lo?) A subscrição excede várias vezes a emissão do empréstimo: tal é a confiança que se tem nas letras de câmbio do governo.

Representada a comédia, fica-se em presença dum passivo que se acaba de formar, dum passivo muito pesado. Para pagar os juros, é necessário recorrer a novos empréstimos que não absorvem, mas aumentam a dívida principal. Esgotado o crédito, torna-se preciso cobrir, não somente o

empréstimo, mas ainda os seus juros, com novos impostos, os quais não passam dum passivo para cobrir o passivo...

Mais tarde, vem o tempo das conversões, que somente diminuem o pagamento de juros e não cobrem as dívidas, as quais só poderão ser feitas de então por diante com consentimento dos emprestadores: anunciando-se uma conversão, oferece-se a restituição do dinheiro aos que não queiram converte seus títulos. Se todos exprimissem o desejo de retomar seu dinheiro, os governos estariam presos na sua própria armadilha e se encontrariam na impossibilidade de pagar o dinheiro que oferecem. Felizmente, os súditos dos governos cristãos, pouco versados em matéria de finanças, sempre preferiram prejuízos no valor dos títulos de diminuições de juros ao risco de novas colocações de capital, dando, assim, aos governos a possibilidade de se desfazerem dum passivo de muitos milhões.

Agora, com as dívidas externas, os cristãos nem pensam em fazer nada semelhante, porque sabem que reclamaríamos todo o nosso dinheiro.

Desta forma, uma bancarrota reconhecida demonstrará definitivamente às nações a ausência de ligação entre os interesses dos povos e de seus governos.

Chamo toda a vossa atenção sobre esse fato e sobre o seguinte: hoje, todos os empréstimos internos estão consolidados pelas dívidas que se denominam flutuantes, isto é, pelas dívidas, cujos vencimentos são mais ou menos próximos. Essas dívidas são constituídas pelo dinheiro depositado nas caixas econômicas e nas caixas de reserva. Como esses fundos permanecem muito tempo em mãos do governo, se evaporam para pagar os juros dos empréstimos externos e em seu lugar se colocam somas equivalentes em depósitos de renda.

São estes últimos que tapam todos os buracos dos cofres dos Estados, entre os cristãos.

Quando subirmos ao trono do mundo, todos esses truques de finanças serão abolidos sem deixar vestígios, **porque não corresponderão mais aos nossos interesses**: suprimiremos igualmente todas as Bolsas de fundos públicos, porque não admitiremos que o prestígio de nosso poder seja abalado pela variação de preço de nossos títulos. Uma lei declarará seu valor completo, sem flutuação possível, porque a alta dá lugar à baixa; foi, assim, que, no início de nosso plano jogamos com os valores dos cristãos.

Substituiremos as Bolsas por grandes estabelecimentos de crédito especial, cujo destino será taxar os valores industriais de acordo com as vistas do governo. Esses estabelecimentos estarão em situação de lançar até quinhentos milhões de ações industriais em um dia. Dessa maneira, todas as empresas industriais dependerão de nós. Podeis imaginar que poder adquiriremos assim.

ATA XXII

O segredo do futuro. O mal secular base do bem futuro. A auréola do poder e sua adoração mística.

Em tudo que vos expus até aqui, esforcei-me em mostrar o segredo dos acontecimentos passados e presentes, que anunciam um futuro já próximo de sua realização. Mostrei-vos o segredo de nossas relações com os cristãos e de nossas operações financeiras. Resta-me pouca coisa ainda a dizer sobre esse assunto.

Possuímos a maior força moderna - o Ouro: podemos em dois dias retirá-los de nossos depósitos na quantidade que nos apetecer.

Devemos ainda demonstrar que nosso governo foi predestinado por Deus? Não provaremos com essa riqueza que todo o mal que fomos obrigados a fazer durante tantos séculos serviu, afinal, para o verdadeiro bem, para pôr tudo em ordem?... Ei-la, a confusão das nações do bem e do mal. A ordem será restabelecida, um tanto pela violência, mas enfim será restabelecida. Saberemos provar que somos benfeitores, nós que à terra atormentada restituímos o verdadeiro bem, a liberdade do indivíduo, que poderá gozar repouso, paz e dignidade de relações, com a condição, bem entendido, de observar as leis que estabelecermos. Explicaremos, ao mesmo tempo, que a liberdade não consiste na devassidão e no direito à licença; de idêntico modo, a dignidade e a força do homem não consistem no direito de cada um proclamar princípios destruidores, como o direito de consciência, o de igualdade e coisas semelhantes; também o direito do indivíduo não consiste de modo algum no direito de excitar-se a si próprio e de excitar os outros, ostentando seus talentos oratórios nas assembléias tumultuosas. A verdadeira liberdade consiste na inviolabilidade da pessoa que observa honestamente e

exatamente todas as leis da vida em comum; a dignidade humana consiste na consciência de seus direitos e, ao mesmo tempo, dos direitos que se não possuem, e não unicamente no desenvolvimento fantasista do tema de seu Eu.

Nosso poder será glorioso, porque será forte, governando e dirigindo, e não andando a reboque de líderes e oradores que gritam palavras ocas, denominando-as grandes princípios, as quais, na verdade, não passam de utopias. Nosso poder será o árbitro da ordem que fará toda a felicidade dos homens. A auréola desse poder provocará a adoração mística e a veneração do povo. A verdadeira força não transige com direito algum, nem mesmo com o direito divino: ninguém ousa atacá-la para lhe arrancar a menor parcela de seu poder.

ATA XXIII

Redução da produção dos objetos de luxo. A pequena indústria. O desemprego. Interdição da embriaguez. Condenação à morte da antiga sociedade e sua ressurreição sob uma nova forma. O eleito de Deus.

Para que os povos se habituem à obediência, é necessário habituá-los à modéstia, diminuindo, por conseguinte, a produção dos objetos de luxo. Assim, melhoraremos os costumes corrompidos pela rivalidade do luxo. Restabeleceremos a pequena indústria que prejudicará os capitais particulares dos fabricantes. Isto é ainda precioso, porque os grandes fabricantes dirigem, muitas vezes sem o saber, é verdade, o espírito das massas contra o governo. Um povo que se ocupa de pequenas indústrias não conhece o desemprego, prende-se à ordem existente e conseqüentemente; à força do poder. O desemprego é o que há de mais perigoso para o governo. Para nós, seu papel estará terminado logo que nos apossemos do poder. a embriaguez será também proibida por lei e punida como crime contra a humanidade, porque ele transforma os homens em bestas sob a influência do álcool.

Os súditos - repito-o mais uma vez - só obedecem cegamente a uma mão firme, completamente independente deles, na qual sintam um gládio para sua defesa e um apoio contra os flagelos sociais. Que necessidade tem de ver em seu rei uma alma angélica? Devem ver nele a personificação da força e do poder.

O soberano que tomará o lugar dos governos atuais, que arrastam sua existência no meio de sociedades desmoralizadas por nós, que renegaram mesmo o poder de Deus e no seio das quais se eleva de todos os lados o fogo da anarquia, esse soberano deve, antes de tudo, apagar essas labaredas devoradoras. Por isso, será obrigado a condenar à morte essas sociedades, embora tenha de afogá-

las no próprio sangue, para ressuscitá-las sob a forma dum exército regularmente organizado, lutando conscientemente contra toda infecção capaz de ulcerar o corpo do Estado.

Esse eleito de Deus foi escolhido lá em Cima para quebrar as forças insensatas movidas pelo instinto e não pela razão, pela bestialidade e não pela humanidade. Essas forças triunfam agora, pilham, cometem toda a sorte de violências sob o pretexto de liberdade e direitos. Elas destruíram toda a ordem na sociedade para erguer sobre as ruínas o trono do rei de Israel; mas seu papel estará terminado no momento da elevação desse rei ao trono. Então, será preciso afastá-las de seu caminho, sobre o qual não deve haver o menor obstáculo.

Aí poderemos dizer aos povos: agradecei a Deus e inclinai-vos diante daquele que traz sobre o rosto a marca da predestinação, para o qual Deus mesmo guiou sua estrela, a fim de que ninguém, exceto ele, pudesse livrar-nos de todas as forças e de todos os males.

ATA XXIV

Fortalecimento das bases do rei David. Preparação do rei. Afastamento dos herdeiros diretos. O rei e seus três iniciadores. Inatacabilidade dos costumes públicos do rei dos Judeus.

Passarei agora aos meios de assegurar as raízes dinásticas do rei.

Os mesmos princípios que até hoje deram a nossos Sábios a direção de todos os negócios do mundo nos guiarão. Dirigiremos o pensamento de toda a humanidade.

Vários membros da raça de David prepararão os reis e seus herdeiros, escolhendo os últimos, não segundo o direito hereditário, mas conforme suas eminentes aptidões; iniciá-los-ão nos segredos mais íntimos da política e nos planos de governo, com a condição, todavia, de ninguém ser posto ao par de tais segredos. O fim de tal modo de ação é que toda a gente saiba que o governo somente pode ser confiado aos iniciados nos mistérios de sua arte.

Unicamente a essas pessoas será ensinada a aplicação dos planos políticos, a inteligência da experiência dos séculos, todas as nossas observações sobre as leis político-econômicas e sobre as ciências sociais, em uma palavra todo o espírito dessas leis, que a própria natureza estabeleceu inabalavelmente para regular as relações entre os homens.

Os herdeiros diretos serão muitas vezes afastados do trono, desde que, durante seus estudos, dêem provas de leviandade, doçura e outras qualidades perniciosas ao poder, que tornam incapaz de governar e prejudicam a função real.

Só os que sejam absolutamente capazes dum governo firme, inflexível até a crueldade, receberão o poder das mãos de nossos Sábios.

Em caso de enfermidade que produza o enfraquecimento da vontade, os reis deverão, de acordo com a lei, entregar as

rédeas do governo em mãos novas e capazes.

Os planos de ação do rei, seus planos imediatos, com mais fortes razões seus planos mediatos, deverão ser ignorados mesmo por aqueles que designe como seus primeiros conselheiros.

Exclusivamente o rei e seus três iniciadores conhecerão o futuro.

Na pessoa do rei, senhor de si mesmo e da humanidade, graças a uma vontade inquebrantável, todos acreditarão ver o destino com seus caminhos desconhecidos. Ninguém saberá o que o rei que alcançar com suas ordens e, por isso, ninguém ousará pôr-se través num caminho ignorado.

É preciso, bem entendido, que a inteligência do rei corresponda ao plano de governo que lhe é confiado. Por isso, somente subirá ao trono depois de ter sido sua inteligência posta em prova pelos Sábios a que nos referimos. A fim de que o povo conheça e ame seu rei, é necessário que converse com o povo na praça pública. Isto a união precisa das duas forças que hoje separamos pelo terror.

Esse terror nos era indispensável durante algum tempo, para que as duas forças caíssem separadamente sob a nossa influência...

O rei dos judeus não deve ficar sob o império de suas paixões, sobretudo sob o império da voluptuosidade: não deve dar por nenhuma face de seu caráter lugar a que seus instintos dominem sua inteligência. A voluptuosidade obra de modo pernicioso sobre as faculdades intelectuais e a claridade de visão, desviando os pensamentos para o lado pior e mais animal da atividade humana.

A pessoa do Soberano Universal da estirpe santa de David deve sacrificar a seu povo todos os seus gostos pessoais.

Nosso soberano deve ser de exemplar inatacabilidade.

{1} O presente artigo veio ao público em novembro de 1996. Portanto, estamos vivendo nos primeiros tempos após a conclusão de um século do Protocolos. Os sionistas devem estar festejando...

{2} Esta matéria é um resumo do número monográfico de junho de 1993 - *Quién Mueve los Hilos del Mundo?* - da revista espanhola "Mas Allá", J.C. Ediciones, Majadahonda-Boadilla, Blq. 10-2° 28220, Madrid, publicado no informativo revisionista Boletim EP n° 16, de novembro de 1996, Ur Edições, caixa postal 11011, Ag. Menino Deus, Porto Alegre/RS, CEP: 90880-970.

{3} A princípio, convém ressaltar que os judeus reconhecem como única fonte moral e legislativa o **Talmud**, cujos preceitos guiam as atividades judaicas em todos os seus extremos. O Talmud é, na verdade, o código formulado pelos mais altos rabinos, interpretando o que seria a "vontade divina" de seu deus pessoal para com a "raça eleita", como costumam se denominar. Desta forma, todos os não nascidos de linhagem judaica são excluídos da "aliança divina" e considerados seres inferiores, bestas a serviço dos judeus. Incontestável a definição formulada no jornal Jewish World, de 22/09/15, que diz: *"O judeu continua judeu mesmo mudando de religião; um cristão que se convertesse à religião judaica não se tornaria um judeu, porque a qualidade de judeu não depende da religião, mas da raça, e um judeu livre-pensador ou ateu continua tão judeu como qualquer rabino".*

No Talmud, tanto como em outras obras, costumam designar os não-judeus (gentios) com o termo **goi** cujo significado mais aceito é *impuro*, tendo seu plural em *goiym* e seu feminino em *goia* ou *goioth*. São aplicáveis outros termos, como ***akum***, abreviação de *aboda Kohabim umazzaliot* (adorador dos astros), que significa algo como *pagão* ou *gentio*. Também é comum, em suas escrituras sagradas, designar os não-judeus como feras, bestas, animais, porcos, etc. o que é, no mínimo, uma tremenda falta de educação.

Em função dessa consideração, sendo nós reles animais a serviço dos judeus, o tratamento por parte deles não poderia ser diferente. Não possuímos, face ao judaísmo, o mesmo direito à vida, aos bens e ao fruto de nosso trabalho, como o teria qualquer judeu, praticante da religião ou não.

{4} Isto é um fato. Quem acredita na liberdade política, certamente também crê em coelhinho da Páscoa. Todos sabemos que a política se faz mediante influência e pressão de grupos econômicos privilegiados (*lobbies*), respeitando-se normalmente o sistema político vigente (hoje, a social-democracia). Tudo é decidido nos bastidores. Da mesma forma, a oposição é formada quando o grupo governante não está satisfazendo as necessidades das classes influentes. Senão, como explicar que os "intelectuais de esquerda" geralmente provêm das classes burguesa e alta, sendo o proletariado apenas uma massa de manobra? Um exemplo brasileiro: Suplicy, Mercadante, Gabeira, entre outros "livres-pensadores" burgueses atingiram amplos cargos de influência política, mas o testa-de-ferro Luis Inácio "Lula" da Silva e Vicentinho, estes sim de origem proletária, não conseguem mais do que

dominar certos grupos sociais (metalúrgicos, sem-terra) que acabam por eleger justamente... os intelectuais. As jogadas nesse tabuleiro de xadrez são bastante claras, difícil é identificar quem maneja as peças.

{5} Desnecessário dizer porque, na social-democracia, por mais que mudem os governantes, não se verifica alteração ou benefício significativo para o Estado e a Nação. Eis que mudam os fantoches, mas não os **donos do poder**...

{6} São as duas formas de aquisição de poder adotadas pelo sionismo: revolução socialista/comunista e imperialismo.

{7} Presume-se que esteja o texto se referindo apenas à política sionista. A tradição ocidental, em sua forma pura, sempre seguiu os três preceitos morais do Direito romano: ***honeste vivere*** (viver honestamente), ***neminem laedere*** (não lesar a ninguém), ***suum cuique tribuere*** (dar o seu a seu dono).

{8} Onze entre dez fanáticos religiosos pregam as benesses messiânicas de seus delírios de salvação. Ou seja, todo o mal que os sionistas nos fizerem, será para o nosso bem. A menos que se subentenda apenas o bem da "raça eleita", pois na condição de inferiores, certamente não sabemos o que é bom para nós (assim pensam eles, supomos).

{9} É a velha sentença maquiavélica. Ou seja, a objetividade dos projetos sionistas está afastada de qualquer honestidade ou moralidade, interessam-lhes apenas os fins: a obtenção do poder e a subordinação da população mundial.

{10} Somos obrigados a concordar, em termos, que o poder não pode ser dividido liberalmente sem prejuízo ao país. Entretanto, são os conceitos morais que distinguem o líder absoluto de uma nação de um mero tirano ou déspota. E como já vimos, não interessa aos sionistas qualquer conceito moral.

{11} Existiu, se é que ainda não existe, uma sociedade criminosa internacional judaica chamada Zwig Migdal, cujo objetivo era a exploração da prostituição e tráfico de entorpecentes. Não prostituíam apenas mulheres brancas, mas também judias polonesas, às quais prometiam casamento em sua terra natal e, aportando nos países sul-americanos, mostravam-lhes suas verdadeiras sinas. Não se trata de campanha anti-sionista, pois a própria comunidade judaica, em inúmeros livros reconhecem a existência de tal organização, que teve grande atuação na região sul-sudeste brasileira. Algumas peculiaridades relevantes: o termo *cafetão*, que designa o explorador de prostitutas, teve origem na gíria argentina e está relacionado com o tipo de roupa (cáften) que usam os judeus, neste caso, os próprios exploradores. Em muitos lugares do sul-sudeste, uma das gírias para prostituta é, justamente, *polaca*, com referência à quantidade de judias polacas que eram ofertadas nos prostíbulos. Estas histórias, inclusive, são comuns no antigo cancioneiro de sambas e chorinhos brasileiros, especialmente do Rio de Janeiro e São Paulo.

{12} Certamente, foi o método empregado contra a Alemanha e a Itália depois da Segunda Guerra Mundial, a fim de "dar o exemplo" aos nacional-socialistas e fascistas que porventura insistissem em manifestar suas posições políticas contra os agentes da Nova Ordem Mundial. Sobre isto, basta estudar o Julgamento de Nuremberg e seus efeitos.

{13} O processo de globalização é o meio pelo qual os sionistas pretendem derrubar todas as fronteiras, sejam territoriais, sejam étnicas, ou de qualquer outra espécie. O primeiro passo é a criação de blocos internacionais, sob a égide econômica, como ocorre com o Nafta, União Européia, Mercosul, etc. A submissão de todos os povos a um único governo já é um projeto antigo, cujo esboço se concretiza através da intromissão da ONU e dos Estados Unidos da América na soberania de todos os países contrários à Nova Ordem Mundial. A denúncia desses malignos ensejos, que já ocorre de longa data, é exemplificada na epístola *Motu proprio*, do papa Bento XV: *"Eis que amadurece a idéia de que todos os piores fautores de desordem ardentemente se devotam e da qual esperam a realização, o advento duma República Universal, baseada nos princípios da igualdade absoluta dos homens e na comunhão dos bens, da qual seja banida qualquer distinção de nacionalidades e que não reconheça nem a autoridade do pai sobre os filhos, nem a do poder público sobre os cidadãos, nem a de Deus sobre a sociedade humana. Postas em prática, tais teorias devem desencadear um regime de inaudito terror".*

{14} A própria Revolução Francesa, que iniciou a era democrática ou liberal, teve uma essência profundamente eivada pelos princípios judaicos.

{15} O princípio da **igualdade absoluta** confronta frontalmente tudo quanto seja natural, isto porque a natureza é hierarquizada, estabelece o progresso e a sobrevivência dos mais aptos, dos mais persistentes, dos mais fortes, e o fracasso de tudo quanto seja débil, numa contínua auto-depuração que é a chave de sua perfeição. Contrariá-la é como contrariar a própria vida e os princípios que a regem. Ressalte-se que a igualdade absoluta difere da igualdade política, que é uma ficção da sociedade humana, visando proteger os cidadãos. Conquanto se diga *"são todos iguais perante a lei..."*, quer se dizer que todos os cidadãos podem se valer das leis para proteger seus direitos, seu patrimônio etc., face a quem os tenha ofendido. A liberdade, certamente, está submetida às convenções sociais e pode se verificar em maior ou menor grau, conforme o regime político que se adote. De qualquer forma, não existe **liberdade absoluta**, como também não o existe na própria natureza, pois todos estamos submetidos às regras de convívio com nossos semelhantes (ou seja, "sua liberdade termina onde começa a do outro"). Já a fraternidade é um sentimento e, como elemento subjetivo, não pode ser imposto e, assim, também não existe **fraternidade absoluta**. Jamais serei fraterno com um desafeto, pois isto dependeria de confiança. A fraternidade é um dos princípios muito utilizados pelo catolicismo, responsável pela dissolução do caráter dos povos e sua subserviência aos princípios universalistas.

{16} **Um autor judeu reconhece isso, Jack London, quando escreve à página 206 do "Le Peuple de l'Abime":** ***"os grandes senhores feudais de antanho, gigantes louros da história, marchavam à frente nas batalhas. Sacrificavam sua pessoa, lutando duramente para ganhar suas esporas de ouro, fendendo os inimigos pelo meio. Havia mais nobreza em manejar a espada de gume de aço do que em enriquecer, como hoje, comodamente, sem riscos, à custa do embrutecimento humano e da exploração feroz dos párias da vida".***

{17} Um bom e atual exemplo do sistema de guerra sionista é a questão do Golfo Pérsico. Uma nação soberana, Iraque, invade outra nação soberana, o Kuwait, procurando legitimar a posse sobre território que considera seu por direito. Tratam-se de dois povos árabes, capazes de resolver entre si seus próprios conflitos. Entretanto, a ONU, através de seu "guardião universal", os EUA, atenta contra a soberania de ambos, pretendendo resolver o conflito que não lhe diz respeito. Resulta num teatro de demonstração de força tecnológica (porque força militar suas tropas não têm), que não intimida o inimigo iraquiano. Resolve-se, então, pelos embargos econômicos, pela influência política, pelo boicote comercial, que são os únicos terrenos em que os sionistas têm força realmente.

{18} De fato, é muito difícil vermos dirigentes políticos judeus; são eles normalmente os conselheiros e ministros dos governantes fantoches. Isto porque não podem ser responsabilizados *diretamente* pelas suas trapaças, preferindo que seus comandados, facilmente substituíveis, levem a culpa por seus péssimos conselhos...

{19} Eis um ponto contraditório. A princípio, porque a doutrina de Nietzsche não é utópica, ainda que verse quase que exclusivamente sobre o reino das teorias, sobre a Vontade humana de se tornar um semideus, senhor de seu próprio destino. Também, porque Nietzsche não era judeu, apesar de ter, em determinado texto, manifestado apreço pelo espírito de unidade do povo judaico através da história, coisa que fez somente porque desejava para seu próprio povo, o alemão, semelhante unidade, a fim evitar a dissolução de sua nação. Não compartilhou jamais dos *métodos* dessa unidade judaica. Prova disto é que sua obra influenciou em muito, e ainda influencia, o espírito nacional-socialista e nacional-revolucionário.

{20} **René Guenon observou e estudou admiravelmente esta questão da ciência que nos é imposta de acordo com os "Protocolos". Vide "Orient et Occident", pág. 20:** ***"Negando ou ignorando todo conhecimento puro ou supra-racional, a ciência abriu o caminho que devia levar logicamente, dum lado, ao positivismo e ao agnosticismo, que produzem a mais estreita limitação da inteligência e seu objeto; do outro, a todas as teorias sentimentalistas e voluntariosas que se esforçam em criar no infra-racional o que a razão não lhes pode dar".*** **Idem, pág. 65:** ***"A meia ciência assim adquirida (pela vulgarização) é mais nefasta do que a ignorância pura e simples, pois mais vale nada saber do que estar com o***

espírito abarrotado de idéias falsas...” **Em “La Crise du Monde Moderne”, pág. 173:** ***“Toda a ciência profana que se desenvolveu no decurso dos últimos séculos não passa dum estudo do mundo sensível, nele se encerra exclusivamente e seus métodos somente se aplicam a esse domínio. Ora, esses métodos são proclamados científicos, com exclusão de quaisquer outros, o que equivale a negar toda ciência que não se refira às causas materiais”.*** **Idem, pág. 177:** ***“Os modernos, em geral, não concebem outra ciência senão a das coisas que se medem, contam e pesam, isto é, em resumo, das coisas materiais”.***

{21} **O domínio dos sionistas na imprensa, agências de informação, de publicidade e distribuição de livros e jornais é notório.** Só no Brasil, por exemplo, podemos elencar a influência dos Moretzsohn (agência Estadão), dos Frias (agência Folha da Manhã), da Time-Life (organizações Globo), da família Abravanel (Sistema Brasileiro de Telecomunicações) , entre muitos e muitos outros.

{22} Nenhum símbolo conviria melhor ao judaísmo, no seu plano demoníaco, do que a serpente, o *Nahasch* bíblico, que tentou Eva no Paraíso. No Gênesis, quando Jacob amaldiçoa seus próprios filhos, querendo simbolizar a insídia traiçoeira de Dan, diz que ele é a “cobra escondida na poeira do caminho”.

{23} Esse equilíbrio é a famosa *harmonia dos poderes*, tão ao agrado dos constitucionalistas modernos. O poder, que é um só, foi dividido em três e, às vezes, em quatro: judiciário, legislativo, executivo, moderador. Na luta pela imposição da ordem ou dos interesses, fatal e naturalmente, um deles se hipertrofia e sobreleva os outros. Daí a situação falsa que se cria nos Estados, não correspondendo a realidade governamental nunca ao que teoricamente a constituição preceitua.

No caso brasileiro, contamos com três poderes. Os cargos do legislativo e do executivo são, via de regra, eletivos, sendo apenas os do judiciário conquistados mediante concursos públicos, onde se analisa os conhecimentos e a competência dos pretendentes Desta forma, estando os cargos eletivos sujeitos ao sufrágio universal, logo se vê que os cargos estão sujeitos às paixões do povo, em sua maioria sem qualquer noção das necessidades reais de uma sociedade ou Estado. Entregam na mão de leigos e oportunistas o direito de criar as leis que vão regular um país, sem que eles sequer tenham conhecimentos na área; atribuem a um único elemento, geralmente eleito previamente pela mídia, o poder de aceitar ou não referidas leis, de atribuir-lhes executoriedade conforme seus próprios desígnios, senão pelos desígnios de seus mandantes. Quanto ao judiciário, único órgão composto de pessoas com conhecimento da estrutura de um Estado, estão relegados apenas a fazer valer a lei, estando esta correta ou não, limitados às suas atribuições. Não existe harmonia de poderes no sistema brasileiro, senão uma hierarquia, estando o judiciário em escala inferior, seguido pelo legislativo e pelo executivo, no topo. E, ainda que não se assuma, temos nosso poder moderador: a mídia e os *lobbies* econômicos, na mão de você-sabe-quem...

{24} Neste caso, trata-se de poder atribuído, ou seja, das concessões de ministérios, secretarias etc., que são feitas mais por conveniências político-partidárias que por competência dos atribuídos. O ruim disto é que, mesmo contra a vontade do povo, atingem o poder pessoas que não foram escolhidas pelos detentores da soberania, mas seus poderes são limitados apenas à força de algumas leis contornáveis e à vontade do executivo. Mais do que isso, sequer podem ser responsabilizados civil ou criminalmente por seus atos.

{25} Cf. E. Eberlin, escritor judeu, "Les Juifs", pág. 191: *"Os judeus estão em toda a parte. Não passam de 1% da população do globo terrestre e, todavia, são os iniciados e os primeiros adeptos de qualquer obra política, econômica e social"*.

{26} A Constituição Federal do Brasil assegura direitos como a liberdade, a dignidade, a saúde, o estudo, o trabalho, etc. Mas isto não significa nada no reino dos fatos, são apenas palavras bonitas...

{27} Em Michels, "Les Partis Politiques", paris, 1914, pág. 180, etc.: *"O movimento socialista contemporâneo, apesar de seu rótulo, de suas pretensões científicas e de sua fraseologia tomada de empréstimo aos costumes e ao gosto do tempo, deve ser considerado, do ponto de vista ideológico, como uma espécie de movimento messiânico, porquanto está imbuído de concepções judaicas, todo penetrado de espírito israelita e nele os judeus exercem tão grande papel que se pode dizer preponderantemente"*.

{28} A aristocracia zelava pela saúde de seus subalternos, os democratas (sionistas) querem a degeneração. Não existe verdade maior do que esta, pois enquanto no sistema ario-ocidental mesmo os servos e escravos tinham sua dignidade, no sistema de raízes judaicas (capitalistas, comunistas, social-democratas e católico-democratas) não existe o interesse de que a plebe tenha força suficiente para se livrar do jugo sócio-econômico. Entretanto, é justamente o inverso que nos ensina a "história oficial", imputando aos aristocratas e divinizando as conquistas sociais na era democrática e socialista. Aliás, cabe uma informação: a palavra aristocracia vem do grego *áristos* + *kratía*, sendo o segundo termo a designação de sistema de governo e o primeiro traduzindo, genericamente, ótimo, perfeito, nobre, cuja raiz origina-se, exatamente em *arios*, ou povo ariano. Designa o sistema de governo ancestral e natural deste povo, desta forma. A este respeito, é elucidativo o livro *Cidade Antiga*, de Fustel de Coulanges.

{29} As bolsas internacionais já estão começando a quebrar. Já não lhes basta a América e Europa, como fizeram em 1929 e podem repetir a qualquer momento. A recente quebra da bolsa asiática, bem como a crise que já atingiu as transações latino-americanas são um bom exemplo, mais esclarecedor ainda se vislumbrarmos, por detrás desses golpes, a figura de "megainvestidores" no porte de um George Soros, sendo desnecessário citar sua origem étnica.

{30} Confira-se com o que se passou na Itália, antes de Mussolini; na Alemanha, antes de Hitler; na Inglaterra, na França, na Áustria, na Espanha, nos Estados Unidos. Compare-se com as várias *marchas da fome* em diversos países. Será possível negar a evidência do plano revelado dezenas de anos antes?

{31} À página 102 da notável obra "Le Temps de la Colère", Valèry-Radot chama às revoluções liberais da Europa, sem exceção, *"revoluções judaicas".* Tem toda a razão. O judeu Marcus Elias Ravage, num artigo do número de janeiro de 1928 do "Century Magazine" assegura; *"Tomai as três principais revoluções dos tempos modernos, a revolução francesa, a norte-americana e a russa. Serão outra coisa senão o triunfo da idéia judaica de justiça social, política e econômica?"*

Recorramos ao judeu Bernard Lazare, no "L'Antisémitisme", vol I, pág. 247: *"A Assembléia obedeceu ao espírito que a guiava desde suas origens, quando, a 27 de setembro de 1791, declarou que os judeus gozariam na França dos direitos de cidadãos..."* No vol. II, págs. 7-8: *"Esse decreto estava preparado de longa data. Era o resultado lógico dos esboços tentados desde alguns anos pelos judeus e os filósofos".* À página 48, completa suas magníficas revelações: *"Antes de tudo, a Revolução Francesa foi uma revolução econômica. Se pode ser considerada o termo duma luta de classes, deve-se também ver nela o resultado duma luta entre duas formas do capital, o capital imobiliário e o capital móvel, o capital real e o capital industrial e agiota. Com a supremacia da nobreza, desapareceu a supremacia do capital rural, e a supremacia da burguesia permitiu a supremacia do capital industrial e agiota. A emancipação do judeu está ligada à história de preponderância desse capital industrial".*

{32} Lede esta declaração do judeu bolchevista Lunatcharski: *"Nós amamos os ódio! Devemos pregar o ódio. Só por Ele poderemos conquistar o mundo".*

{33} Cf. Kadmi-Cohen, "Nômades", págs. 152-153: *"De um modo geral, por toda a parte, os judeus são republicanos. A república que tende ao nivelamento, foi sempre uma de suas mais caras aspirações."- "Seu ódio de toda autoridade dinástica ou pessoal, seu sincero amor das instituições republicanas, sua repulsa por toda injustiça acham explicação no unitarismo ideal de sua raça".* Ótimo! República para os outros se esfacelarem; autocracia para o seu domínio...

{34} Diz o judeu Kadmi-Cohen, "Nômades", págs. 88-89: *"Tudo no semita é especulação, de idéias ou de negócios e, sob este último aspecto, que hino vigoroso não canta ele à glorificação do interesse terrestre!"*

Cf. G. Batault, "Le Problème Juif", pág. 39: *"Na finança, tudo se concentrou em algumas mãos invisíveis, tudo se trama no silêncio da*

noite. Cúmplices e solidários, os autores são secretos e discretos. O instrumento são as operações anônimas da bolsa; compra e venda, venda e compra. Sob ações invisíveis, os pratos da balança do Destino oscilam. Contra a autoridade tirânica, contra o domínio do Econômico, é possível achar armas - o coração dos homens e a alma dos povos, mas deixam-nas enferrujar na bainha...”

{35} O culto do ouro pelo judeu começa na Bíblia, com a adoração do Bezerro fundido por Aarão. Desde a mais alta antigüidade, cultiva e manobra o ouro. Por que razão intentaram um processo ao pretor Flaccus? Responda Cícero, seu advogado, no “Pro Flacco”: *“Vendo que o ouro era, por conta dos judeus, exportado todos os anos da Itália e de todas as províncias de Jerusalém, Flaccus proibiu por um édito a saída do ouro da Ásia”.*

Cf. Bernard Lazare, “L ‘Antisémitisme”, vol. I, pág. 174: *“À medida que se avançam, vê-se com efeito, crescer nos judeus a preocupação da riqueza e toda sua atividade prática se concentrar em um comércio especial, refiro-me ao comércio do ouro”.* Pág. 187: *“O ouro deu aos judeus um poder que todas as leis políticas e religiosas lhes recusavam... Detentores do ouro, tornaram-se senhores de seus senhores...”*

{36} Contra essa manobra, o grande papa Leão XIII preveniu os católicos na Encíclica *Humanum Genus*: *“Eles só falam de seu zelo pelos progressos da civilização, de seu amor pelo pobre povo. A dar-lhes crédito, seu único fim é melhorar a sorte da multidão e estender ao maior número de homens as vantagens da sociedade civil... mas todos os seus esforços tendem a destruir completamente toda disciplina religiosa e social nascida das instituições cristãs, substituindo-as por uma nova, afeiçoada à maneira de suas idéias e cujos princípios fundamentais e leis são tomados ao naturalismo”.*

{37} Este estágio já foi atingido, ao menos no Brasil. É impossível denunciar o sionismo, face às leis “anti-racismo” que são periodicamente atualizadas e acrescidas, bem como devido à massiva campanha que a mídia promove contra os inimigos do sionismo, especialmente fascistas, nacional-socialistas e verdadeiros semitas (árabes, palestinos, etc.)

{38} Antigamente, os povos indo-arianos formavam seus clãs através das famílias que cultuavam um mesmo deus ou conjunto de deuses. As alianças, como as guerras, eram geralmente travadas em função divina, unindo-se os de mesmo culto e se digladiando os adversários. Logicamente, isto se passava mais no terreno político-nacional que no individual, pois pessoas de cultos diferentes se toleravam o quanto pudessem. É estranho, entretanto, vermos hoje os cristãos - em plena Era da Razão - se matando em troca de disparidades litúrgicas. Os católicos cultuam o “emissário de Deus”, o papa, irritando os protestantes; estes, por sua vez, renunciam ao domingo como dia sagrado, o que incomoda os católicos, que os intitulam hereges; uns cultuam santos, outros os condenam; existem ainda os evangélicos, para todos os

gostos e desagrado dos demais. Todas essas pessoas, que teoricamente cultuam o mesmo deus, o mesmo *messiah* (Jesus Cristo), se separam apenas por conta da formalidade do culto, do meio como pretensamente se dirigem ao seu deus. Isto é suficiente, por exemplo, para a criação de grupos terroristas que promovem verdadeiras "guerras santas" (protestantes e católicos, principalmente). E a pergunta principal: quem promove tais fermentações entre os cristãos? O texto acima parece ser bastante esclarecedor...

{39} Não há dúvida de que o maior e mais temível adversário do sionismo é o Nacional-Socialismo. Esta ideologia surgida entre os germânicos, compilando os mais elevados valores ario-ocidentais, despertou tal temor entre os judeus que estes se viram obrigados a mobilizar todos os seus governos fantoches (Grã-Bretanha, França, URSS, EUA, etc.) contra um adversário aparentemente pequeno, mas que resistiu com todas as suas forças e quase, por pouco, não reverteu a história da humanidade. O governo político alemão, como o de seus aliados, foi derrotado, mas não a ideologia dominante, que se difundiu por todo o mundo, sem fronteiras. É possível encontrarmos nacional-socialistas em todas, sem exceção, todas as localidades do planeta., e até mesmo existem adeptos de tal ideal entre outras raças, que adaptam a parte política do Nacional-Socialismo à suas idiossincrasias étnicas. Alguém poderá negar que o governo iraquiano é nacional-socialista? Será este povo semita a nova "pedra no sapato" do sionismo?

{40} Cf. G. Batault, "Le Problème Juif", págs. 40-41: ***"É conveniente notar que foi um banqueiro judeu-inglês, o célebre economista David Ricardo, filho dum judeu holandês, emigrado em Londres, em fins do século XVIII, o inventor e o teorista duma concepção puramente econômica do mundo que, hoje, o domina quase todo. O mercantilismo político contemporâneo, os negócios acima de tudo, os negócios considerados fim supremo dos esforços humanos, provém diretamente de Ricardo. Demais, o fundador do socialismo científico, o judeu-alemão Karl Marx, se colocou no próprio terreno de Ricardo, para combatê-lo, aproveitando grande número de suas concepções, de seus argumentos, de suas teorias e conclusões. O laço misterioso, a afinidade secreta que unem, apesar de tudo, mercantilistas, e os negocistas puritanos aos bolchevistas provém, em grande parte, de terem em comum, embora tirando conclusões diferentes, a mesma concepção e a mesma visão do mundo, as quais são produtos essencialmente semitas*), *saídos dos cérebros dos judeus Ricardo e Marx. A concepção místico-judaica economista da humanidade é comum ao liberalismo puritano e ao socialismo dito científico, do qual brotou o bolchevismo"*** (N.E.: hoje em dia, costuma-se aplicar o termo semita apenas aos árabes, excluindo-se desse ramo os judeus, que são considerados de origem asiática).

Por isso os judeus agem no mundo em dois pólos opostos, que completam, porém, sua obra de desagregação da sociedade cristã. Diz Bernard Lazare que ***"a alma do judeu é dupla: dum lado é o fundador do capitalismo industrial, financeiro, agiota e especulador, colaborando para a centralização dos capitais destinada a destruir a propriedade, a***

proletarizar os povos e a criar a socialização; do outro, combate o capitalismo em nome do socialismo, isto é, da socialização total". **O judeu Kadmi-Cohen é explícito quanto ao assunto, escrevendo que Trotski e Rotschild *"marcam as oscilações do pêndulo judaico".* O plano está claramente delineado nos "Protocolos". Só os cegos e ignorantes ainda não o perceberam... Há também quem não o queira perceber...**

{41} Essa obra de despistamento é realizada sobretudo pela imprensa. Basta reparar como certos jornais em consórcios ou associados manobram ou manipulam a opinião pública em sentidos diversos, quando sua direção geral é uma única. (N.E.: Não se esquecendo de que, quando do comentário elaborado por Gustavo Barroso, sequer existia a TV, muito menos a Internet. Hoje, os meios de comunicação, ou *mass media*, especialmente os audiovisuais, são os principais responsáveis pela divulgação de meias-verdades e mentiras completas, lançados aos espectadores ignorantes).

{42} Qualquer semelhança com a realidade... será mera coincidência?

{43} Segundo o Jewish Guardian (Sentinela Judaica), de 8 de outubro de 1920, o chefe sionista dr. Chaim Weizmann, declarou no discurso com que saudou num banquete o rabino Herz: *"A nós, seu Povo Eleito, Deus deu o poder de nos espalharmos sem dano para nós; o que para outros parece ser nossa fraqueza é, em verdade, nossa força, e, assim, atingiremos ao Domínio Universal. Só nos resta edificar sobre essa base".*

Recorramos ainda ao erudito israelita do "L'Antisèmitisme", Bernard Lazare, no tomo I, págs. 50 a 52: *"Sem a lei, sem Israel, o mundo não existiria, Deus o faria voltar ao nada; e o mundo somente conhecerá a felicidade quando submetido ao império universal dessa lei, isto é, ao império dos judeus". Como conseqüência: "Essa fé em sua predestinação, em sua eleição, desenvolveu nos judeus um orgulho imenso. Passaram a considerar os não-judeus com desprezo e mesmo com ódio"* .

O imparcial Batault referenda essas afirmações judaicas: *"Os judeus perduram, assim, através da miragem da idade de ouro, da nova era, dos tempos messiânicos, em que o mundo viverá em alegria e paz, submetido a Iavé, escravizado pela lei, sob a direção do povo sacerdotal, eleito pela Eternidade, amadurecido pela experiência, à espera dessa hora única"* ("Le Problème Juif", pág. 104). *"O sonho internacionalista do judeu é a unificação do mundo pela lei judaica, sob a direção e domínio do povo sacerdotal"* (pág. 155).

É de estarrecer a coincidência constante entre o espírito do judaísmo, confessado pelos próprios judeus, e o texto dos "Protocolos". Como duvidar de sua autenticidade diante dessa confrontação e da realização do que nele se profetiza?

{44} O que se passou no mundo moderno, depois do aparecimento dos "Protocolos", autentica o plano judaico. Os monopólios, os trustes, os cartéis, os açambarcamentos multiplicaram-se por toda a parte e os jogos financeiros devoraram os créditos de todos os Estados. Basta ler o formidável e documentadíssimo livro "La Fin du Capitalisme", de Fernando Fried, com prefácio do judeu Daniel Halévy, edição Bernard Grasset, paris, 1932, para verificar como as idéias-dinheiro criaram o capital e quais seus resultados: distribuição desigual de rendas e oligarquias financeiras, a tragédia das massas, o socialismo, o marxismo, a crise, a paralisia e o endividamento dos Estados, tudo o que decorre dos "Protocolos"...

{45} Por toda parte, fomenta-se campanhas de "reforma agrária". No Brasil, em específico, é muito fácil um movimento de esquerdistas desafiar a lei, sem sofrer as devidas punições, como no caso do MST (Movimento Sem Terra). Os objetivos são claros: um grupo "revolucionário" invade terras alheias, na maioria das vezes, uma propriedade produtiva. Destroem grande parte dessa propriedade e depois comunicam a invasão ao INCRA (órgão responsável pela reforma agrária), que vai vistoriar o território e já não encontra nenhuma plantação em pé. Forçados pelos fatos, decreta-se a desapropriação de dita propriedade rural, em caráter liminar, pois o governo nunca quer desagradar os esquerdistas - provocando a guerrilha marxista - e muito menos a mídia, que cobre - e promove - os fatos em favor dos mesmos esquerdistas. Uma vez desapropriado o território, é feito o loteamento e concedido um lote para cada família em condição de consignação, bem como é concedida uma vultuosa soma em dinheiro, teoricamente para os beneficiados iniciarem suas próprias plantações. Os lotes são inalienáveis, ou seja, pertencem ao governo, não podem ser vendidos, doados, etc. Os "profissionais das invasões" geralmente são dirigentes sindicais, tendo seus privilégios sobre os demais, que nem sempre são agricultores, mas também pessoas da cidade, que nunca pegaram um arado nas mãos. Os beneficiados com os lotes assumem uma dívida mínima, que deve ser paga ao governo em troca do benefício, geralmente baseado em um percentual da produção que deveria produzir. Os empréstimos quase não sofrem a correção monetária. Não bastasse esses privilégios, a grande maioria ainda acaba se evadindo dos lotes, vendendo-os para outros clandestinamente. Essas pessoas que adquirem os lotes não têm a posse legítima (a propriedade é do Estado, a posse do beneficiado), o que significa que pode ser tomado pelo Estado a qualquer momento. No final, visando acabar com o latifúndio, o Estado acaba se transformando no maior latifundiário. Ao final do projeto, certamente, uma considerável parte do território nacional será estatizada, em um sistema parecido com o aplicado na antiga União Soviética. O cidadão trabalhará para o Estado, a fim de obter seu alimento, sendo um servo do regime político "feudal".

Quanto aos proprietários, estes não têm garantia nenhuma. Os critérios de produtividade aplicados pelo INCRA são absurdos. Por exemplo, considera-se produtiva apenas a propriedade agrícola, excluindo-se a pecuária. Os impostos sobre propriedade rural também são inacreditáveis. Os empréstimos agrícolas sofrem juros altíssimos. E apesar disso, ainda somos um dos maiores

países produtores de bens agropecuários do mundo, por esforço de particulares, sem benefícios do Estado. Ao proprietário rural que sofre a desapropriação por vias legais, paga-se com títulos do governo, resgatáveis em vários anos, uma "moeda-podre", sem comercialização e em nada condizente com o verdadeiro valor da propriedade. Quando a desapropriação é feita por assalto do MST, as coisas são ainda piores, pois é tolhido do proprietário até mesmo a auto-defesa garantida constitucionalmente, pois matar um invasor sem-terra hoje, é pior que matar um policial. Os privilégios que esta corja marxista possui, especialmente pela promoção que a mídia lhes faz, não encontram parâmetro em nenhuma outra classe social.

{46} É o círculo vicioso, de que fala F. Fried, "La Fin du Capitalisme", pág. 122: "Vemos, na economia mundial, que se defrontam, não só a oferta e a procura paralisadas, sem esperança de se tornarem a equilibrar; mas também, dum lado, os camponeses empobrecidos, incapazes de adquirir objetos manufaturados, máquinas e utensílios; do outro, as massas operárias tão empobrecidas que não podem mais satisfazer suas necessidades indiretas de matérias-primas. Tanto menos o camponês compra trabalho, quanto mais a produção da indústria diminui, aumentando o número de fábricas fechadas e de desempregados, e os operários compram menor quantidade de pão ao camponês. E o ciclo recomeça... O sistema está num beco sem saída. Os depósitos, as salas das fábricas sem vida, os exércitos de desempregados crescerão mais ainda, incharão e chegaremos à morte pelo congelamento da economia mundial..."

{47} Pela regra da diplomacia militar moderna, se um Estado é atacado, outros tantos, por força de acordos internacionais, estão legitimados a atacar o país agressor. Não é necessitário possuírem interesse específico, material, apenas político. Na II Guerra Mundial, por exemplo, Inglaterra e França, países títeres do sionismo, se intrometeram na contenda entre Polônia e Alemanha, declarando guerra a esta, por razões políticas. Há pouco, o Iraque invadiu o Kwait, com pretensões territoriais, e foi atacado pelos EUA e outros tantos países das "forças de paz" da Nações Unidas. Há ainda o exemplo de algumas repúblicas africanas. Não é do interesse sionista que se criem nações fortes e soberanas, que não se curvem ante seus desígnios malignos, especialmente se tratando de governos militares.

{48} O plano judeu é, depois de armar os não-europeus, insuflar-lhes idéias socialistas ou imperialistas e lançá-los contra a Europa. Em "La Crise du Monde Moderne", págs. 203-204, René Guénon pressentiu o problema; *"Hoje existem orientais que mais ou menos estão completamente ocidentalizados* (ou melhor, judaizados), *que abandonaram sua tradição para adotar todas as aberrações do mundo moderno e esses elementos desviados, graças ao ensino das universidades européias e americanas, se tornam nas suas pátrias causas de perturbação e agitação".* Cf. O comunismo anarquizando a China, o Turquestão e a Pérsia, tomando conta da Mongólia e

pretendendo espraiar-se na Ásia. (N.E.: Ainda podemos assistir à decadência progressiva do povo asiático, outrora um depositário e repositório de cultura, afundando-se no capitalismo, no luxo ocidental, nas seitas messiânicas, etc.)

{49} **O culto do jurista, sobretudo do hermeneuta, na sociedade moderna, é resultado da propaganda judaica. Destina-se à criação desses juristas ocos e pretensiosos que servem, às vezes inconscientemente, a Israel e às sociedades secretas para irem subindo na vida. Os judeus têm de usar do direito teórico contra os cristãos, porque entre eles o nosso direito não tem curso e valia. Os judeus possuem um código de leis secreto que se denomina "Schulan Aruch", isto é, "A mesa servida", tirado do Talmud no século XVI, pelo rabino José Auaro. A primeira edição foi feita em Veneza, em 1565. A segunda, revista, comentada e corrigida, pelo rabino Moisés Isserles, se imprimiu em Cracóvia, em 1573. Os judeus ocultam e negam a existência desse código. Johann Andrea, Eisenmenger, no século XVIII, Henrique George Loewe e João di Pauli, no século XIX, fizeram traduções que logo desapareceram de circulação. O Dr. Briman que, sob o pseudônimo de Justus, publicou no "Der Judenspiegel" ("O espelho judaico") alguns trechos do "Schulan Aruch", sofreu terríveis perseguições, que terminaram em retumbante processo.**

Esse código não reconhece direito algum aos cristãos, nem de propriedade, nem de família; nega-lhes a faculdade de dar testemunho e permite que o judeu o roube e espolie. No "Stoken ha mischpath", 2, 1, declara que o Beth-Dine pode condenar à morte, quando julgar oportuno, *"mesmo se o crime não merecer a pena de morte"*. Cf. Icher, "Der Judenspiegel im Lichte der Warheit"; Henri Ellenberger, "Manuel d'Histoire", tomo XVI; V.Dangen, "La Loi Secrète Juive", Fara, "Le Schoulan Arouch", *in* "La Libre Parole", n° 11, novembro de 1934.

{50} Basta acompanhar os artigos especializados para notar que a maioria dos economistas de influência têm origem judaica, assim como os acionistas majoritários de grandes empresas e bancos. Veja-se o caso de Benjamin Steinbruch, que se tornou líder do monopólio minerador no Brasil, após a privatização das maiores empresas estatais. Cabe ressaltar que a legislação brasileira, especialmente a empresarial (direito societário), é totalmente favorável aos projetos sionistas, pois os artifícios das sociedades anônimas e de cotas de responsabilidade limitada excluem qualquer responsabilidade dos proprietários pelos atos da empresa e, vantagem dupla, é muito difícil saber quem se beneficia, pois só se conhece o nome dos sócios através de contratos sociais. Assim, a personalidade jurídica encobre seus manipuladores aos olhos do povo, desgostoso, ignorante e impossibilitado de reagir.

{51} **Eis porque aqueles que não conhecem os bastidores dos governos não podem compreender que só escolham para os altos cargos indivíduos sem moral e sem dignidade. Os outros não servem à maçonaria e a Israel. São afastados.**

No caso brasileiro, a situação é perfeitamente como a descrita. Tivemos apenas dois presidentes que não estiveram a serviço da maçonaria. Um deles, Getúlio Vargas, populista, sofreu inúmeras restrições em seus mandatos. Há pouco, chegamos ao cúmulo de termos um presidente judeu, Fernando Collor de Mello, que foi cassado. Hoje, temos um servidor do sionismo e da maçonaria à liderança de tantos outros ministros, senadores, deputados, governadores, etc. em igual condição. É curioso notar, ainda, como tantos ministérios são ocupados por elementos de origem judaica, enquanto esta etnia compõe apenas cerca de 0,8% da população brasileira.

{52} Trata-se da mais pura utopia. Não daquela utopia benéfica, daquele sonho que faz o povo progredir, mas da utopia imposta, que escraviza os populares. Os ideais "politicamente corretos", à guisa de orientação moral, carregam em si verdadeiras sanções que fazem deles normas a serem seguidas, sob pena de ver-se excluído da sociedade. Ou seja, todos têm direito à liberdade, no plano das leis, mas isso não se traduz em fatos; p.ex., um nacional-socialista não pode expressar-se livremente numa sociedade "democrática" pois as leis assim o impedem. Teoricamente, a proibição de direito de um nacional-socialista se dá "para preservar o direito das minorias". Da mesma forma, a igualdade, que deveria ser uma aspiração social, é na verdade uma obrigação. É o que se chama equiparar por baixo, os cidadãos mais destacados são tratados à altura dos mais baixos. Como se diz, a fórmula do poder é como um jardim: quando algumas plantas começam a crescer mais do que as outras, corta-se-lhes, para preservar a altura ideal. Já o ideal de fraternidade muito pouco existe sinceramente do coração das pessoas. Pratica-se-o externamente, apenas para preservar uma imagem pública e garantir sua colocação na sociedade.

{53} Os judeus precisam do terror para manter sua união, pois são um povo disperso. O anti-judaísmo que seus próprios líderes disseminam tem por fim fazer com que os mais dispersos se acolham nas organizações sionistas e colaborem com seus desígnios. Veja-se como se dá muito mais destaque a ataques racistas contra judeus do que contra qualquer outra raça. Na grande maioria das vezes, ainda, são os próprios judeus quem promovem tais ataques, como no caso de pichações em cemitérios israelitas e incêndios de origem desconhecida. Sem esse fator, o medo, a raça judaica jamais teria se fortalecido tanto.

{54} Diante duma declaração desta ordem, tem-se a impressão de que o povo de Israel enlouqueceu. Aliás, há opiniões de que é um povo de loucos e tarados. Reconhece-o o historiador e sociólogo judeu Eberlin, atribuindo o fato a resultado da perseguição, op. cit., pág. 171; *"O que escapa à matança, escorrega para a degenerescência, o desespero e a loucura".* Reconhece-o o escritor e pensador judeu Kadmi-Cohen, op.cit., pág. 36: *"...o que denominamos passionalismo dos semitas, isto é, uma espécie de nevrose tornada congênita, caracterizada por uma falta de equilíbrio entre as realidades e o juízo..."* Idem, pág. 38: *"Não há , com efeito, povo mais inclinado às enfermidades mentais e*

nervosas do que os judeus". **Idem, pág. 133:** ***"O judeu, único semita que a civilização cristã conhece, provoca a repulsa, o temor, o ódio ou o desprezo universal, ora mais, ora menos. Esse fenômeno psicológico, só se pode explicar pelo sentimento de todo ente são em presença de alguma coisa informe, doentia e incompleta..."*** **Quando um judeu diz isso!**

As estatísticas comprovam essas afirmações. Conforme as que foram publicadas pela Liga das Nações referentes ao ano de 1932 e que não podem ser taxadas de suspeitas pelos israelitas, os judeus fornecem, sendo uma minoria ínfima, em relação à população do globo, 30% dos criminosos do mundo!!! Segundo as estatísticas da Polícia alemã, antes do Nazismo, durante a Social Democracia judaica de Weimar, portanto, também insuspeitas, em 1930, a percentagem dos judeus na criminologia era de 24%. Essa percentagem é elevadíssima desde que se tenha em conta, na mesma época, a dos judeus relativamente à população total da Alemanha, que era simplesmente de 0,76%. Não chegava a 1% e dava 24% de criminosos. É formidável!

Diante de documentos dessa ordem, o judaísmo costuma negar de pés juntos; mas negar não basta, hoje há uma consciência coletiva formada contra os judeus, que exige o seu afastamento a bem da saúde moral e da tranqüilidade dos povos. (N.E.: Infelizmente, as palavras rememoram aos tempos áureos dos nacionalismos das décadas de 30 e 40. Hoje, após uma completa lavagem cerebral, os judeus são acolhidos com galas de chefes de estado no seio das nações e, como o câncer, corroem o o corpo nacional, que definha até a morte).

{55} **"A Noite", de 10 de dezembro de 1936, estampava o seguinte telegrama da agência judaica United Press:** ***"Informes chegados de Madrid dizem que os governistas encheram de dinamite os túneis do metrô e os coletores de água".*** **A 15 de março de 1937, todos os jornais publicavam notícias das declarações de La Passionaria, de que Madrid estava minada e voaria pelos ares, no caso de ser tomada pelo General Franco, o qual ficaria horrorizado no meio das ruínas dos paços, museus, igrejas e do próprio Escurial!...**

O "Macabi" é uma organização internacional judaica de *cultura física*, destinada a preparar a mocidade judaica para a luta. Esta ameaça, bem como a da organização de bandos armados de judeus para tomar parte nas revoluções, já tem sido muitas vezes comentada com revelações curiosas pela "La Libre Parole" de Paris. Como se trata de órgão notoriamente anti-judaico, não insistiremos nessa glosa. Lembramos somente que os judeus organizaram milícias em algumas regiões da Polônia...

N.E.: Talvez a ameaça proferida pelos sionistas não passe de um blefe. Outrossim, lembrando-se que esses termos não deveriam chegar ao conhecimento das nações, há que se reconsiderar. Não existe nenhuma impossibilidade prática, pois sabemos que muito pouco ainda resiste ao poder

judaico. Seus atentados à soberania dos países são patentes e não encontram fronteiras ou obstáculos. É possível, sim que um dia venhamos a assistir a destruição de várias sedes de governos rebeldes, sem piedade alguma quanto à nossa história, à nossa arte, à nossa arquitetura, à nossa legislação. Ressalte-se o exemplo de Dresden, uma cidade histórica alemã, não-militarizada, que foi completamente destruída e teve sua população massacrada em bombardeiros sucessivos e intermitentes durante a II Guerra Mundial. Relembre-se o caso de atentados a embaixadas e órgãos governamentais, bem como contra cidadãos de vários países. A ameaça não se faz mais tão irreal...

{56} Ele foi iniciado com a criação judaico-maçônica da Sociedade das Nações. No Congresso Maçônico de 1917, a idéia vem a lume no discurso pronunciado no Grande Oriente pelo Irmão Corneau, na noite de 28 de junho, em que disse textualmente: *"A Franco-Maçonaria, obreira da paz, propõe-se a estudar o novo organismo da Sociedade das Nações. Ela será o agente de propaganda dessa concepção de paz e felicidade universais".* Cf. León de Poncins, *"La Dictadure des Puissances Occultes",* pág. 197. O plano fora elaborado anteriormente, no mês de janeiro, e Ribot já se havia referido a ele no discurso, no Senado, a 5 de junho, segundo Valéry-Radot, "Le Temps de la Còlere", págs. 28-29. Assim, quando Wilson lançou a idéia, ela viera de longe e das forças subterrâneas. Aliás, segundo Valéry-Radot, pág. 39, Wilson não passava de instrumento dos judeus de Wall Street

{57} É o que já vem acontecendo. A mídia nos vendem idéias, que carregam em seu bojo a semente da destruição da civilização, como se fossem os objetivos mais maravilhosos. As nacionalidades são consumidas pelas constantes migrações e pela politicamente correta multidiversidade étnica, ou seja, a idéia de que todo país deve comportar as mais variadas etnias e conceder igualdade de direitos a todas, como se nativas fossem. Às vezes, um migrante tem até mesmo mais direitos que um nacional, como é o caso da atual Alemanha. As fronteiras já estão sendo rompidas pelos pactos internacionais que, com supostos objetivos econômicos, estão ameaçando os países; é o caso da União Européia, Mercosul, entre outros. Com estes referidos pactos, começa também a cair a diversidade de moedas, concentrando em poucas mãos a economia de vários países. Não passam de atentados contra a nacionalidade e soberania dos países envolvidos e não são mero acaso, são planos antigos, como estamos vendo agora.

{58} O sufrágio universal nada mais é que o acesso irrestrito ao direito de voto ou eleição, ou seja, não existem condições para ser um eleitor. Hoje em dia, um analfabeto pode ser um eleitor, assim como um adolescente irresponsável, de dezesseis anos, já adquire seu título eleitoral. Como as eleições democráticas dependem da eleição de maioria, isso é promovido com o intento de aumentar o eleitorado ignorante e manipulável. Outrossim, o voto é ainda obrigatório, uma coação. O correto seria termos eleitores com um mínimo de conhecimento de causa, cidadãos conscientes e participativos, que fossem às urnas por um subjetivo dever moral, uma "classe censitária

inteligente”, não uma massa ignara que sequer conhece os nomes e as siglas que constam das cédulas.

{59} A propaganda pela destruição da célula familiar está na ordem do dia. A mídia só nos traz exemplos de luxúria e lascívia, adultério e traição, divórcio, inconseqüência moral, homossexualismo, desrespeito aos ancestrais, intrigas familiares, mães solteiras, aborto, casamento sem filhos, etc. Um cômico provérbio nunca esteve tão atual: “Definição de família: conjunto de pessoas unidas pelo sangue e separadas pelo dinheiro”. Porém, a família, como base da organização social, deve ser preservada a todo custo, pois é dela que devem ser lançados à sociedade cidadãos preparados moral e socialmente para o progresso nacional.

{60} O que já se verifica de fato. As garantias constitucionais aos cidadãos, que deveriam ser cláusulas pétreas e alicerces da estrutura nacional, começam a ser desrespeitadas, uma a uma, por meio de ardis jurídicos. Não se lhes nega validade, a princípio, mas se relativiza sua aplicabilidade e, portanto, restringe-se sua eficácia. Por exemplo, a liberdade de expressão, assegurada na constituição federal, passou a ser limitada contra “abusos”. Nenhuma informação é mais plenamente livre, deve submeter-se ao crivo dos “censores” da Nova Ordem, como fazem com temas quais o revisionismo, nacional-socialismo, etc. O direito de intimidade também pode ser facilmente violado, pois as informações particulares caem comumente em público quanto mais politicamente importante e “indócil” for a pessoa. O chamado “grampo telefônico” é uma das mais comuns formas de violação da privacidade. Também é um desrespeito às bases gerais do direito que inadmitem a produção de provas ilegais ou ilícitas (aquelas sem autorização judicial). Ou inadmitiam, pois hoje em dia o Supremo tribunal tem admitido condenações criminais através de provas ilegais. Da mesma forma quanto à liberdade de associação, submetida à aprovação do Estado ou, quando “livres” (como a formação de partidos políticos), presas a regras praticamente impossíveis de serem cumpridas por grupos que não detenham poder econômico ou influência sobre a opinião pública. São apenas uns poucos exemplos. Catalogá-los todos, talvez produzisse um novo livro monotemático.

{61} Este clamor irracional já se ouve nas ruas. A dissolução do ordenamento social, de forma anárquica aparentemente, de forma autocrática em fundo, já se tornou ânsia de milhões de seres desiludidos e fracos, pois não vislumbram formas reais - e mais árduas - de se autogovernarem. Preferem entregar as rédeas a um elemento estranho, submeter-se à servidão, do procurarem eles próprios uma solução - e praticá-la.

O parágrafo subseqüente ainda demonstra uma clara e dolosa intenção, por parte de seus fanáticos mentores, de promover a decadência da civilização e das relações sociais, com único fito de atingir ao poder. Trata-se de conspiração contra o Estado, ou melhor, contra **todos** os Estados. Por conta disto, vários governos chegaram a cassar os direitos dos judeus, indiscriminadamente, para resguardar-se contra a ala fanática dessa religião, um câncer no meio das nações. Como se diz, o justo paga pelo injusto.

{62} ***"Trata-se* - diz Valéry-Radot à página 280 do 'Le Temps de la Còlere' *- de mais alguma coisa do que uma crise política: a própria natureza do homem está em causa, sua origem e seu fim. O problema é de ordem religiosa e não se pode escondê-lo sob um compromisso mentiroso. Duas místicas irredutíveis se defrontam. Chegamos ao fim dum equívoco que dura há cento e cinqüenta anos".* Augustin Cochin avança em *"La Révolution et la Libre Pensée"*: *"É um drama em que o homem pessoal e moral é pouco a pouco eliminado pelo homem socializado, o qual, afinal, não passará dum número, dum personagem abstrato".* E Henry Ford indaga no "O Judeu Internacional": *"a quem há de pertencer a monarquia universal: ao gênio imperialista de Israel disperso ou ao de Cristo, que simboliza a Paz Romana; ao Filho de Deus ou à Revolução?"***

Os tempos são chegados de escolher!... É preciso, diante do Homem Moderno, não esquecer o Homem Eterno!

{63} **Nessa dispersão, o judeu, para se conservar puro e unido, criou o *ghetto*, que os ignorantes atribuem às perseguições dos cristãos. O imparcialíssimo Batault, op. Cit., pág. 99, afirma: *"se os judeus foram encerrados em bairros especiais, é porque foram os primeiros a desejar isso, o que seus costumes e convicções exigiam".* O judeu B.Lazare, op.cit., vol. I, pág. 206, confirma: *"Os ghettos que, muitas vezes, os judeus aceitavam e mesmo procuravam no seu desejo de se separarem do mundo, de viverem à parte, sem se misturar com as nações, a fim de guardarem a integridade de suas crenças e de sua raça. Tanto assim que, em muitos países, os éditos que ordenavam aos judeus se confinarem em bairros especiais somente consagravam um estado de coisas já existente".*** Mais recentemente, afirmou o dramaturgo judeu, "brasileiro" de renome internacional, Gerald Thomas: *"É mais fácil tirar o judeu do gueto do que o gueto do judeu".*

Basta ver, no Rio de Janeiro, como os judeus se adensam no campo de Sant'Anna ao mangue, em São Paulo, na Luz ao Bom Retiro (e especialmente em Higienópolis), **transformando aqueles trechos das cidades em *bairros especiais* judaicos. A esses bairros especiais, nossos antepassados portugueses chamavam *judiaria*, *mouraria* e *bandél*; os alemães, *iudengassen*; os italianos, *giudecca*. A palavra *ghetto* provém do hebraico *ghet*, que quer dizer divórcio, separação.**

{64} Totalmente ao contrário do que pregam em "tempos de revolução". Lembrem-se, por exemplo, que durante a revolta socialo-comunista contra o governo militar, encabeçada por muitos judeus, uma das bandeiras de combate foi justamente a liberdade de imprensa. Hoje, são os próprios liberais quem estão no governo, tentando cerrar as portas, ainda por meios

econômicos, daqueles que lhes são adversos. Quando a forma econômica não mais surtir efeito, será a vez da força judicial e policial.

{65} Jogando de ambos os lados do poder, os conspiracionistas têm irrestrito controle da situação. Controlam o governo, mas suas mudanças não podem ser radicais; então instigam e até patrocinam ataques dos oposicionistas no sentido das mudanças que desejarem, forçando o governo a mudar pela "vontade e bem do povo". É desta forma que os liberais se mantém hoje no governo, eleição após eleição. Um social-democrata ou liberal, mais maleável, é sempre o preferido da mídia e certamente a aposta eleitoral (veja-se, hoje, o presidente Fernando Henrique Cardoso); entretanto, a oposição "oficial" (Leia-se Luis Inácio "Lula" da Silva e os partidos socialo-comunistas que coordena, através das coligações PT, PCdoB, etc.) merece atenção clara, dando-se-lhe espaço para que ataque os governistas. A oposição serve apenas para assegurar a eleição do candidato da mídia, porque ela nunca sobe ao primeiro lugar, mas também impede que um terceiro candidato, independente, coopte para si parcela razoável do eleitorado. É o que já assistimos nas últimas eleições presidenciais, é o que assistiremos nas novas: a trilogia FHC-Lula-Enéas (PRONA) vigerá respectivamente nas cédulas eleitorais.

{66} Time-Life, Reuters, Associated Press, France Press, The New York Times, Sygma, são alguma agências das mais comuns. Desnecessário arrolar outras. Basta apreciar os noticiosos impressos e verificar a fonte de informações e estoque de imagens, que geralmente vêm impressa ao começo/fim da reportagem e ao lado das fotografias.

{67} Apenas um teste: procure escrever uma carta a um grande jornal, atacando os pontos sensíveis discriminados nos Protocolos ou o sionismo em si, pedindo sua publicação na seção especializada de leitores. Aguarde sentado, pois infelizmente nunca verificará sua publicação. É uma prova incontestável do que está escrito acima. Isso ressalta a importância de publicações e meios de difusão independentes, como a obra que está em suas mãos e outras de suma importância, que devem ser autonomamente divulgadas.

{68} Note-se que quando é dito "nosso governo" não se trata necessariamente de um governo político, visível, mas de uma elite judaica que detêm poder econômico e influência, gerindo os interesses de seu povo. É o chamado "governo invisível".

{69} É muito comum a existência de grupos e publicações aparentemente anti-sionistas que têm por único escopo "catalogar" dados sobre ativistas nacional-revolucionários ao redor do mundo, formando um banco de dados eficiente que, certamente, será utilizado quando a hora da tomada do poder chegar, conforme aguardam os Sábios do Sião. Por isso, é recomendável estrita observação às lideranças, atividades e mensagens dos grupos, caso o leitor pretenda militar em algum. Observe, principalmente, se o grupo promove graves e públicas infrações à legislação vigente (o que é uma característica para chamar atenção pública para o "perigo neonazista") ou se suas mensagens transmitem ódio irracional ou infundado ideologicamente.

{70} Há muito tempo que se denuncia o monopólio judaico na informação. O projeto acima discriminado é, senão prova, indício dessa denúncia. Seria paranóia dizer que não existe mais imprensa livre. Existe, mas sua duração é curta, posto que logo é abalada pela malta de velhacos sionistas. A grosso modo, o que a população consome é a informação de larga escala, de massa (*mass media*), representada pelas emissoras de televisão, grandes órgãos da imprensa, agências de difusão internacional, etc., estes sim, todos em mãos dos detentores do poder financeiro, que manipulam as notícias e monopolizam sua difusão conforme seus interesses. A imprensa livre, face a esse bloco aparentemente inabalável, tem pouca representação. Ainda assim, o "gigante" tem pés de barro e teme à pequena imprensa, reprimindo-a. Primeiro, porque quem consome a *mass media* são os ociosos mentais, que preferem receber a informação já digerida ao invés de refletir sobre os fatos; já os consumidores da imprensa marginal são pessoais afeitas ao raciocínio e, mais que isso, ativistas. Segundo, porque a *mass media* é generalizada, dissolvendo as notícias, enquanto a imprensa livre é geralmente especializada, concentrando informações, estas geralmente perigosas ao *establishment*. Se a imprensa oficial está na mão dos políticos, servidores de nossos inimigos ou inimigos em si; se a imprensa de massa está na mão dos sionistas; se existe uma aparente oposição, também controlada por nossos adversários ("imprensa de terceira categoria"); resta-nos incentivar a imprensa marginal, livre, excluída das três categorias de imprensa descritas - mesmo porque jamais pertenceremos à categoria de nossos inimigos.

{71} Assim age a imprensa. Como se vê, eles apenas revelam as atividades espúrias de seus agentes quando eles não são mais necessários ou quando desobedecem seus desígnios, acabando com suas carreiras públicas. Isto não significa, portanto, que sobre um homem público que não tenha sido denunciado não exista qualquer mácula, significa apenas que seus erros não foram ainda divulgados. Isto porque já foi afirmado que só será aceito na esfera do poder aquele que tenha manchas no passado. É relevante notar como alguns casos ridículos acabam se tornando um turbilhão na vida de homens públicos, acabando com suas carreiras. Por exemplo, um caso de adultério (não que isto seja justificável ou aceitável) não é razoável motivo para ofender a carreira de uma pessoa investida de poder público - a menos que ele use do poder para assediar suas "vítimas" a contragosto destas. Um cidadão, enquanto investido de poder público, não é ele próprio, senão um representante da sociedade e soberania; não se confunde isto com sua vida pessoal.

{72} As massas concordam com os governantes temendo que sua situação piore e que o pão lhes falte. Enquanto houver o que comer, ainda que pouco, a maioria da população se conformará com os rumos tomados. A fome faz escravos.

Entretanto, existem aqueles que *pensam* que discutem e fazem política. Falam aos ventos. Suas opiniões não passam de vertentes já admitidas pela mídia e que estes passam a defender como se fossem idéias próprias, porque o povo desaprendeu a pensar. O popular lê as manchetes dos jornais e as

toma por verdades incontestáveis, sem sequer analisar as entrelinhas. A preocupação maior, além do alimento, são as coisas fúteis. Em nosso país, cria-se uma comoção nacional por causa de um campeonato de futebol, do desfecho de uma novela na TV ou da morte de um artista, enquanto a política e a questão social vão à ruína sem que ninguém se preocupe.

Este foi um ano de Copa do Mundo de Futebol (França'98) e a quase totalidade dos brasileiros parou e trabalhar durante os jogos para ver uma turma de esportistas profissionais muito bem pagos correrem atrás de uma remuneração maior com a vitória (ou alguém acha que há algo de patriótico no incentivo deles?). Causas judiciais foram adiadas devido aos jogos, profissionais da saúde deixaram de atender clientes, alunos deixaram de aprender porque seus professores foram dispensados das aulas. O país parou. Mas os governantes não. Durante todo esse tempo, os agentes políticos continuaram sua atividade, em paz, pois não havia povo para criticá-lo desta vez. Todos estavam preocupados com o futebol. A ignorância do povo foi mais uma vez a causa de sua ruína.

Trata-se de um condicionamento do pensamento. É o que se chama de "Teoria do Pão e Circo", consagrada na política nacional. Enquanto houver pão na mesa e diversão popular, ainda que da pior qualidade, a corrupção passará despercebida, ao menos para as massas.

{73} É o que acontece nos países onde o regime comunista se instala, como foi o caso da URSS e é hoje o caso de Cuba, China, etc. A religião é tida como "meio de opressão ao proletariado". Observe-se, porém, que o direito à religião é algo que os sionistas preservam apenas para si, como "povo eleito" que supõem ser. Os demais humanos, indignos de professarem a mesma fé dos judeus, deverão se contentar apenas em adorar o "povo eleito", como se fossem provedores de seu destino. A única classificação possível para tais alucinações: **paranóia messiânica**. Seria cômico se não fosse trágico, ou seja, pouco nos importaria o que eles pensassem, se não fossem tão perigosos e se os maníacos não acreditassem realmente (e como acreditam!) nas promessas do "povo eleito".

{74} Em continuidade ao raciocínio anterior, cabe observar que, apesar dos sionistas promoverem a dissolução das demais crenças religiosas, seja promovendo campanhas "iluministas" contra elas, seja se infiltrando e inserindo seu vírus da corrupção, seja criando liturgias análogas, seja combatendo-as por todas as formas possíveis e imagináveis, ainda assim, preservam para si o direito de religião. É a prática do provérbio "faça o que falo, não faça o que eu faço". Que não creiam e até desdenhem do que professa outras religiões, isto é lógico e aceitável, pois seria estranho alguém crer em duas ou mais religiões; entretanto sua campanha contra as demais crenças é plenamente marcada pelo desrespeito, impedindo qualquer convívio paritário. Os chamados "diálogos ecumênicos" não passam de discussões de caráter político para assegurar o direito do judaísmo dentro de outros cleros. Por exemplo, foi o que aconteceu recentemente, quando as conversações entre católicos e rabinos fizeram o Vaticano se desculpar pelas acusações "infundadas", expressas na Bíblia, contra os judeus (especialmente quanto à morte de Jesus Cristo). o Papa se desculpou por quase dois mil anos de

história, porém, **não se verifica sequer a hipótese dos judeus se desculparem pelas infâmias lançadas contra os cristãos e gentios em geral no Talmud, seu livro messiânico.**

{75} Realizam-se de fato inúmeras críticas públicas às crenças gentias, ainda mais especificamente contra as religiões de origem cristã, tanto em livros, como em filmes, TV e outros meios de comunicação. Entretanto, material que desvende os segredos da religião judaica, que comente o Talmud ou outras obras religiosas, é totalmente vedado ao público gentio. Obras que publiquem e critiquem os preceitos religiosos dos fanáticos judeus, os sionistas, são rapidamente recolhidos das prateleiras, isto quando conseguem ser publicados. A campanha contra tais obras, não raro, atingem as cortes de justiça. Um grande exemplo são os sucessivos processos sofridos pela Editora Revisão e o escritor S.E.Castan. Não é possível, observe-se, sequer conseguir uma cópia fiel do Talmud, sem comentários, pois tal obra é restrita ao "público eleito". Liberdade de expressão é o direito de falar apenas o que eles permitem.

{76} É fato incontestável. A cultura ocidental nunca esteve tão degradada e perversa como agora, quando as artes foram prostituídas em nome da insanidade sionista.

{77} Os governos dos Estados já não representam a soberania que emana de seus povos, como deveria ser. Hoje em dia, os Estados dependem de convenções internacionais para decidir questões que deveriam ser resolvidas m caráter interno. Por exemplo, uma guerra civil de etnias já não é assunto para o governo do país, mas sim para a ONU. Problemas entre dois países capazes são resolvidos por terceiros que se intrometem (sempre os mesmos, desde a II Guerra Mundial: EUA, Grã-Bretanha, França). Isso demonstra que os governos não possuem força suficiente e podem ser facilmente dissolvidos. Por enquanto, os sionistas procuram diminuir a quantidade de governos, criando blocos de países como a União Européia e outros. Quando chegar a hora de seus desígnios, estes deverão ser dissolvidos e entregues a um governo central. Como se percebe, também, o programa dos sionistas vem sendo cumprido à risca, pois um século depois de sua convenção, seus objetivos estão quase alcançados, como haviam previsto.

{78} **Grande número de maçons faz parte da Maçonaria, ingenuamente, julgando tratar-se duma associação de estudos ocultos ou de caridade. São verdadeiros títeres nas mãos dos iniciados, como estes o são nas mãos dos judeus ocultos no fundo indevassável do segredo.**

Cf. "Varieté Israelite", 1856: "O espírito da maçonaria é o espírito do judaísmo nas suas crenças mais fundamentais". Isaac White, "The Israelite", 1866: "A maçonaria é uma instituição judaica". Findel, maçom e judeu, "Die Juden als Freimaurer": "O judaísmo se apresenta como o poder dominante a que a maçonaria deve submeter-se". B. Lazare, "L'Antisémitisme", vol. II, pág. 196: "houve judeus no próprio berço da franco-maçonaria, judeus cabalistas, como prova a conservação de certos ritos. Provavelmente, durante os anos que precederam a revolução francesa os judeus entram em grande número

nos conselhos dessa sociedade e eles próprios fundaram sociedades secretas".

{79} **Que os maçons leiam isso, os maçons ainda não de todo corrompidos, que meditem na condenação da maçonaria, e abjurem a seita que deles faz, contra suas pátrias, instrumentos cegos do judaísmo sem pátria!**

O que o trecho descrito revela é o método de persuasão da Maçonaria. A princípio, é a desacurada curiosidade que faz o indivíduo ingressar na seita, buscando conhecimentos ocultos. Ninguém pode ser condenado pela sede do saber e é o ocultismo da maçonaria justamente um meio de atrair essas pessoas, pois não fazem segredo apenas de suas mais graves conspirações, mas também de simples e inócuos rituais. A este tipo de maçons, o máximo que podemos fazer é alertá-los e lamentar por eles.

Outra espécie de membros é composta por gananciosos e vaidosos. Esta é a corja dos *schabbis-goiym* (gentios servidores dos interesses sionistas). Os gananciosos buscam meios rápidos de enriquecimento, através do favorecimento pessoal, do nepotismo, da proteção em caso de atuação ilícita, da colocação profissional, do monopólio comercial. É muito comum que os mais altos representantes dos órgãos públicos sejam maçons, quase como se isso fosse uma condição. E nisto também se envolve a vaidade, pois para os narcisos políticos a desaprovação pública é sinônimo de ruína e é a Maçonaria, na maior parte, quem coordena a opinião e imagem pública de seus protegidos. Qualquer maçom pode confirmar isto.

{80} **A *Agua Toffana* com que a Maçonaria matava outrora ficou célebre. Lendo-se *"Les Morts Mystérieuses"* de Albert Monniot fica-se edificado. A documentação do autor é irrespondível. A maior parte dos homens públicos que morrem *subitamente* foi tirada do caminho por aqueles a quem estava atrapalhando...**

É necessário desconfiar sempre que um homem público morre no auge de sua carreira. São vários os métodos, desde enfermidades irremediáveis, até acidentes, suicídios e atentados. Alguns são tirados do caminho porque atrapalhavam os intentos sionistas, e alguma forma; outros o são pela necessidade de se criar mártires e gerar comoção pública para a propagação de certas causas.

{81} Um trecho que merece ser lido várias vezes. É este o pensamento que nutrem os sionistas a respeito de pessoas como você ou eu. Para eles somos animais. Eles se consideram seres humanos superiores enquanto a pessoa comum é apenas um animal a serviço do "Povo Eleito". E é desta forma como nos tratam, agradando-nos apenas quando convém ao seu interesse. Devemos nos lembrar dessas declarações (e recomendo, leia-as mais uma vez) quando nossa hora chegar e quando a conspiração universal for revelada a todos. Parafraseando comentário alheio, nem todos os postes de luz de São Paulo serão suficientes para enforcar todos os sionistas, quando a fúria da multidão explodir cegamente contra eles.

{82} São palavras admiráveis. Trata-se de um esboço do Estado perfeito e que não chega a ser utópico. É justamente o inverso do Estado que temos hoje: nossas legislações se contradizem, são incompreensíveis, tutelam objetos legais absurdos; não há respeito hierárquico algum; os funcionários públicos investidos buscam apenas interesses pessoais e favorecimentos, agem tão ilícita quanto impunemente. O Estado de hoje é um Estado cansado, que não consegue gerir as funções públicas. Entretanto, o Estado que este trecho nos apresenta é o Estado dinâmico, enxuto, fácil de administrar, muito semelhante às mais antigas formas de governo que os caucasianos lançaram no mundo (veja-se o Código de Hamurabi, entre outros). Mas é curioso que venham agora os sionistas propor um Estado nesses termos, uma vez que foram justamente eles quem destruíram o sistema de governo ocidental, lançando idéias liberais no seio político, desvirtuando a função do Estado e a moral pública... E é bom presumir que tipo de leis desejarão impor a nós, meros animais, os representantes do "Povo Eleito"

{83} Parece-nos que já há um projeto de aposentadoria compulsória no judiciário brasileiro que certamente tirará dos quadros públicos os mais experientes magistrados, abrindo vagas a "novatos", cheios de inspiração moderna e liberal... e instruídos pela cultura sionista.

{84} É difícil distinguir qual o limite desse "instinto paternal" do povo messiânico. Aplicar-se-ia tanta generosidade a todas as pessoas, independentes de discriminantes? Se analisarmos o conjunto das obras que compõem a conspiração universal sionista, veremos claramente que não há lugar para nós, gentios, senão na qualidade de bestas humanas, ou seja seres imperfeitos necessários para executar as tarefas que os judeus não querem fazer. Para eles, somos gado, e seria estranho pessoas tão desumanas sentirem afeto paternal pelos seus "animais domésticos". Entende-se, então, como povo e súditos tutelados pelo governo universal sionista apenas os judeus seguidores da filosofia sionista (os judeus adversários são considerados traidores, não esqueçamos, e serão punidos cruelmente pelos seus irmãos). As gentis palavras que acabamos de ler, repletas de esperança e tudo mais, portanto, não são dirigidas a nós, não criemos esperança nesse sentido.

Não os recriminaríamos por desejar bem exclusivamente ao seu povo, em sede de nacionalismo xenófobo. Entretanto, eles querem atingir o bem máximo de seu povo às nossas custas, e é isso que não podemos permitir.

{85} As forças morais são tão importantes que mesmo os que as negam e só admitem a força, como o autor ou autores dos "Protocolos", as invocam, fingindo que se baseiam no bem geral, a fim de justificar seus planos monstruosos!...

{86} As medidas popularescas a serem adotadas camuflarão as más intenções do déspota do Sião. As intenções sionistas prevêem a aclamação de seu líder como se fosse um salvador natural e universal, e isso conseguirão apenas à base do engodo e da mentira. Portanto, é preciso estar alerta! Quando a carismática besta em pele de cordeiro resolver mostrar sua verdadeira face,

certamente será tarde demais para a reação. Nossa missão é justamente impedir que essa seita maligna oculte seus atos e sua verdadeira aparência.

{87} Nossas universidades já estão eivadas de instintos liberais. Os mais bem cotados “mestres” são aqueles formados no exterior, curiosamente na França, Inglaterra e Estados Unidos, ninhos do sionismo internacional. Não se formam mais cidadãos habituados a pensarem por si, mas seguidores de fórmulas pré-concebidas.

{88} À época do governo militar, nossas crianças eram educadas desde cedo para o civismo e patriotismo. Matérias como Educação Moral e Cívica e Educação Para o Trabalho foram excluídas do currículo escolar regular, com a abertura democrática, no fim da década de 80. Desta forma, a juventude ficou desguarnecida de sentimentos mais elevados e desconhece até a forma como se constituem os governos. É a esse tipo de jovem que, aos dezesseis anos, se entrega um título eleitoral, mandando-o votar em eleições diretas. Como esperar que deles saia alguma opinião sensata? Mais triste é ver que sequer adultos conhecem os valores cívicos, notando que nosso povo é constituído de fértil e abundante massa de manobra para os destruidores de pátrias.

{89} Repare que toda nossa história, todos os nossos valores são, para os sionistas, maus exemplos. Bom, para eles, é o que planejam para nós...

{90} A história com esse sentido mentiroso, falso e caluniador já vem sendo de longa data feita pelo judeu, que quer apagar a memória da experiência e dos feitos dos povos cristãos. Seu ideal é transformá-los em gado e gado não tem história...

Felizmente, possuímos pesquisadores sérios e independentes que dedicam-se ao estudo da história, mostrando-nos as disparidades que existem entre a chamada história “oficial” e a história verdadeira. O estudo do passado, dos ancestrais, é um passo necessário para todo aquele que queira entender o presente e planejar o futuro. Quando a história é falseada, temos povos desnorteados que repetem erros que poderiam ser corrigidos e ignorantes que rejeitam fórmulas corretas, como o nacionalismo europeu da década de 30.

{91} Criação de compartimentos estanques e limitação de inteligência pela particularização.

{92} O método pedagógico predominante, hoje em dia, é realmente o ensino pela imagem. Enquanto você lê, é obrigado a construir em sua mente a imagem daquilo que estuda, ou seja, é obrigado realmente a pensar para compreender. Quando aprende pela imagem, a única necessidade é assimilá-la e gravá-la mnemonicamente. Hoje, com as chamadas vídeo-escolas, procura-se oficializar esse meio pedagógico. O resultado, já sabemos, serão pessoas desabituadas a pensar por conta própria, verdadeiros “animais dóceis” ou melhor dizendo, seres estúpidos a serviço dos gerenciadores do poder educativo. Mais uma vez, seria apenas uma coincidência?

{93} Não é segredo que atualmente a classe dos advogados trabalha muito mais sobre falhas processuais do que sobre as características subjetivas dos demandistas. Ou seja, uma falha processual ou mesmo uma lacuna da lei pode

levar um criminoso à absolvição (e na maioria das vezes o leva). Isto porque as leis não são feitas por juristas, e sim por leigos. O Poder Legislativo **nunca** poderia estar desvinculado do Poder Judiciário, pois geralmente os juízes e os tribunais têm suas mãos atadas pela má qualidade das leis formuladas. Se as leis fossem criadas por pessoas que têm conhecimento do processo legal, ou seja, se fosse permitido acesso ao Poder Legislativo apenas a bacharéis, advogados e juízes de Direito, viveríamos certamente, senão numa sociedade mais justa, ao menos numa sociedade cujo procedimento judicial seria muito mais exato e rigoroso. Porém, hoje em dia, quem cria as leis são pessoas ignorantes, muitas vezes com baixa escolaridade, geralmente sem nenhuma moral, eleitas pelo povo ignorante através do sufrágio universal (voto livre). Além disto, o problema não é a classe de advogados, como se fez acreditar, mas sim a liberdade que se dá para que pessoas despreparadas exerçam a advocacia e para que maus caráteres façam uso das lacunas legais e falhas processuais para atingir objetivos mais financeiros que sociais.

{94} Como se vê, a intenção do Sionismo não é destruir somente o Cristianismo, mas **todas** as formas de religião. É bom frisá-lo porque os cristãos costumam dar muita importância para si próprios e desprezar as religiões alheias. O Judaísmo sempre condenou o Cristianismo como a um "filho bastardo" e se o condena tanto, além desta razão, é porque o Cristianismo de fato é a religião universalista que atinge maior número de pessoas no mundo inteiro (eis onde reside sua importância). Porém, todas as religiões estão na mira do Sionismo e, percebe-se pela atual tendência da Nova Era, que o método de dissolução é sempre o mesmo, ou seja, penetrar no seio da religião e destruí-la por dentro, acabando com suas características intrínsecas. Todas as religiões da Nova Era levam a um único caminho, a tal Era de Aquário, de onde surgirá o tão infame Anticristo ou Rei de Israel.

{95} As Instruções Secretas das Altas Vendas Carbonárias apanhadas pela polícia do Papa Gregório XVI, em 1846, publicadas por Crétineau-Joly no seu formidável livro "L'Église Romaine en face de la Révolution", dizem o seguinte: "O Papa, seja qual for, não irá nunca às Sociedades Secretas. Estas é que devem dar o primeiro passo para a Igreja, a fim de vencer a ambos... O trabalho que vamos empreender não é obra para um dia e mesmo para um século; mas, em nossas fileiras, o soldado morre e o combate continua..." E mais: "Que o clero marche sob o vosso estandarte, julgando sempre marchar sob a bandeira das chaves apostólicas". Quantas vezes, enganados, membros do clero não têm marchado à sombra do pavilhão negro do Anticristo, pensando que é o lábaro de Nosso Senhor?!

{96} Parece que, no projeto Sionista, prevê-se que o Rei dos Judeus sairá do meio dos próprios cristãos, evidenciando que o Vaticano produzirá o novo Anticristo. Por isso, é bom tomar-se cuidado, principalmente, com as lideranças que surjam de entre os cristãos. Corre-se o risco de se seguir o lobo em pele de ovelha, ou a "prostituta embebedada do sangue dos santos", como se prevê no Apocalipse (Revelações) da Bíblia.

{97} O que a imprensa tem feito e continua fazendo nesse sentido, a aumentar constantemente o diapasão do escândalo, confirma categoricamente os "Protocolos".

Leiamos, para ter uma idéia do papel da imprensa judaizada, alguns trechos de "La Presse Française", artigo magistral de Urbano Gobier, publicado no "Patriote" de Montreal e transcrito em "La Libre Parole", de Paris, n° de abril de 1936: "Conforme à natureza e à política judaicas, a *grande imprensa* da França é a mais venal do mundo inteiro. Todos os governos e todos os financistas sabem demais disso. As revoluções que se processaram na Europa depois de 1914 abriram os arquivos de várias potências e forneceram a esse respeito provas tão numerosas quanto infamantes. Além disso, a *ditadura judaica* logicamente aplicou à imprensa o programa dos 'Protocolos'. Se não me engano, o 'Patriote' reproduziu no ano passado os capítulos desse documento relativos aos jornais. Nos capítulos V e XI indicam-se as medidas que se devem tomar para privar os *goiym* de informações úteis, para enchê-los de notícias espantosas e de teorias embrutecedoras, de modo a desconcertá-los, extraviá-los e embrulhá-los tanto que se sintam como que 'perdidos num labirinto', acabando por se afastarem completamente da política e deixar o lugar vago àqueles, os judeus, que *devem* dirigir os negócios públicos. Nunca um plano foi melhor seguido.

Tomo, ao acaso, um dos maiores jornais da França (1.500.000 exemplares diários), lido pelas classes médias, o número é um impresso em dez páginas e 70 colunas, 47 colunas contêm anúncios pagos pela tarifa comum. Cinco colunas contém os anúncios disfarçados, pagos muito mais caro e é o que o leitor jamais conhecerá, o silêncio. Na primeira página, dez fotografias: ministros, assassinos e seus advogados, estrelas dos cinema, cães premiados em uma exposição, cavalos vencedores de corridas; de mistura, dois pequenos artigos completos e sete começos de artigos, cuja continuação é indicada a: 2ª. página, 1ª. coluna; 4ª. página, 3ª. coluna; 5ª. página, 1ª. coluna; 4ª. página, 3ª. coluna; 5ª. página, 7ª. coluna; 5ª. página, 3ª. coluna; 6ª. página, 7ª. Coluna, *et coetera...* É mais do que evidente que o leitor, na rua ou no ônibus, no restaurante ou no bonde, não poderá abrir quatorze vezes a imensa folha de papel para estar procurando o fim do primeiro artigo, voltando ao segundo, indo ao fim deste, tornando ao terceiro e assim por diante. Não; ele lê os trechos do início, lerá mais tarde os fragmentos das continuações e fará no seu pobre cérebro uma horrenda salada de dissertações econômicas, infanticídios, folhetins e contos alegres, notícias mundanas, informações políticas, anúncios de produtos farmacêuticos, crônicas urbanas, resumos financeiros, roubos e furtos, novas e prognósticos esportivos. Quando tiver absorvido tudo

isso, poderá meter as mãos na cabeça e verá que não sabe *exatamente nada...*

O conflito de Mussolini e Négus, a briga duma cabotina com seu empresário teatral, os socos dum turista americano numa dançarina bêbeda dum cabaré em Montparnasse, introduzidos no seu espírito no mesmo plano, em gravuras do mesmo formato, em pedaços separados e misturados com um cocktail, tomarão valores idênticos e o deixarão aparvalhado. Ainda por cima, todas as coisas lhe são apontadas por meio de abreviações misteriosas; a ação dos C.D.H., a polêmica da F.S.I. com o departamento da I.S.R., a filiação da A.D.G.B. à Internacional de Amsterdã, o domínio dos políticos belgas sobre o I.O.S. e o P.O.B., as negociações do C.C.N. da C.G.T.U. com o E.G.T. da C.G.T.P., as iniciativas da D.R.A.C., da O.R.I.M., da F.S.J.R.L., a cisão entre a S.S.S.S. e a F.F.P.H.. Como poderá ele lembrar-se, sem desfalecer, que a F.I.D.A.C. é a Federação Interaliada dos Antigos Combatentes; que a S.T.C.R.P. é a Sociedade de Transportes Comuns da Região de Paris; que a L.F.A.C.F. é a Liga Feminina da Ação Católica Francesa? Desiste disso e não quer mais saber de nada, mandando tudo ao diabo, *como desejam os 'Protocolos' dos Sábios de Israel*. Não se interessa mais senão pelo Circuito da França, pelos imundos feitos de Violette Nozières e Oscar Dufrenne, pelo matchs de boxe com suas tramóias e pelos espetáculos, cuja lista fielmente tirei dum número do referido jornal: *Mulheres loucas - Doze dançarinas nuas - Toda nua! - Mulheres nuas - O clube das mulheres nuas - Toda nua, minha senhora! - Carnes nuas - Nus em folia - Com os nudistas - Abarca das moças nuas - O cruzeiro dos nus - A garçonière do Sátiro - Uma noite do Marquês de Sade* - Isto numa só noite em dez teatros e teatrinhos de Paris!...

O apodrecimento de uma grande nação, outrora cristã, organizada pelos judeus, segundo as regras dos 'Protocolos dos Sábios de Israel...'

{98} Parece-nos que o descrédito das forças policiais é uma coisa planejada de muito tempo... Portanto, àqueles que culpam sempre os agentes policiais, pode-se perceber que o problema vem de mais longa data e que esses próprios agentes são viciados no erro, sua impunidade é proposital, sua liberdade excessiva é planejada, justamente para que todos desconfiem da própria polícia.

{99} Daí, sob a ação das forças secretas, arepetição constante de perturbações surtos revolucionários até derrubar o poder pelo seu enfraquecimento completo.

Curioso observar que os sionistas estiveram por trás da grande maioria dos movimentos revolucionários até agora conhecidos. Primeiro, eles ptrocinaram grupos para derrubar o antigo poder ocidental, o poder dos gentios; agora, patroinam grupos para justificar seu poder, para dar razão à repressão dos descontentes que, ingenuamente, se alinham aos movimentos pretensamente revolucionários e são logo detectados. Hoje, não se pode acreditar muito na bipolarização situação-oposição (ou esquerda-direita;

capitalismo-comunismo, bem-mal) pois ambos os lados são faces de uma mesma moeda, o Sionismo. A única alternativa sestá nos grupos que NUNCA conseguiram apoio ou espaço na mídia, pois esses são os grupos realmente revolucionários.

{100} Cuidado com quem pergunta muito, mas nada diz de si próprio. Procure conhecer a fundo seu camarada, procure visitar sua casa, conhecer sua família, fazê-lo falar de si. Pessoas que não se abrem com seus camaradas podem ser infiltrados ou ocultar algo muito grave sobre si mesmo. Nos dois casos, melhor evitar esse tipo de pessoa.

{101} Por isso os sionistas procuram impedir as pessoas até mesmo de pensar. Reprimem de forma tão violenta os opositores de sue poder que geram o medo em qualquer pessoa. O cidadão evita até mesmo de manifestar deu descontentamento em uma conversa informal. Quantas pessoas hoje em dia teriam coragem de se afirmar publicamente como Nacional-Socialistas ou Fascistas?

{102} Mais uma vez, as já mencionadas paranóias messiânicas são exaltadas, pois os sionistas se entendem no dever de salvar as pessoas de si próprias.

{103} S. Luiz, rei da França, conversava com o povo sob o carvalho de Vincennes e o povo sabia que podia queixar-se a ele. O povo brasileiro também sabia que D. Pedro II usava com justiça um *lápis fatídico*. Por isso, o judaísmo elimina os reis...

O contato do governante com o povo sempre foi uma característica das instituições monárquicas européias, enquanto o monarca ainda era eleito pelo seu valor, e não pelas conspirações ou por sua dinastia. Hoje, faz-se propaganda dos “horrores” da antiga monarquia européia, dando-lhe uma imagem de injustiça e ditadura cruel; porém, observa-se que é essa mesma monarquia a que servirá de modelo para os próprios sionistas se chegarem ao poder...

Convém-se observar que o mais perto que chegamos desse antigo sistema monárquico, neste século, foi com os governos de Hitler e Mussolini. Ambos participavam com grande freqüência das paradas públicas, desfilando abertamente ao livre alvedrio dos conspiradores e muitas vezes tomando contato direto com o povo para ouvir suas súplicas, em medidas de claro populismo.

{104} O combate ao Sionismo deve ocorrer HOJE. Sua política de controle de pensamento e repressão aos opositores, como vemos, será impiedosa. Nossa missão é impedir que adquiram o poder total. Depois será muito tarde...

{105} Admite-se e privilegia-se hoje algumas espécies de crimes políticos que visem abalar o pouco do poder conservador restante nos governos, especialmente a violência de esquerda e os ódios separatistas. No Brasil e no mundo, são inúmeros os exemplos de seres vis que são suportados pela Anistia Internacional. Entretanto, outros atos, que visem apenas a liberdade de expressão, sem empregar nenhuma violência, são reprimidos impiedosamente. No Brasil, por exemplo, certos “crimes de consciência”,

como o simples uso da cruz suástica, são punidos com penas mais severas do que muitos crimes horríveis, como o aborto entre outros.